REVISTA DA SEMANA

N. 2 8-1-55 Cr$ 5,00 em todo o

GRANDE OTELO DANÇOU PARA CARMEM



Acostumada a tirar efeitos surpreendentes de um quase-nada, Carmem improvisa êsse adôrno com os cordões de uma cortina do seu apartamento no Copacabana. (Reparem a aliança reforçada que a querida «estrêla» usa).

(Exclusivo da REVISTA DA SEMANA)

GRANDE OTELO VISITOU CARMEM:

(Acabou cantando e chorando)

Texto de CELESTINO SILVEIRA

Fotos de ALBERTO FERREIRA



Uma das mãos e os pés famosos de Carmem Miranda, quando Grande Otelo a visitou: «A sra. sabe, d. Carmem, hoje sou um homem sério!»



Carmem emocionou-se com o presente de Otelo: Um exemplar da 1ª edição de «Tá-hi, p'ra você gostar de mim...» (Bons tempos, nêgo!)

SE existe, no teatro brasileiro, um moço tímido e retraído, incapaz de tomar uma liberdade com o colega de todo-o-dia e procurando guardar as distâncias, mesmo do amigo mais íntimo, êsse homem chama-se Sebastião Prata. Ou melhor, Grande Otelo, apelido que o fêz uma das mais populares figuras da nação. Quando se anunciou a viagem de Carmem, foi dos que não compareceram ao Galeão. E só muitos dias (ou noites) mais tarde, entrou no apartamento 71 do Anexo para visitar sua antiga colega dos «bons tempos» da Urca e da Pampulha.

Durante o dia e a tarde, Carmem e seus parentes entregam-se a um merecido repouso: mesmo porque nenhum artista não perde o hábito de levantar depois do meio-dia, ainda quando em férias. E as dependências da família Miranda começam a movimentar-se depois das sete da noite. Por determinação do dr. Aluísio Sales, deve Carmem Miranda interromper qualquer visita, ainda antes da meia-noite, para recolher-se ao leito. Talvez nem sempre os visitantes, entusiasmados com a presença da «estrêla», fiquem de olhos atentos no relógio e outras vêzes é a própria Carmem quem menos se lembra da hora de recolher: nessas ocasiões com muita habilidade, aparece Aurora lembrando a conveniência de obedecer à recomendação médica e tem início a debandada.

★

Não havia outras visitas quando a cara preta e risonha de Otelo espiou, de mansinho, pela porta entreaberta. A exclamação de Carmem, os braços abertos de parte a parte, a corrida de Otelo em direção à «estrêla» e o abraço por êles trocado, são coisas que não se descrevem. De parte, deixamos que dessem largas, expansivamente, ao reencontro, depois de treze anos. E tirando do bôlso um farrapo de papel, Otelo o desdobrou, passando-o às mãos da eminente colega.

— A senhora dá licença que lhe ofereça esta modesta lembrancinha?

Carmem, recebendo o papel em farrapos:

— Com todo o prazer, Otelo... Mas que vem a ser isto?

Reparando o título da música (era a parte de piano do seu primeiro grande sucesso no rádio):

— «Tá-hi»... Onde foi que você descobriu essa preciosidade, Otelo?



E ali mesmo, Carmem e Otelo mataram saudades do repertório ao tempo da Urca e do «seu» Rolas. Nem parece que os anos passaram!



Pela primeira vez viu Grande Otelo imitar a «Pequena Notável». A princípio ficou de observação, depois acabou rindo gostosamente enquanto Otelo cantava: «Tem brinco de ou ro tem... Tem bata rendada tem... Sandália bordada tem... Requebra como ninguееееееееееееm!»



— Bem, isso não interessa! Interessa é saber se a senhora gostou do presente... Sera que êle vale alguma coisa, dona Carmem?

— Mas se vale! Muitíssimo... Isso toca de perto ao coração da gente... Veja o meu retrato naquele tempo! Eu era um «brôto» nada despresível, hein?

E enquanto Carmem Miranda matava saudades da marchinha de Joubert de Carvalho, cantarolando-a a meia-voz, Otelo ficava feliz: Sabe lá por quanto tempo guardara a partitura de piano do «Tá-hi», para entregá-la, em mão própria, à «dona Carmem» (nada de intimidades...)!

A conversa foi por aí além. Ambos lembravam, agora, um convite feito dos EE. UU., a Grande Otelo, para participar de um dos primeiros «shows» de Carmem e, certamente, logo após, de um filme em Hollywood.

— Até hoje a história não foi bem contada — sublinhou Otelo. Muita coisa foi publicada sem nenhum fundamento: que o «seu» Rolas não dava consentimento, que eu não tinha coragem de topar a parada, mais isto, mais aquilo! Diga a senhora qual foi a razão verdadeira, dona Carmem!

Carmem, prontamente:

— Pois a razão exata foi estar você em apuros, naquela ocasião, com o serviço militar... Sem certificado de reservista, mesmo de 3ª categoria, é claro que não teve consentimento para sair do país. E com isso, «seu» Otelo, perdeu você a maior oportunidade de tôda sua vida, hein? Hoje, seria, «na batata», uma grande figura internacional, cheio da «grana» e de sucessos fabulosos, pois você é homem para isso.

Grande Otelo ouvia acenando afirmativamente, mas sem arrependimento.

— Tudo é o que tem de ser, dona Carmem. Foi pena, eu sei. Depois disso, quantas vêzes a sorte tem sido madrasta aqui com o papaizinho! Contudo (e abriu a dentadura alvíssima) até que podia ser muito pior, como diria a minha prima Jovita da Conceição!

Depois a conversa passou para músicas antigas cantadas por Carmem. Foi Otelo quem lembrou «Que bom que estava», aquela marchinha que dizia assim:

«Que bom que estava
Aquêle abraço
Que me deu ensejo
De sentir a vida
Como um grande beijo!
Que bom que estava
Sem a riqueza!
Mas veio a virada...
Me deram tudo...
E eu fiquei sem nada!»

— Mal comparando... — diz, malicioso, Grande Otelo. Enquanto Carmem mergulhando «maple», lembrava a primeira parte:

Não tinha nada...
Levava a vida à-toa
E sendo assim tão pobre
Eu passava a vida como gente boa
E' que a esperança
Me afagava o coração
E eu andava pelo mundo
A procura de ilusão

Ambos acabaram entuoando a marchinha de um Carnaval antigo, de vinte anos passados, felizes, cismarentos... Foi Carmem quem acabou dizendo:

— Puxa que a letra das marchinhas de antigamente era muito mais letra! Aquilo é que era tempo.

★

Mas não pensem que a «estrêla» tenha voltado saudozista e vivendo de recordações. Tudo foi rápido, porque cinco minutos passados, era ela quem se divertia com as imitações (dela mesma) feitas por Grande Otelo. Ainda por mais de uma hora Carmem e Otelo foram, à vontade, sem a presença de estranhos, os companheiros de outrora na Urca e na Mayrink Veiga.

Naquela noite, quando o dr. Aluisio foi fazer a sua visita diária à doente, há de ter-se surpreendido com as melhoras. Não havia treme-treme nem nada! Otelo, com as suas recordações tão oportunas, fôra o melhor remédio para os nervos da sua antiga parceira.

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 2 — Rio de Janeiro — 8-1-55

REDATOR-CHEFE .... Celestino Silveira
PAGINAÇÃO .... Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Octavio de Faria, Peter Müller, Paulo Soledade, Paulo de Andrade Lima, Antão Pedroso, Hélio Abreu, Sérgio Silveira, Milton Salles, Aôr Ribeiro, Aldney Peixoto, Jovita da Conceição, Demóstenes Varela e Samuel Averbach.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramon, Fortuna, Darel e Maria Teresa.

FOTÓGRAFOS — Arnaldo Vieira, Alberto Ferreira Lima e N. Viana.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS

Grande Otelo visitou Carmem 2/4
A dança é arte viva 6/8
Aparece afinal a mulher do carro azul 12/14
Agnes ofuscou a cidade luz 18/19
Crises perigosas sacudirão o Brasil em 1955 ..... 21/21
De Morte ou de outro planêta 28/29
Dali faz vibrar um coração de pedra 34/35
A propósito dos discos voadores 38/40

● SEÇÕES

Puxe pelo cérebro 10
Flash Paulista 16
Música 17
Por êsse mundo de Deus 22/23
Modas 26/27
Femininas 32/33
Palavras Cruzadas 36
Show 37
Literária 41
Último Flash 52

● LITERATURA

Crônica — Adalgisa Nery 3
O flor do oceano — Maria do Carmo G. Cavalcânti 24/25
Maria 30/31

● HUMORISMO

Fortuna 54/55

● CAPA

Carmem Miranda

(Foto exclusiva para «Revista da Semana»)

Êste número consta de 56 páginas



Desenho de MARIA TEREZA

TOMA QUE O FILHO É SEU

● Apareceu às vésperas de um carnaval passado um samba que dizia: «Toma que o filho é seu». Agora na gloriosa Inglaterra, um caso de mães com filhos trocados sugeriu-me a letra do samba. Foi um tal de entregar e retirar os filhos uma da outra que necessário se fêz uma análise de laboratório para saber a quem pertencia na verdade os respectivos rebentos. Afinal as mães se acomodaram com a palavra da ciência e hoje vivem na paz do Senhor e até resolveram residir juntas.

● Apesar dos esclarecimentos definitivos eu creio que elas estão em grande dúvida sôbre a verdade. Se assim não fôsse, qual a razão de mudança de residências numa época difícil? Apenas com o intuito de aproximação por mera simpatia? Não podem viver longe dos filhos que a ciência declarou não ser carne das suas carnes? Porque? Requintes de civilização inglêsa? Não. Para mim há conflitos secretos nessas duas mulheres. Vamos ter confusões e quando fizerem uma charada, certamente êsse caso servirá como elemento para forçar o pensamento à adivinhação.

● Uma coisa entretanto surgiu no meu espírito: onde está o decantado faro de mãe? Creio que elas não poderiam errar na hora da identificação aos filhos. Pelo olfato do instinto maternal elas reconheceriam imediatamente, sem estudos de laboratório, o cheiro da carne das suas carnes. Eu sempre espalhei dúvidas no meu espírito sôbre a infalibilidade das virtudes da maternidade e agora com êsse acontecimento vindo de Londres, a minha dúvida é capaz de transformar-se na certeza em contrário.

Para mim é bem possível que as crianças sejam filhos de outras mulheres que estavam em outra maternidade. Estou colocada entre as mães por isso opino com tôda a sinceridade em relação ao tabu da infalibilidade da percepção materna.

ADÁLGISA NERY

No Teatro Municipal:



Êste grupo, no qual aparece o elenco do Festival, reproduz um dos instantes culminantes da dança: pela elegância, exprime a alta classe do «ballet».

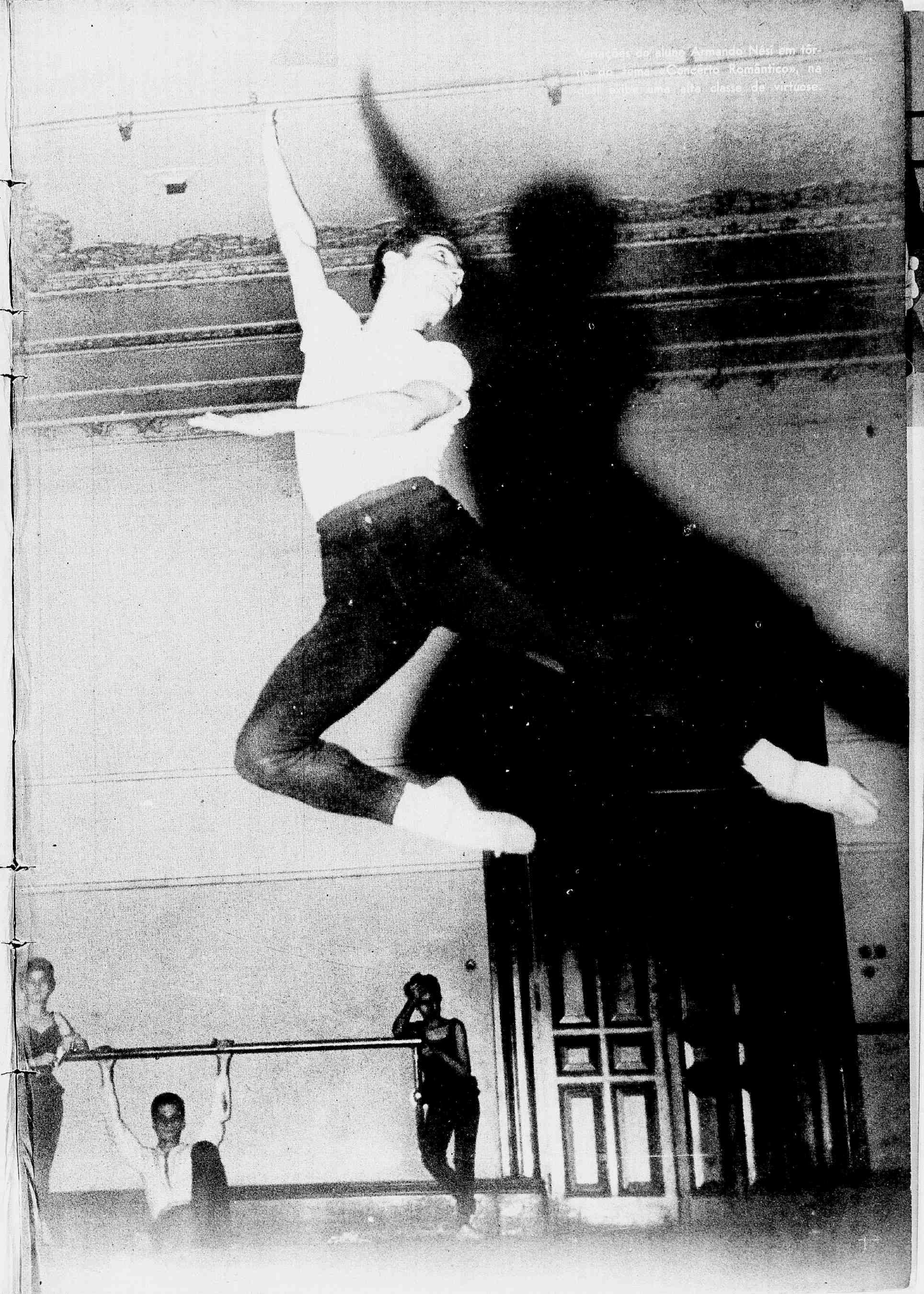
A DANÇA É ARTE VIVA



Pose especial, na qual se pode apreciar fartamente a elegância do ritmo e a coerência dos movimentos.

Demonstração que é um atestado — Arte, graça e juventude — O que estão fazendo os alunos da Escola de Dança — Movimento e ritmo.

A Escola de Dança do Teatro Municipal é hoje um atestado do que melhor possuímos no gênero. Alcançando um alto nível artístico, graças aos esforços de seus orientadores, pode sem nenhum desdouro equiparar-se ao que se está fazendo nas capitais mais cultas da Europa. Ainda recentemente agradou plenamente o espetáculo da Escola de Dança do Teatro Municipal, cuja finalidade é preparar bailarinos para o Corpo de Baile da Prefeitura. Tomaram parte as classes adiantadas, em «ballets» especialmente preparados por Dennis Gray, o brilhante coreógrafo. O programa apresentou «Concêrto Romântico», música de George Ribalowski, «Divertissements», música de diversos autores e «Cinderella», música de Lanner, orquestração de Francisco Mignone. Os jovens bailarinos atuaram com segurança e aproveitamento artístico, sendo difícil destacar os mais aplaudidos, a não ser alguns solistas, cujos nomes guardamos: Eleonora Oliosi, Armando Nési, Terezinha Moureira Goulart, Marília Oliveira Chaves, Osvaldo Senra Jr., Luzia Garro Moura, Marli Alves, Eloísa Oliveira Menezes, Caliope Venieri, Jeorgeana Guedes Corvelo.



Variações do aluno Armando Nési em tôrno do tema «Concerto Romântico», na qual exibe uma alta classe de virtuose.

DANÇA É ARTE VIVA



O clássico «pas de quatre», mostrado pelos alunos do Festival em ritmos perfeitos e coordenados.



Aqui está com elegância uma pose sensacional do «Arlequim trovador».

Helena Oliveira Lobato, Judis Litowski, Iara Soares Barbosa, Precilda Pinotti, Irene Orazem, Erivaldo Cavalcânti.

A orquestra do Teatro estêve sob a direção do maestro Henrique Nuremberg, notando-se, ainda, os luxuosos cenários e costumes de Maria Rocha. Excelente contribuição do «regisseur» Américo Pereira, de Carlos Marchese e Mário Conde.

Está pois de parabéns, o Brasil, pelo excelente conjunto que possui.



As 3 solistas: «Concêrto romântico», Eleonora Oliosi, «Cinderela», Iara Soares Barbosa e a «Fada», também de Cinderela, encarnada por C. Vinieri.



Agora surgem nesta foto todos os alunos do Festival, numa pose que é uma clara demonstração do alto virtuosismo a que a Escola conseguiu atingir.

NATAL, ANO NOVO E VIDA NOVA TAMBÉM

PETER

Chegou o Natal e, quando esta revista estiver nas bancas, já terá passado o ano de 1954. E' tempo de fazer os planos para 1955, aniversariar de novo, noivar, criar os filhos, plantar árvores e, às vêzes, tentar novo casamento. Até mesmo outra profissão pode ser, em 1955, sem prejuízo do ano que morreu. O nascimento do bebê foi comemorado, com grande habilidade do Barão Stuckar, no próprio dia primeiro, enquanto as outras casas, como o Copacabana, fêz seu excelente Ano Novo de 1 para 2. Assim aconteceu também em casa da sra. Loreto Lage, nesse ano cem por cento Eucarístico, com apêlo muito bem atendido para que não fôssem feitos "revellons" de 31 para 1º. Em Cabo Frio, vários amigos se reuniram para fazer a grande festa, a primeiro do ano, drincando-se à saúde dêsse grande pescador (quase quebra o recorde mundial de ôlho de boi) sr. Beti Faria. Em casa de pescadores, brindes aos campeões. E eu fiquei com grande pena de não ter podido ver de perto êsse Natal das praias de Cabo Frio, atendendo ao convite da sra. Lourdes Faria, mas, do alto desta máquina, paro um pouco de escrever e levanto um brinde à família, extensivo ao sr. e sra. Joaquim Guilherme da Silveira e sr. Raimundo de Castro Maia que estiveram juntos. Não me esqueço, também, do Betisinho e de Adalgisa. Fico longe de corpo e perto de amizade.

★ GÊMEOS — Acabaram de nascer os filhos do casal José Augusto de Almeida, trata-se de uma dupla de gêmeos, Felinto e Flávia. Conta-se que a sra. Maria Luiza de Almeida não sabe qual vai atender, quando os dois choram.

★ **A EUROPA — Chegando ao Brasil para passar 15 dias, aqui demorou-se por mais de 3 meses a sra. Beagina de Fawes. Muito simpática e fazendo um gênero estranho, fêz com que o sr. Penido perguntasse se ela era uma existencialista. Foram levá-lo ao aeroporto, os srs. Fernando Ferreira, Serginho Figueiredo e Pithon.**

★ NO ESPETÁCULO DO VÁLTER — No espetáculo do sr. Válter Pinto, elogiável por todos os aspectos, (estofamento das cadeiras e colocação do ar refrigerado) cabem duas restrições: a falta de uma vedete (poderia ser uma Virginia Lane) e aquêles sinos na música que serve a um quadro de pretos. No mais, o espetáculo agrada completamente.

★ **NOITE DE NATAL — Como acontece todos os anos, compareci para tomar minha taça de «champagne» em casa do senador e sra. Georgino Avelino. Ceia íntima, com uns poucos convidados e a família tôda reunida, com filhos e netos.**

★ O CASAL G. DE OLIVEIRA — Numa bonita noite, o casal Gualberto de Oliveira recebeu vários amigos no belíssimo apartamento. Gravata preta, decote, dança e música. Uma reunião perfeita, como tôdas que os Gualberto fizeram até hoje.

★ **CEIA DE NATAL — No dia 23, a srta. Maria Cecília Mota Maia recebeu um grupo de amigos para um jantar, em sua residência. Ceia de Natal.**

★ CARTA A SUA EMINÊNCIA — Em atenção ao apêlo que foi feito por Sua Eminência, Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, o sr. Joaquim Rolla, na direção do Hotel Quitandinha, dirigiu carta ao chefe da Igreja Católica no Brasil, comunicando que aquêle estabelecimento havia adiado seu «reveillon» para o dia primeiro.

★ **NOITE DO SAMBISTA — Numa noite realmente bonita, compareci ao Clube da X Chave para assistir a apresentação da Academia de Samba de Zé Kerti, compositor de várias músicas gravadas. O conjunto é bastante homogêneo, faltando apenas um pouco mais de ensaio. Há um excelente passista de nome Paulinho.**



Êles são duas chaminés.

★ O CHÁ NO LAGOINHA — Foi muito concorrido o chá e o «show» oferecidos pelo Lagoinha Country Club. O clube de Santa Teresa está tendo grande procura.

★ **DOMINGO É DIA — Hoje em dia, principalmente defronte à casa dos Catão, pode-se encontrar, num domingo de sol, quase tôda nossa Sociedade fazendo uma prestação de contas com o ar livre. Entre muitas outras pessoas que vimos domingo, destacamos a presença da simpática sra. Jayme Bastian Pinto.**

★ VIRGÍNIA LANE — A vedete brasileira, Virgínia Lane, depois de sua apresentação no teatro João Caetano, irá para a Argentina, onde filmará ao lado do cômico Pablo Palitos. Farão uma fita cômica musicada. Palitos estêve no Urca, há muitos anos.

★ **MAIS DOIS E OS DISCOS — Na véspera de embarcar para São Paulo, o simpático casal Roberto Suplicy estava passeando de carro, justamente defronte ao Rian, quando êles avistaram no céu um objeto luminoso em forma de charuto. Pararam para ver melhor e ainda puderam assistir por segundos, àquele estranho espetáculo. Logo depois, a «coisa» sumiu. Na calçada, outras pessoas também afirmaram que haviam visto o disco. Mas, saindo dos discos e voltando ao casal Suplicy, fui informado de que êles estão de malas prontas para a Argentina.**



Êles esperam o espetáculo.

ESTRÉIA DO «SACHA'S»

Depois de grande espera, vários adiamentos e muita curiosidade, inaugurou-se, com grande "souper" oferecido pela sra. Irene Guinle, o bar "Sacha's" que tem um sobrenome que a gente nunca se lembra de citar. No dia seguinte, compareci e registrei a presença de diversas pessoas do nosso "Café Society". Sôbre a beleza da decoração de Maria Celina Simon não preciso acrescentar nada. Já esgotei os adjetivos. Mesmo a luz vermelha que temia viesse a prejudicar a pintura das senhoras, uma vez funcionando, certifiquei-me de que meus temores não tinham fundamento. Quanto ao Lurçat, não sou eu quem vai falar novamente. Já disse antes que era impressionante , com um motivo que vem justamente a calhar. Bem, existe ainda a simpatia do pianista Sacha. O bar tem tudo a favor, o resto, isto é, se vai pegar ou não, só o tempo dirá.

SALVE 1955 SALVE

QUERIDAS FÃS

eu que tenho o poder de eliminar sardas, espinhas, manchas e tôdas as imperfeições da pele...

eu que tenho o poder de renovar as células envelhecidas e cansadas da sua cútis...

eu que tenho o poder de evitar e fazer desaparecer as rugas precoces...

eu que tenho o poder de fortalecer e vivificar a pele, fazendo-a readquirir a elasticidade perdida...

eu que tenho o poder de conservar a sua pele assetinada e seu rosto sempre jovem...

eu que tenho o poder de deter a marcha do tempo sôbre sua cútis...

eu que tenho o poder de prolongar a sua mocidade...

eu que sou a fada protetora da cútis feminina — agradeço a preferência que me deram durante o ano que se finda, almejando a tôdas um FELIZ NATAL e NOVO ANO exuberante de saúde, ventura e prosperidade

eu sou — ANTISARDINA

a melhor e mais fiel amiga da beleza feminina

INDÚSTRIAS ANTISARDINA LTDA.

Cumprimentam e agradecem aos seus amigos, fregueses, consumidores e favorecedores, transmitindo a todos os votos de FELIZ NATAL e PRÓSPERO ANO NOVO

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Quantos deuses admitiam os atenienses:
- **— Um?**
- **— Cinco?**
- **— Vários?**

2—Qual é o primeiro autor antigo que fala do elefante:
- **— Heródoto?**
- **— Platão?**
- **— Homero?**

3—De que parte do mundo veio a amêndoa:
- **— Da Austrália?**
- **— Da Ásia?**
- **— Da África?**

4—Como se chamava o bobo de Francisco I:
- **— Zapata?**
- **— Triboulet?**
- **— Mendave?**

5—Quem é presumível autor de «Arte de Furtar»:
- **— Padre Manuel Bernardes?**
- **— Anchieta?**
- **— Vieira?**

6—Quem escreveu na areia um poema de 20.000 versos dedicado à virgem:
- **— Anchieta?**
- **— Nóbrega?**
- **— Bartolomeu de Gusmão?**

7—Qual foi, no Brasil, a figura política que mais protegeu as artes:
- **— Pedro I?**
- **— Deodoro?**
- **— Pedro II?**

8—Qual foi o poeta alemão que enlouqueceu num trem de ferro:
- **— Goethe?**
- **— Brentano?**
- **— Lenau?**

9—Quem era Hudson Lowe:
- **— Carcereiro na Bastilha?**
- **— Governador de Santa Helena?**
- **— Príncipe na Europa?**

10—Em que ano Napoleão entrou em Moscou:
- **— 1800?**
- **— 1798?**
- **— 1812?**

11—Qual foi o escritor que morreu envenenado pelo gás:
- **— Flaubert?**
- **— Zola?**
- **— Alexandre Dumas?**

12—Qual o pintor que se exilou numa ilha dos mares do Sul:
- **— Gauguin?**
- **— Van Gogh?**
- **— Cezanne?**

13—Quem inventou o «transformador marciano»:
- **— Edison?**
- **— Marconi?**
- **— Santos Dumont?**

14—Qual o poeta conhecido como o pai do «indianismo» no Brasil:
- **— Fagundes Varela?**
- **— Gonçalves Dias?**
- **— Castro Alves?**

15—Qual foi o romancista que escreveu a «Cabana do Pai Tomás»:
- **— Fenimore Cooper?**
- **— Beecher Stowe?**
- **— Edgard Poe?**

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Vários; 2 — Heródoto; 3 — Da Ásia; 4 — Triboulet; 5 — Vieira; 6 — Anchieta; 7 — Pedro II; 8 — Lenau; 9 — Governador de Santa Helena; 10 — 1812; 11 — Zola; 12 — Gauguin; 13 — Santos Dumont; 14 — Gonçalves Dias; 15 — Beecher Stowe.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......

NOME ....

RUA .... Nº. ....

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10

Telefone: 35-41-95

Endereço telegráfico: Windsorhotel

SÃO PAULO

RECADO PARA GRANDE OTELO

JOVITA DA CONCEIÇÃO

● A Jovita, às veis é filósofa. E quando filosofa, olha pros parente. Por insemplo, o meu primo Grande Otelo não anda bão. O moço perdeu tempo, e agora qué andá as carrera...

Não dá, primo; pra quê corre?

Assim como você tá com mêdo, também tem muito mais gente com mêdo, e não sabe de que, como você também não sabe. Uns correm porque tem que corrê, outros correm sem saber porque.

Olha pra dentro de você, primo Otelo. Não tenha mêdo, desta severidade, que transparece nos olhos, que olham pra você. Êles talvez não tenham a fôrça interna que você tem... Você traz na alma a alegria jocosa do Saci Pererê, o coração terno do negrinho da Sinhá, que é travêsso mas não é mau. E se não chegasse, primo Otelo, você que tem na alma, a ânsia de tôdas as liberdades dos filhos de Agar, no deserto cantando, as vozes d'Africa, encarna a figura sofrida, aquela no Negrinho do Pastorejo, milagreiro e bom, campeando em vão, a felicidade dos homens nas terras de Deus...



● *A Jovita foi num avião da Panair domingo. Chegou em Belo Horizonte. Assim de cara, encontrou o primo Grande Otelo, que foi vê o aniversário de Belo Horizonte, e foi pra Rádio Guarani. Foi o programa "Cinemas da Cidade". Todo bom. O Tibau falou pelos cotovelos, o primo atendeu o telefone, tudo legal. Dispois, foi aquêle mimo, que é o Aquarium Bar Boite, a fidalguia do Hipólito, a gentileza da d. Walewska, lá na Pampulha a casa de campo convidando a gente a ficar socegado sob a proteção do Pai Joaquim, a volta, passando pela igreja do Portinari que o Bispo disse que não vale, no Hotel Financial, a camaradagem do Milton, lá da Rádio Inconfidência, a Mariusa do Ciro Monteiro, o programa de auditório, animação cem por cento — parabéns e obrigado às fãs das alterosas — Tutu à mineira no Taniolo e aconteceu o "show" na boite. Muita vibração. A moça cantou o Taboleiro da Baiana com o primo Grande Otelo, o Rochinha ouviu embevecido a voz do sempre Lúcio Alves, dali a Jovita foi dormir.*

O avião da Panair, viagem maravilhosa...

Acho que o primo vai pro "show" da segunda feira. Êle não é doido.

E' Belo Horizonte, até já...



Maria Fernanda



Paulo Gracindo

NOTICIÁRIO

★ O meu primo Romão da Silva, danou-se! Não visaro o passaporte do crioulo, prá sair do Brasil rumo a Pôrto Rico. Não entendi nada. A Jovita é meio burra, sabe? Por que é que não se pode às veis sair do Brasil, pra no Pôrto Rico dançá o Sarapico? Que é que a terra do cinema tem com a terra do Girimum e com a terra do Pôrto Rico?

★ O Carlos Machado ofereceu o «show». «Êste Rio Moleque», pra nóis da especializada. A Jovita ficou satisfeita, porque a D. Sarah Borba e o Van Jaffa, gostaram e foram cumprimentar o primo Grande Otelo. E Eneida foi lá também e escreveu uma crônica bonita! Cheia de Sol.

★ Ô gente, sabe que até que tá bom o tal de Clube de Ritmos? Boa revistinha. Tem letra de tudo quanto é música. Tá de parabéns o seu Daniel Taylor. Sim sinhor...

★ A Jovita conheceu lá no Ministério da Educação, imenso na simplicidade do seu valor inconteste, o poeta Manoel Bandeira. Qualquer hora destas, a Jovita vai lá na casa do Poeta.

★ A Jovita lê a «Tribuna de Imprensa». Dai, ficou sabendo — D. Claude Vincent contou — que existe o Teatro do Jornalista, que vai montar uma peça do seu doutor Carlos Lacerda, com a D. Maria Fernanda e mais o Solano e mais muita gente. A Jovita é jornalista e vai querer montar uma peça lá naquele teatro. Aonde é?

★ A Jovita sabe que vai acontecer, o Paulo Gracindo na antiga Boite Perroquet, com o Chocolate na direção artística, o Luís Vassalo na madrugada, sob a direção artística do Germano Cazuza Peladinho, e o Ivaná, o maior travesti que a Jovita já viu nestes dez anos, lá no Teatro Recreio, pra reforçar a badalação do seu Válter Pinto. Tá na cara que a Jovita sabe é de coisa. E' ou não é?

★ O primo Grande Otelo estreiou quarta-feira no programa «Vai levando», escrito pelo fenômeno Chico Anízio. Foi bonito. A Jovita gostou.

★ O elenco Raul Roulien vai atacar agora para os lados de Belo Horizonte. D. Zirca Salaberry também vai no lote. Tomara que dê certo. O Mariozinho não gosta de nada errado...

★ A Jovita gosta! As Escolas de Samba da Nacional e da Mayrink, tão numa competição que dá gôsto. Vamo vê qual das duas é melhor. No fim, tudo é movimento. E a Jovita gosta...

★ Germano Cardoso, lá do Rádio Paulista, faz parte da comissão do Quarto Centenário. É um dos organizadores do concurso mais sentimental que a Jovita já teve notícia: Concurso de cachorro vira-lata...

★ Tá ruim. A Jovita decididamente não tá gostando mais do «Balança mas não cai», é o negócio da água parada. Não é possível.

★ O fenômeno Chico Anízio andou meio bombardeado. Mas já tá legal e pras cabeceiras. Vamo simbora broto!...



IMPOSSÍVEL o ataque pela direita — Entraria em choque com as primeiras declarações de Ana Candiani e não justificaria a presença de Gonçalves...

ONZE MESES DE MISTÉRIO NO CRIME DA NOVA CAMPINAS (2)

APARECE, ENFIM, A MULHER MISTERIOSA TESTEMUNHA DO CARRO AZUL

PAULO GONÇALVES CONTINUA AFIRMANDO ESTAR INOCENTE DA MORTE DE IRINEU BERNARDO AGOSTINHO ★ WANDA, UM NOME DE MULHER QUE CAIO MÁRIO QUÍS CONSERVAR NO SIGILO ★ LÁGRIMAS E NERVOSISMO DE ANA CANDIANI ★ QUEM É NA VERDADE A ÚNICA TESTEMUNHA DO CRIME ★ DESFEITA A HIPÓTESE DE UM TERCEIRO PERSONAGEM

Reportagem de
ALDERABAN CAVALCÂNTI

O misterioso assassinato de Irineu Bernardo Agostinho num bairro da cidade de Campinas, dentro de seu próprio automóvel Opel bege, continua suscitando dúvidas, envolto ainda em mistério.

As contraditórias declarações de Ana Candiani, única testemunha do assalto e o fato de muitas pessoas não quererem tomá-la como assassina de seu antigo companheiro de pensão, alegando não ter Ana fôrça para matar um homem com um golpe de faca, e a atenuante de ter ela procurado refúgio na casa do sr. Moreira para, depois, pedir socorro, caso Irineu estivesse sendo agredido, criou a hipótese de um terceiro personagem. Isso viria explicar pontos obscuros, como o da presença de sangue humano na manga esquerda do paletó de Irineu, que estava dobrado sôbre o banco trazeiro, de forma a não permitir que tal ocorresse. Também ficaria esclarecida a presença de salpicos de sangue na parte traseira do assento onde estava Ana, lugar que dificilmente receberia sangue saído da mão esquerda ferida de Irineu. O ataque pela direita ficaria explicado, conforme determina a lesão mortal, não precisando mais forçar o canhoto Paulo Gonçalves a representar a cena de ataque pela esquerda sòmente para seguir o «esquema Ana Candiani» de assalto ao Opel bege e conseqüente morte de Irineu.

Aconteceu que essa hipótese de um terceiro personagem foi desfeita pela própria Ana Candiani e em circunstância que sòmente agora vem a público, por nosso intermédio.

MULHER MISTERIOSA DO AUTOMÓVEL AZUL

Até o domingo 18-11-54, permaneceu em segrêdo o nome da mulher que estava em companhia do sr. Caio Mário Siqueira Stevenson, dentro do carro azul que estivera no local do crime minutos antes da trágica ocorrência. E' que a sra. Wanda é uma mulher de responsabilidade, já com vários filhos e não quís declarar seu nome na polícia para que servisse, também, de testemunha. Acontece que essa D. Wanda resolveu visitar Ana Candiani logo que esta saiu do Sanatório Santa Isabel e contar-lhe que a vira realmente naquela noite em companhia de Irineu, dispondo-se a afirmar, onde quer que fôsse preciso, estarem sòmente duas pessoas dentro do carro, desfazendo, assim, a possibilidade de um terceiro personagem que muitos criaram na vã tentativa de esclarecer o mistério da morte de Irineu. Essa afirmação de Ana sôbre a visita de Wanda foi feita à «Revista da Semana» diante da sra. Maria Frizon que também afirmou ter falado com Wanda, não carecendo, pois, de nenhuma dúvida.

Mas essa situação não veio melhorar em nada o caso pois se as portas do carro estavam fechadas e no lado esquerdo o vidro subido, deixando apenas espaço para entrar o ar, dificultando a entrada de um braço humano, como poderia um agressor ferir, mortalmente, no peito, sua vítima?

Se o corpo de Irineu se achava voltado para a direita, com a cabeça contra a porta esquerda, onde deveria estar o agressor, temos a penosa impressão de que o rapaz se entregou ao criminoso, quando podia ter acelerado o carro ou usado de um recurso qualquer, já que êle teve a iniciativa de simular um pedido de revólver a Ana, sabendo não tê-lo dentro do carro. Concluímos que Irineu ofereceu o peito ao criminoso.

A VERDADEIRA ANA CANDIANI

Ana Candiani foi a única testemunha do crime do Opel bege, na noite de janeiro de 1954, é capaz de resistir a bons interrogatórios, sem dizer a verdade como o fêz quando interrogada sôbre suas relações com Irineu, afirmando ser virgem, sòmente voltando atrás



ONZE MESES depois, Ana Candiani ainda chora e entra em contradições quando o repórter pede-lhe que fale da morte de Irineu, no Opel bege.



O POLICIAL José Antônio de Souza trabalhou 24 horas no caso mas não quis falar sôbre as diligências, desconversando quando perguntado...

quando já lhe era impossível mentir, em presença do seu amante, que ali estava para dizer a verdade. Funcionária da CAP da Mogiana, ganha 1.400 cruzeiros, paga 800 de pensão. Passou algum tempo negociando com bijuteria, à prestação, para ganhar mais um pouco. E' perigrinadora de consultórios médicos, mística (procura templos católicos e centros espíritas) meditativa e trabalhadora. Conheceu Irineu há mais de quatro anos antes de sua morte e com êsse chefe da contabilidade de Divisão Regional da Secretaria da Fazenda, mantinha ótima amizade, saindo com êle a passear, de carro, em viagens longas, principalmente quando Irineu ia a Sorocaba, ver a família dêle e ela ia a Itu visitar seus pais. De família pobre, mas bem conceituada, Ana, logo cedo, aos 17 anos, sentiu-se infeliz, seduzida por um namorado que a abandonou. Daí para cá a moça passou a sentir-se mal com o mundo, sendo infeliz em seus amôres, sempre com receio de contrair matrimônio. Saindo de Itu, procurou trabalho como telefonista, exercendo essa profissão por mais de 10 anos, até sentir-se esgotada e conseguir o emprêgo em que está hoje. Falando sôbre Irineu, confessa que êle não era seu tipo e que gostava dêle como bom amigo, sempre prestativo ao ponto de ajudá-la, com seu automóvel, a correr a freguesia em missão de **cobrança de** suas prestações de bijuteria. Com 30 anos, Irineu Bernardo Agostinho, a despeito de sofrer grandemente do aparelho digestivo (amebas) gostava de noitadas alegres possuindo grande número de amantes ou admiradoras que o telefonavam. Quando alguém da intimidade de Ana e Irineu insinuava a possibilidade de um casamento entre ambos, Irineu dizia que queria era gozar a vida, levando a conversa para o lado da brincadeira. Na noite do crime Irineu a tinha convidado a um passeio, foram visitar algumas amigas e, depois, deram umas voltas, tendo o rapaz demonstrado o desejo de ir ver o muro do Guarani (estádio) que havia caído. Depois, vendo um defeito na porta direita do carro, Irineu ali estancara (no local do crime) até que surgiu o criminoso. A êste repórter, contrariando a sua afirmação à polícia de que Irineu havia beijado e abraçado Ana disse que apenas estavam com os rostos juntos; Irineu estava fumando um cigarro, tinha o braço direito sôbre o assento onde estava Ana, junto ao pescoço dela.



DE PÉ, JOSÉ BARBOSA, a maior vítima das contradições de Ana Candiani, protesta sua inocência na redação do «Correio Popular».. Muito sofreu.

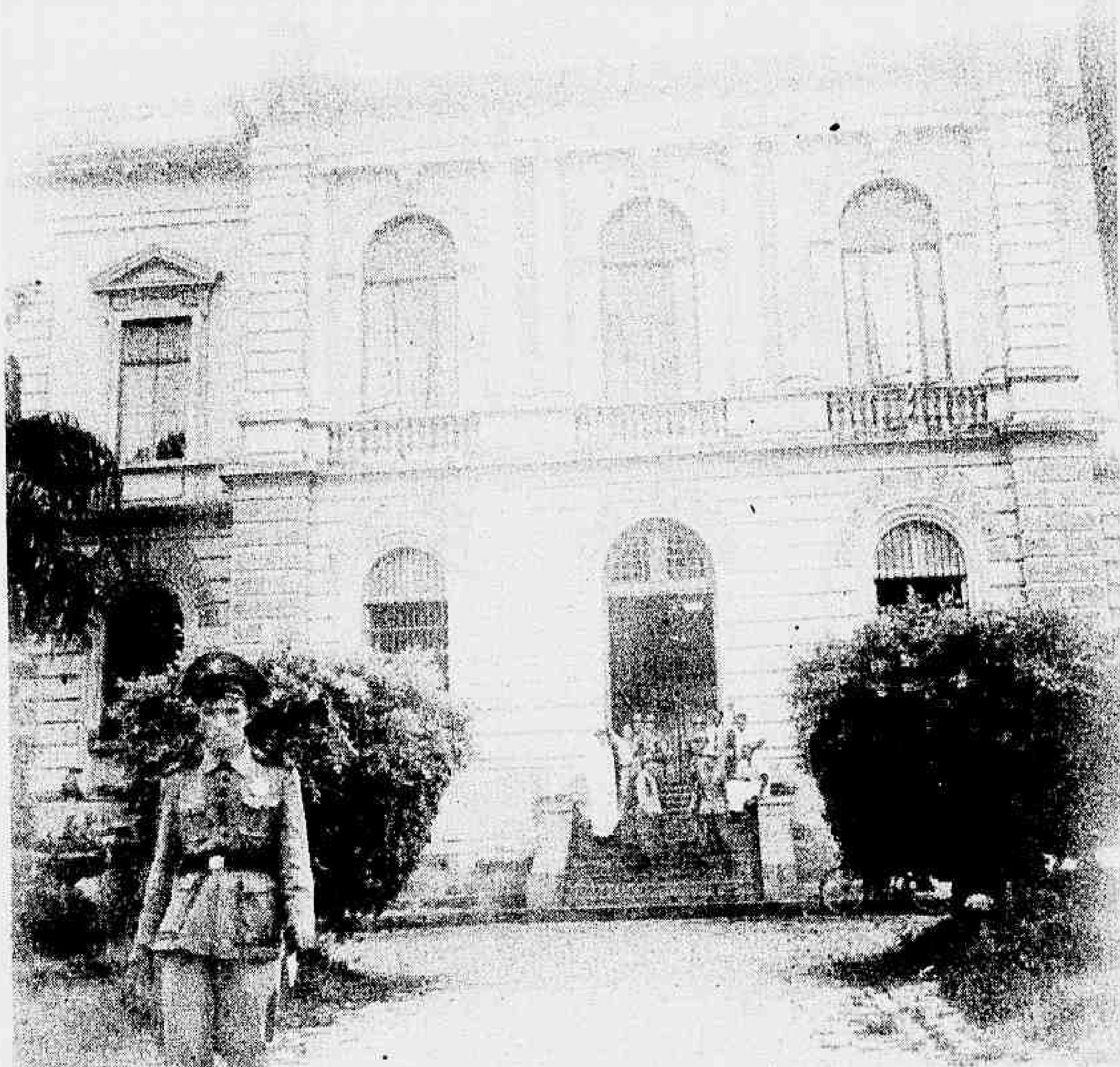


A POLICIA VAREJOU a casa de José Barbosa (Zé Caçapa) nada indicando que êle fôsse o criminoso. Ana Candiani o acusara levianamente...

ONZE MESES DE MISTÉRIO NO CRIME DA NOVA CAMPINAS



ENTRE SOLDADOS e o carcereiro, o repórter ouviu as acusações de Paulo Gonçalves que disse ter passado fome e apanhado para confessar.



CADEIA ONDE UM INOCENTE acusa a polícia e diz jamais ter visto ou morto Irineu Bernardo Agostinho, a vítima da Nova Campinas.

MAIS CONTRADIÇÕES

O repórte da REVISTA DA SEMANA que teve entrevista em três dias seguidos com Ana Candiani (26, 27 e 28-11-54) observou que de fato Ana Candiani é a mesma mulher confusa dos dias em que ela estêve internada no Sanatório. E isso mesmo ela reconheceu quando nos disse que o dr. Romeu Tortima, seu advogado a tem censurado porque ela, Ana, não sabe conversar; prejudicando-se, às vêzes. É que Ana no primeiro dia da nossa visita, na presença da sra. Frizon disse não ter sido possível reconhecer ninguém, porque a escuridão e o pavor não a permitia fazê-lo. Dois dias depois (domingo 28-11-54) pela manhã, no mesmo lugar e na presença da mesma sra. Frizon, Ana Candiani descreveu os traços fisionômicos do agressor de Irineu, dizendo que êle tinha cabelos caídos na frente, para a direita, açoitados pelo vento: era um maltrapilho de côr parda. Advertida pelo repórter, na presença da sra. Frizon, sôbre a sua contradição, esta senhora correu em seu auxílio, dizendo:

«Pobrezinha da Ana, ela fica tão nervosa quando ouve falar nisso. Tão confusa, coitadinha, que nem se lembra de nada, mistura tudo. Depois daquele dia ela ficou assim, não come nem tem alegria para nada».

De fato, Ana Candiani que diz sofrer de baixa tensão arterial, piora muito do fígado, do estômago e dos intestinos, quando se toca nesse assunto. Tanto assim é que pegando em suas mãos, sentimos o quanto estavam frias. Quando fizemos-lhe ver que os cabelos de Paulo Gonçalves são duros, difíceis de serem levados pelo vento para a testa, a moça respondeu imediatamente: «Eu não posso afirmar que tenha sido Paulo Gonçalves. Na polícia foi que me vieram convencer de ter sido «Caçapa» o matador de Irineu. Quando aleguei que «Caçapa» não tinha os cabelos grandes e em desalinho como o assaltante, alegaram que era assim mesmo e que, provàvelmente êle «Zé Caçapa» havia cortado o cabelo logo depois do dia 8, para disfarçar. «Aceitou, portanto, o «Caçapa» como teria aceito qualquer outro como matador de Irineu. Disse que não tem remorso de ter acusado Paulo Gonçalves e se êle está na cadeia a culpa não é dela, porquanto só o fôra conhecer dias depois da prisão dêsse homem que diz estar inocente.

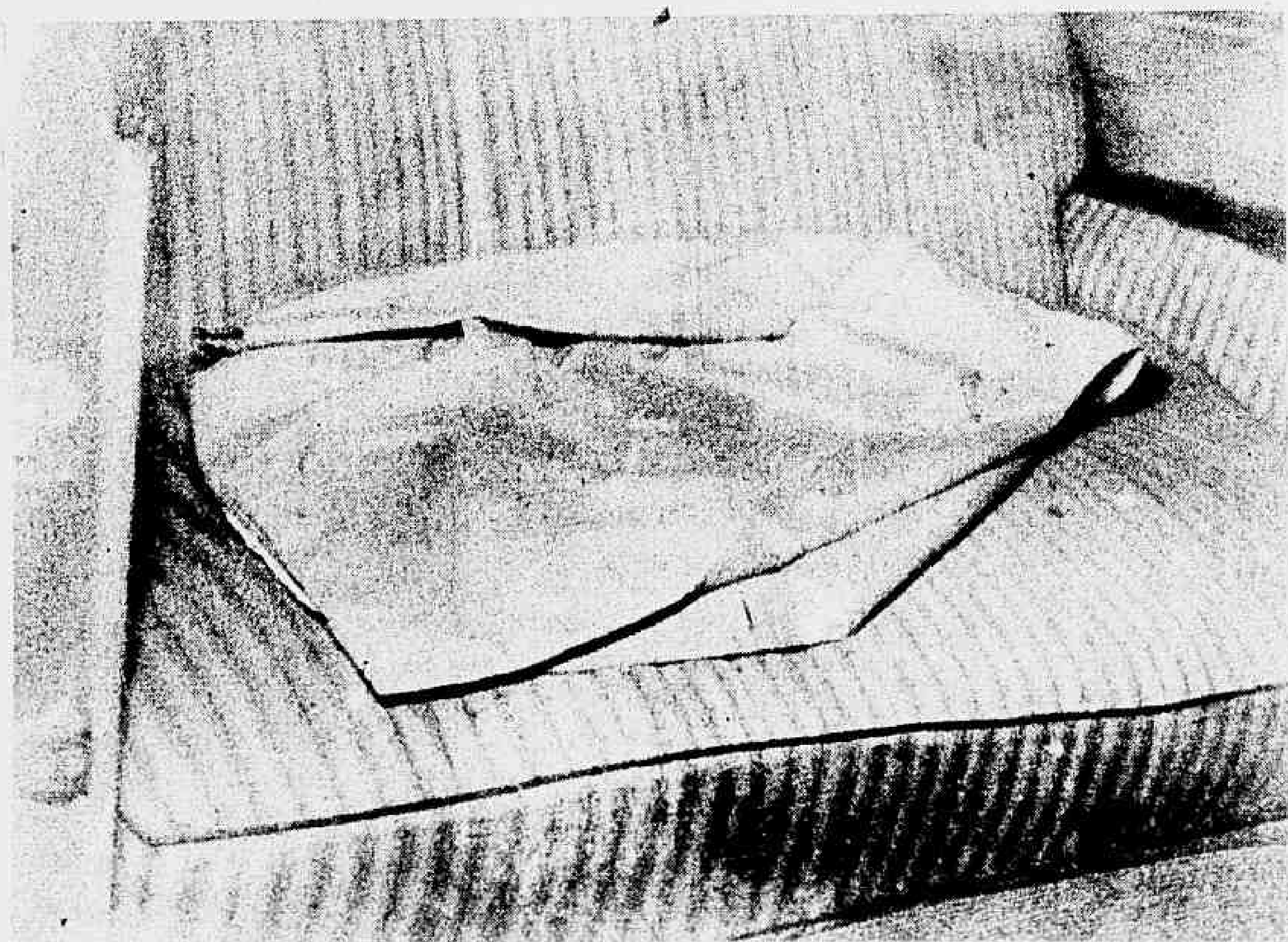
Sôbre o homem branco, o tal «Barão» da revista «Manchete» afirma que estão criando confusão. Isso de ela ter dito que fôra um homem branco e não um prêto o assaltante nada resolveu, porque, na confusão, não podia mesmo identificar o criminoso (embora Wanda houvesse reconhecido a Irineu de um carro para o outro no mesmo local e hora).

Negou que Irineu a ajudasse em transações financeiras, como interessado em seus negócios de bijuteria, pois êle ganhava bom ordenado (10 mil cruzeiros) e tinha boa situação social.

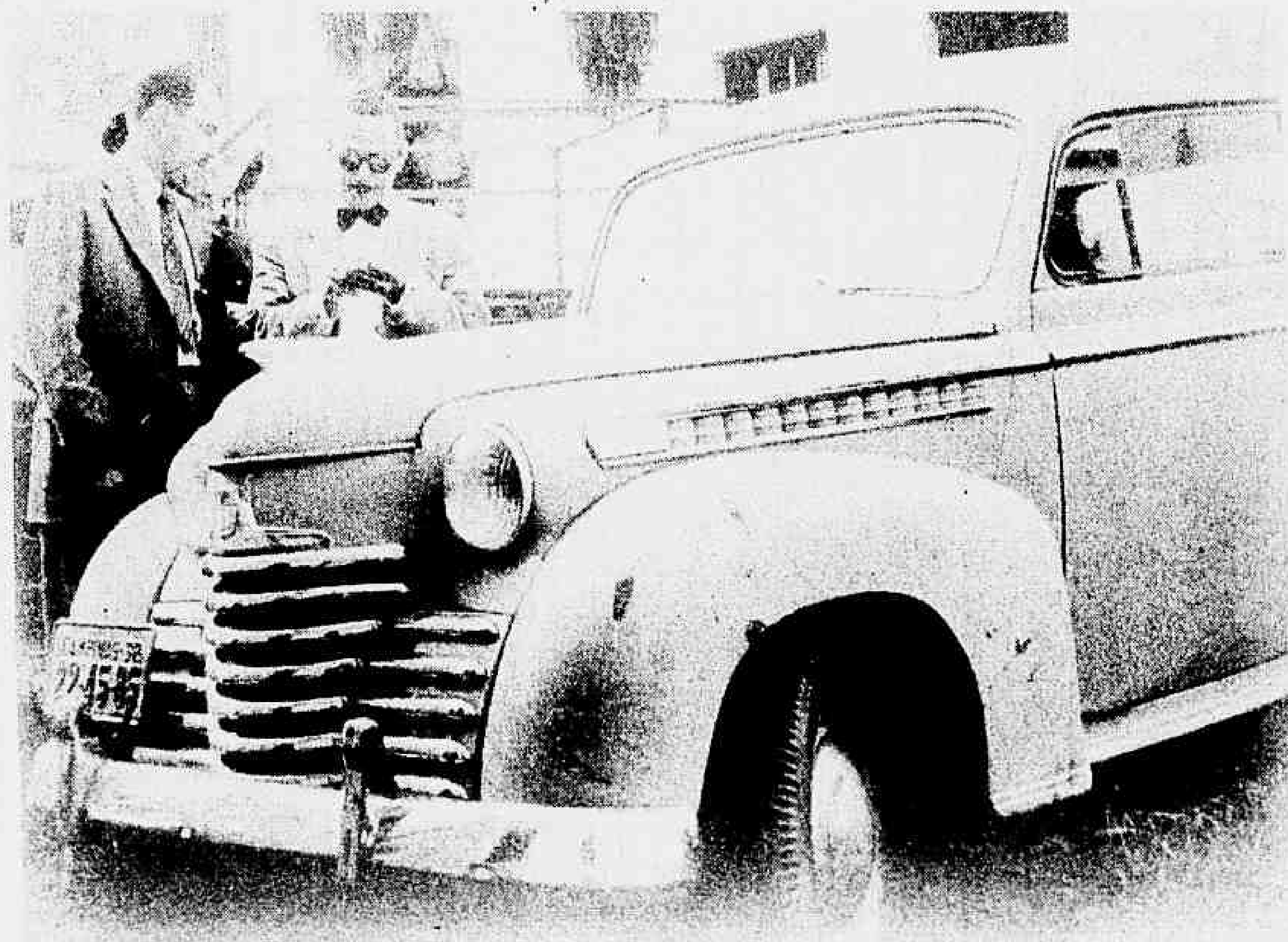
No primeiro dia da entrevista Ana Candiani fêz, por solicitação do repórter, já que ela afirmava estar disposta a tomar providências contra aquêles que, levianamente, acusavam-na, uma declaração por escrito, do próprio punho, dispondo-se a isso. No dia seguinte, logo às 8 horas da manhã, ela telefonou para o Novo Hotel procurando-nos. Indo ao seu encontro, recebemos de sua parte o pedido de não publicar a declaração que escrevera e assinara, em presença da sra. Maria Frizon. Ana Candiani declarou, a despeito da informação do enfermeiro, sòmente ter sabido da morte de Irineu cinco dias depois (na polícia).

O DRAMA CONTINUA

Com Ana Candiani admitindo que Irineu Bernardo Agostinho, morto dentro do Opel bege de sua propriedade, na noite de 8 de janeiro de 1954, era um franzino incapaz de uma reação a um homem mais forte, sem expediente, (embora tivesse pedido a sua companheira o revólver no momento do assalto) com um pobre homem jurando inocência prêso, há mais de sete meses, e a opinião pública sem aceitar a sua culpabilidade no crime, o mistério continua. Ana Candiani diz que grande parte do povo a julga culpada, sentindo a sensação estranha de estar no banco do réu, provocando-lhe isso uma enorme tristeza, despertando-lhe vontade de fugir dêste mundo, internar-se num convento. Nas grades da Delegacia Regional de Campinas está, clamando por justiça, esperando revisão de processo, um homem de côr preta, gestos mansos, que perdeu a liberdade e que nos próximos dias de dezembro irá a júri sem ter dinheiro para pagar advogado, sem ter pai, mãe ou parentes que o ajude a provar sua inocência. Paulo é órfão de pai e se diz órfão da justiça humana. Um pobre pária campineiro.



O PALETÓ DE IRINEU assim dobrado não poderia apresentar mancha de sangue no braço esquerdo. Alguém o dobrara depois da morte de Irineu.



O OPEL bege em que morreu Irineu conduzira Ana Candiani muitas vêzes... Hoje é ainda um mistério a morte de seu proprietário dentro dêle.



– Tem razão...

estou gostando muito mais de Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição do bom gôsto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.287

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 8 E 14 DE JANEIRO DE 1955 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Haverá, no curso da semana, uma atenuação do influxo planetário, no caso do leitor, representando a circunstância, uma queda na sua produção, com reflexos desfavoráveis na situação financeira.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Sua posição astrológica não se modificará na vigência da semana em causa. Não espere uma colaboração eficiente dos seus nem dos estranhos. Seu magnetismo pessoal estará, nos dias 8, 9, 10 e 12, reduzido ao mínimo.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O leitor terá uma excelente oportunidade, na semana, para qualquer recuperação, até mesmo da saúde. Os dias 9, 10 e 11 serão os mais favoráveis aos seus interêsses e à economia, fortalecendo-a consideràvelmente.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — O clima astral favorecerá grandemente as iniciativas e os empreendimentos do leitor. Não se atemorize da situação, pois não haverá a menor possibilidade de insucesso ou de prejuízos nos negócios a que se aventurar.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — O leitor estará muito sujeito, nos dias 8, 10, 13 e 14, à ação dos invejosos e dos traidores. Tenha muito cuidado com sua própria **entourage**, pois poderá encontrar a vilania, mesmo dentro do seu lar.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — O leitor entrará no gozo de boas astralidades, notadamente nos primeiros dias da semana. Se tem a idéia de lançar um negócio novo, faça-o quanto antes. As viagens, igualmente, podem ser empreendidas com sucesso.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Os empreendimentos devem ser adiados. A semana não lhe dará margem valiosa às iniciativas nem lhe favorecerá os negócios já em andamento. E' bom mesmo, não apressá-los, pois o desfecho não poderá ser satisfatório.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — A semana será, para o leitor, bem melhor do que a anterior. Os casos pendente terão solução favorável e haverá chance nos negócios novos e nas especulações. Os seus pedidos, as solicitações, serão bem acolhidos.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — A situação se apresentará promissora aos seus negócios. O leitor poderá tirar o melhor partido da semana, ouvindo os apelos da sua própria razão. Recuse os conselhos que lhe derem, as sugestões que lhe oferecerem. Sua intuição estará em boa forma.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — O ambiente dos astros favorecerá a saúde e a vida sentimental. O leitor terá, igualmente, um ótimo período para qualquer modificação a ser introduzida nos seus negócios ou no seu modo de viver. Tudo sairá a contento.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Não se comprometa, não firme contratos nem emita títulos a curto prazo, no curso da semana. O que fôr feito agora, terá comprometido o necessário desenvolvimento. O futuro imediato de tais coisas, será decepcionante.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Com exceção dos dois primeiros dias, a semana lhe será muito proveitosa. O leitor terá satisfação na família e agradável surprêsa no trabalho, sendo possível mesmo, uma melhoria na situação.

OS NOMES DA SEMANA

Janeiro,	**8**	—	**Apolinário**	—	**Vera**
"	**9**	—	**Adriano**	—	**Ana**
"	**10**	—	**Guilherme**	—	**Guilhermina**
"	**11**	—	**Honorato**	—	**Hortência**
"	**12**	—	**Alfredo**	—	**Cezarina**
"	**13**	—	**Leôncio**	—	**Nilda**
"	**14**	—	**Valentim**	—	**Estefânia**

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Janeiro,	**8**	—	**17º - 26' - 11"**	**(Signo do Capricórnio)**
"	**9**	—	**18º - 27' - 19"**	(" " ")
"	**10**	—	**19º - 28' - 26"**	(" " ")
"	**11**	—	**20º - 29' - 34"**	(" " ")
"	**12**	—	**21º - 30' - 41"**	(" " ")
"	**13**	—	**22º - 31' - 48"**	(" " ")
"	**14**	—	**23º - 32' - 55"**	(" " ")

Flash Paulista

HÉLIO ABREU


Garcez


Vidigal


Aranha

ARANHA E SAUDOSISMO — O sr. Osvaldo Aranha é hoje um dos homens de maior prestígio em São Paulo e o plano que tem o seu nome dispõe de extensa legião de admiradores. Isso se deve não só às excepcionais qualidades de «Chanceler da Vitória», como também aos desacertos da atual política econômica do govêrno. Assim, aquêles que criticavam o chamado «Plano Aranha,» apresentam-se agora como os seus maiores defensores.

JANIO REASSUMIRÁ a Prefeitura, é o que informam fontes ligadas ao governador eleito de S. Paulo. O prazo solicitado pelo prefeito para a viagem à Europa foi de 90 dias, e o término do mesmo se dará em 15 de janeiro.

JUSCELINO (FIRME) IRÁ A SÃO PAULO — Os juscelinistas do PSD bandeirante estão encetando um movimento em prol de uma visita do governador mineiro a S. Paulo. Como o PSD paulista absteve-se de sufragar Juscelino, quando da reunião que o fêz candidato, não se espera um convite oficial do pessedismo bandeirante. Outro pretexto será arranjado, dizem.

GARCEZ REAFIRMA NÃO SER CANDIDATO — Respondendo a uma pergunta dêste repórter, formulada durante uma das costumeiras entrevistas do governador à imprensa, declarou o sr. Lucas Nogueira Garcez estar alheio à marcha do problema sucessório. Disse mais. Afirmou peremptòriamente desconhecer quaisquer movimentos em favor de sua candidatura, mesmo a vice-presidência, na chapa de Juscelino.

ADEMAR TENTA CANROBERT como candidato do PSP. As muitas viagens do sr. Ademar de Barros ao Rio de Janeiro estão dando o que falar. Para uns, malograrão as tentativas do chefe pessepista de fazer o general Canrobert Pereira da Costa candidato de seu partido ao futuro pleito, uma vez que o ilustre militar jamais aceitaria entrar no jôgo sucessório pelas mãos (que muitos dizem sujas) do ex-governador de São Paulo. Entretanto, Canrobert estaria inclinado em aceitar o apoio do PSP caso, por exemplo, fôsse lançado por outro partido.

...E SÃO PAULO PERDEU a presidência da Câmara dos Deputados. Não se sabe se existe alguma sombra de parentesco entre o deputado Ranieri Mazzile e o príncipe do mesmo nome. O que interessa é que ambos nunca tiveram muita sorte. O príncipe, folgazão e aventureiro, teve a cabeça cortada sem mais delongas (conforme conta o deputado Heitor Beltrão) e o parlamentar paulista (que é homem sério) foi «engolido» como coordenador de um nome paulista à presidência da Câmara Federal.

ESTRADAS E NILO AMARAL — O Secretário de Viação de Garcez, sr. Nilo Amaral, está fazendo uma verdadeira «blitz» a fim de concluir os melhoramentos que iniciou na estrada que liga São Paulo ao norte do Paraná, antes do término de sua gestão. Realmente, merecem louvores os esforços de Nilo Amaral, pois na ocasião das chuvas, nem tratores conseguem vencer certos trechos da referida estrada, via que representa o único escoadouro as safras de café e milho do norte paranaense.

A INAUGURAÇÃO DO AEROPORTO de São Paulo (edifício principal) será levada a efeito no próximo dia 25 de janeiro. Também a pista nº 2 (construída por Garcez) será oficialmente entregue ao tráfego neste dia.

VIDIGAL NÃO FOI CAÇAR crocodilos. Certa emissora carioca ao anunciar a partida de uma expedição aos confins da região amazônica, incluiu entre os seus membros o nome do sr. Luís Roberto Vidigal, presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo. Tal notícia carece de fundamento, a saber: 1º) Não é o sr. Luís Roberto Vidigal dado a caçadas; 2º) Homem de grandes responsabilidades, não iria agora, quando a nação enfrenta uma das piores crises da história, gozar férias nos igarapés do norte; 3º) Quem foi tomado pelo sr. Luís Roberto Vidigal foi o sr. Luís Alberto Ribeiro Bastos, cirurgião dentista na cidade de Santos.

ESTA SENDO AGUARDADA COM MUITO interêsse a entrevista que, dentro em breve, dará à imprensa o presidente do Sindicato dos Banqueiros, de São Paulo.

"PEGA-FOGO"

NO GINÁSTICO

● Se, depois das representações de «Antígona», «Inimigos íntimos» e «Seis Personagens à Procura de Autor», pelo T.B.C., no Ginástico, alguém ainda hesitasse em admitir a evidência da situação ímpar de Cacilda Becker no panorama atual do Teatro brasileiro, essa hesitação desapareceria, forçosamente, diante da consagração que foi o espetáculo de «Pega-Fogo», de Jules Renard, têrça-feira, 14 dêste mês. Para os que já haviam assistido à representação da peça em São Paulo, a certeza do seu êxito no Rio era absoluta. Contudo, a manifestação entusiaástica com que o nosso público acolheu «Pega-Fogo»; o número de vêzes que, de pé, com estrondoso crepitar de aplausos, fêz abrir o pano e chamou os atores à bôca de cena; o recrudescer dos bravos, das palmas, quando, gritando-lhe o nome, obrigava Cacilda a separar-se de seus companheiros e vir, sòzinha, receber ovações que eram agradecimentos pelos instantes de beleza e fina emoção que lhe dera; tudo isso, enfim, mostrou que o êxito fôra além dos prognósticos mais otimistas. Enche-nos de orgulho, a nós, gente de Teatro, verificar que possuímos artistas capazes de provocar entusiasmo e admiração tão grandes, e público suscetível de senti-los. Na direção de Ziembinski, tão bem cuidada, que fêz da peça um painel de meias-tintas, «Pega-Fogo», jóia de arquitetura dramática, torna-se, também, jóia visual, para o espectador. A integração de Cacilda Becker no papel do menino infeliz é, julgo bem, o mais estupendo trabalho interpretativo que nos tem sido dado presenciar. A atriz versátil e inquieta, sempre em busca de alturas maiores; a minha companheira de vicissitudes teatrais, cuja carreira há oito anos acompanho de perto, interessado e fascinado pela sua ascenção contínua, em que há qualquer coisa de infalível: a fôrça do talento aliada à fôrça duma vontade que não conhece desfalecimentos; a amiga inalterável, sôbre quem tempo e espaço não influem, tôdas essas facetas da personalidade de Cacilda Becker desaparecem, com sua própria pessoa física, transmutam-se, para mim e, com razão maior, para o público, nos primeiros minutos que se sucedem à abertura do pano e temos, diante dos olhos, aquêle menino às voltas com o consêrto duma enxada. A partir daí, a peça desenrola-se num equilíbrio perfeito, com uma fluidez de regato em leito de areia, macia e dolorosa, duma dor alta e pura, que não é mais a dor daquele rapazinho de cabelos ruivos, mas a terrível, a estiolante, a imperdoável dor de tôdas as crianças desamadas e incompreendidas. Essa generalização de sentimento mostra, na interpretação de Cacilda, a obra-prima que «Pega-Fogo» é. E quando, nos momentos mais pungentes, a piedade nos amarra um nó na garganta e a emoção nos tolda a imagem do pequeno Francisco, nesse nó estão as palavras de amor e de carinho que desejaríamos dizer às crianças tristes do mundo e, através dessa imagem embaciada vemos todos os pequeninos sêres de alma dolorida e corpo maltratado, para quem a vida começa madrasta. Mas o que de extrordinário há na direção de Ziembinski e na interpretação de Cacilda é a qualidade da emoção que nos transmitem. Empregando têrmos de Música, direi que é uma emoção em tons menores, intensa e, ao mesmo tempo, tênue; mais de soluço que de pranto e, ainda mais que de lágrimas, de apêrto do coração. Uma agridoce pungência, de extraordinária fôrça de comunicabilidade. Não sei mais quantas vêzes vi «Pega-Fogo», no T.B.C. de São Paulo; fôsse qual fôsse o estado de ânimo em que me encontrasse, o efeito era sempre o mesmo. A edição do Rio mantém todo o poder expressivo da de São Paulo. Marina Freire e Silvia Ortoff, no remonte do papéis da Sra. Lepic e de Annette, continuam os bons trabalhos de suas antecessoras, Da. Wanda Hamel e Cleide Yaconis. Com a volta de «Pega-Fogo» ao palco do Ginástico, em carreira normal, a partir de começos de janeiro próximo, o T.B.C. terá cartaz fixo por muito tempo.

NOTICIÁRIO

Em meados de janeiro próximo, Bibi Ferreira iniciará, no Teatro Dulcina, uma temporada de dois meses. Atualmente em excursão, Bibi e sua companhia têm obtido repetidos êxitos.

★

No Ginástico, o T.B.C. inicia os ensaios de «Paiol Velho», drama em 3 atos, de Abílio Pereira de Almeida. No principal papel feminino, teremos Cacilda Becker. O espetáculo de estréia, apesar de a peça ser a sétima da presente temporada, será oferecido aos assinantes das seis primeiras, que poderão dispor de seus lugares habituais.



Ziembinski e Marina Freire em «Banquete», de Lúcia Benedetti, que com «Pega-Fogo», completa o espetáculo do T.B.C.

★

Estão de parabéns os Artistas Unidos, com a aquisição do Bollini para dirigir o repertório dêste ano. Moço, culto, inteligentíssimo, com ótima formação artística, Bollini, de certo, continuará, na companhia de Carlos Brandt, seus triunfos no T.B.C. de São Paulo. Do concêrto Bollini, diretor, Mme. Morineau, primeira atriz, muito podemos esperar, na temporada de Os Artistas Unidos, em 1955.

★

Fala-se na provável ida a São Paulo do Teatro de Amadores de Pernambuco, que tão grande e marcante êxito obtiveram quando de sua temporada no Rio, no Teatro Dulcina. Seria muito de desejar que a excursão dos excelentes atores de Recife prolongasse sua viagem até o Rio. Parece, entretanto, que a quase impossibilidade de conseguirem teatro não permitirá que nosso desejo se realize. Infelizmente.

★

Em São Paulo, Maria Della Costa, com a colaboração de Gianni Ratto, pretende fundar uma escola para formação de atores, diretores e técnicos de teatro. A escola funcionará no próprio Teatro Maria Della Costa. A notícia não poderia ser-nos mais auspiciosa. De escolas, muitas e boas, é que andamos precisados.



CACILDA BECKER em sua extraordinária caracterização de «Pega-Fogo».

PING-PONG

AGNES OFUSCOU A CIDADE-LUZ

A ADMIRAÇÃO PELA MULHER BRASILEIRA ★ RECEPCIONADA PELO MARECHAL JOUIN ★ O RÁDIO E TV PARISIENSES ★ O CINEMA NO SEU CAMINHO

Entrevista de SAMUEL AVERBACH

Fotos de ARNALDO VIEIRA



Esta é a morena brasileira que deixou os parisienses tontos, querendo conhecer o Rio e Copacabana (do Brasil, é só o que se conhece lá fora, infelizmente).

Ping — Qual o fato que mais a impressionou, em Paris?

Pong — Foram dois, na verdade: o primeiro, motivo de grande satisfação para mim, foi a recepção de que fui alvo pelo Marechal Jouin que, ao beijar minha mão, elogiou a graça e a beleza da mulher brasileira. O segundo, fato contristador, foi o entêrro de Jacques Fath — assisti à passagem do cortejo fúnebre pelas ruas e senti-me emocionada com a tristeza que todos espelhavam.

Ping — Além do prêmio a que fêz jus, quanto lhe custou esta viagem à França?

Pong — Pode crer que custou-me os olhos da cara! Para que entrar em detalhes? Esqueçamos o que gastei...

Ping — Quando se lembra de ter começado a pensar em palco?

Pong — Tenho a impressão de que o primeiro grito que dei, ao nascer, foi: «Quero ser artista!»

Ping — E além da arte de representar, não lhe agradaria outra carreira?

Pong — Gostaria muito de ser advogada — criminalista. Aliás, quase fiz o exame vestibular para uma de nossas Faculdades. Mas certas dificuldades de momento me obrigaram a desistir.

Ping — Voltemos a Paris. Qual a comparação que poderia estabelecer, entre a cidade dos «boulevards» e o Rio?

Pong — Como arte, Paris é, naturalmente, uma cidade fabulosa: o artista é bem recebido em qualquer lugar, seja nacional ou estrangeiro — é um autêntico rei. A vida ali é agitada, não no estilo da do próprio Rio, mas sob um ângulo diferente, difícil de descrever. No entanto, a nossa Cidade Maravilhosa é sempre a mesma, acolhedora e linda. A saudade foi enorme, apesar de só ter me ausentado por meio mês.

Ping — E que tal os jogadores de basquete franceses, que viajaram no mesmo avião com você?

Pong — Eram extremamente comportados e quietos. Apreciei bastante a viagem, em companhia dêles.

Ping — Qual a sua primeira impressão, ao desembarcar em Paris?

Pong — Fui tratada como uma rainha; tive uma recepção que só mesmo os parisien-

● Esta é uma entrevista diferente, com perguntas curtas e respostas longas. Sim, porque Agnes Fontoura, a artista mais elegante do Brasil, segundo o resultado do concurso realizado há dois meses, foi à França como autêntica embaixatriz da elegância da mulher brasileira e, assim, tem muito que contar da "gay Paris".

Antes de mais nada, apresentemo-la como uma linda morena, de olhos extremamente impressivos, rosto redondo e belas mãos, para não falar no resto do corpo. É casada, e tem uma filhinha de 5 anos, Andira. Agnes é carioca, está com 25 anos de idade e gosta do inglês e do francês, freqüentando um curso onde aprende a primeira dessas línguas; passou 15 dias em Paris, prêmio que lhe coube pela vitória no concurso, e lá contou com o auxílio de um intérprete.

Agnes Fontoura fêz carreira no teatro, desde pequenina, quando já se destocava como a estrelinha do elenco do Colégio Piedade, onde estudava. Foi finalista do 1º concurso para escolha de Miss Cinelândia e estuda canto, tendo voz de soprano. Prefere, porém, o teatro e o cinema. E agora, vamos às perguntas.



Com êste diploma, fui a Paris, conhecer a cidade dos existencialistas, da Tôrre Eiffel e dos «boulevards» românticos.

ses poderiam proporcionar. Basta dizer que o cantor Georges Guetary recebeu-me a cavalo, com uma tocha na mão...

Ping — Que tal a televisão na França? Muito superior à do Rio e São Paulo?

Pong — Para ser franca, não conheço a TV de São Paulo. Posso dizer que a de Paris é boa, mas os estúdios têm as mesmas dimensões que os do Rio, e muito se assemelham aos da TV Tupi. Pairam, talvez, no mesmo plano.

Ping — E sôbre o rádio de lá? Que achou do mesmo?

Pong — O rádio, sim, é bem diferente do daqui. Os programas são excelentes, pré-gravados; pràticamente, não há programas de estúdio e, o que é mais importante, não existem anúncios comerciais para irritar os ouvintes, como usam e abusam os mentores da nossa rádio difusão.

Ping — Você foi apresentada em algum programa de rádio ou televisão?

Pong — Atuei na Rádio Luxemburgo, com Georges Guetary e Tino Rossi, em «sketches» musicados. Cantei e creio que agradei, pois todos me elogiavam, onde quer que fôsse. Fui ainda entrevistada com freqüência.

Ping — Esta foi a primeira vez que saiu do país?

Pong — Sim. Até agora, só conheço Brasil e França. Pretendo viajar muito ainda e, se possível, conhecer a Suíça — êste é um dos sonhos que acalento.

Ping — Quantos admiradores você julga ter?

Pong — Não sei se os tenho, exatamente, aqui ou lá. Posso indicar apenas um, que tirou meu retrato, em plena rua, pedindo em seguida que o autografasse.

Ping — E admiradoras? Quantas tem?

Pong — No sexo feminino, conto com muitas. E a primeira é minha progenitora.

Ping — Já recebeu alguma proposta para o cinema, no Brasil?

Pong — Sim. Três positivas. Antes que me pergunte, afirmo que prefiro guardar sigilo a respeito, pois ainda não estou certa do caminho a seguir. Parece que agora tôdas as portas se abrem, para mim, e preciso de tempo para escolher a que fôr mais acertada.

Ping — E no estrangeiro? Foi alvo do interêsse dos produtores de cinema?

Pong — Recebi convite do produtor francês Ralph Habib, para um filme em que necessita de uma atriz latina. A outra proposta foi uma autêntica surprêsa, para trabalhar com Jean Gabin.

Ping — E sôbre o rádio? Não sente qualquer atração para o mesmo, uma vez que canta tão bem?

Pong — Nem tão bem, nem tão mal. Já trabalhei no rádio, há algum tempo, no Programa Picolino, de Barbosa Júnior. Em meu futuro, porém, vejo apenas o cinema e o teatro...

Ping — Bem, falemos sôbre elegância, que é o seu verdadeiro terreno. Primeira pergunta: Gosta de usar «slacks»?

Pong — E muito. São cômodos, práticos e adaptam-se maravilhosamente para o gênero de trabalho artístico.

Ping — Suas roupas foram admiradas, em Paris?

Pong — Bastante, para ser franca. Até mesmo os sapatos causaram sensação. Não fôsse o Brasil o melhor fabricante de calçados do mundo...

Ping — Quantos costumes você tem?

Pong — Até hoje não me ocorreu contá-los. Mas não são muitos.

Ping — E sapatos? Quantos pares possui?

Pong — Bem, êstes eu conto. Estou beirando a casa dos cinqüenta (sapatos...).

Ping — Aprecia o suéter e o bikini?

Pong — Gosto muito de um suéter, do tipo moderno e bem feito. Já o bikini não é do meu agrado. Nunca usei e nem pretendo. Quando envergado por uma jovem de linhas sinuosas, ainda é interessante.

Ping — Balmain, Fath, Dior... Qual prefere?

Pong — Tinha predileção por Fath. Assisti a vários desfiles de modas, em Paris, e o que mais me impressionou foi o dos modelos de Balmain.

Ping — Gosta de usar muitas roupas? Costuma variar?

Pong — Minha preocupação é vestir bem e com elegância; mas viso a qualidade e não a quantidade.

Ping — Para terminar, um trocadilho: aproveitando o seu nome, você se considera um «biotônico» para os olhos?

Pong — Talvez...


«Tal mãe, tal filha», um velho refrão que mais uma vez encontra aplicação. Os olhos de uma são os mesmos da outra.





BONITA PERSPECTIVA:

— O carioca perderá a paciência... Haverá greves brancas e armadas, depressões e agressões, atentados à moral e mortes de altos figurões!

Revelam os astros:

CRISES PERIGOSAS SA

ONDA DE CRIMES E SUICÍDIOS ★ JÂNIO QUADROS SERÁ CANDIDATO A PRESIDENTE DA REPÚBLICA ★ MAS, JUSCELINO KUBITSCHEK PODERÁ GANHAR ★ O PAPEL RESERVADO A ADEMAR DE BARROS NA POLÍTICA ★ O RIO SERÁ ASSOLADO POR UMA EPIDEMIA DE ROUBO E GANÂNCIA ENTRE JUNHO E JULHO ★ AS PREVISÕES DO PROFESSOR WILLIAM RAMAYANA PARA O ANO QUE SE INICIA

Reportagem de MILTON SALLES **Fotos de A. VIEIRA**



É um hábito congênito: todo princípio de ano, antes das fôlhas do calendário começarem a caír, o homem sente ânsias de penetrar no futuro, de vislumbrar o que lhe reservarão os 365 dias vindouros. Como o nosso leitor não foge a êsse desejo muito natural no gênero humano, resolvemos ouvir o Prof. William Ramayana, nome sobejamente conhecido pelo público, já que mantém um programa especializado na Rádio Tamoio, e que nos primeiros dias do ano que passou deu palpitante entrevista a êste repórter prevendo uma série de acontecimentos que realmente ocorreram — a morte de Zé (da Zilda), a vitória de Ângela Maria no concurso da Rainha do Rádio, a visita de Carmem Miranda ao Brasil e outros sucessos. Agora, fomos procurá-lo para que nos dissesse algo sôbre o que o ano de 1955 trará de bom e de mau ao Brasil, suas personalidades de maior destaque, e ao mundo.

— Quais serão os grandes acontecimentos que sucederão no Brasil? — foi a primeira indagação que fizemos ao prof. William Ramayana.

— Haverá no Brasil, em 55, um grande surto de produção industrial, com novas descobertas de petróleo e criação de novas indústrias relacionadas com êsse produto. Todavia, greves e sublevações de classes rebentarão em todo o país, notadamente nas grandes capitais, devido ao acréscimo do custo de vida, que atingirá proporções assustadoras.

O mestre faz uma pausa, fixa seu olhar grave no repórter e acrescenta:

— Uma onda de crimes e suicídios inundará o país. As campanhas eleitorais trarão discórdia e inquietação geral, pois certas facções políticas lançarão mão dos meios mais abjetos para enlamear seus opositores. O país será sacudido por crises perigosas, podendo haver completa mudança do regime de govêrno.

Como o derradeiro tópico das sensacionais previsões fôra a política, quisemos saber quem será o novo presidente da República.

— O sr. Juscelino Kubitschek (informou o prof. Ramayana) estará sob boas influências astrais nesse período. Será muito combatido e contra êle se levantarão calúnias e difamações, mas isso fará crescer sua simpatia perante o povo. Se houver eleições, meu caro, o atual governador mineiro poderá ganhar o páreo da sucessão do sr. Café Filho.

— Mas, o sr. Jânio Quadros, professor? Será candidato?

— O prestígio do governador eleito de São Paulo estará em evidência. Candidatar-se-á, depois de grande campanha de preparação. Entretanto, lançará mão de certos processos de publicidade que o poderão tornar ridículo. Se souber agir, poderá constituir grande dor de cabeça para o sr. Juscelino...

O tema era ainda a política, por isso procuramos saber qual é o papel que estará reservado ao sr. Ademar de Barros, na política brasileira, neste ano.

A resposta não demorou:

— Fará muito movimento, o chefe nacional do PSP. Irá de Herodes a Pilatos para obter apoio à sua própria candidatura. Todavia, ao último momento, poderá aliar-se ao sr. Jânio Quadros, em revide ao sr. Lucas Nogueira Garcez. Talvez abdique de suas aspirações presidenciais para lançar-se à conquista, mais uma vez, do govêrno de São Paulo.

Segundo se infere das previsões do prof. William Ramayana, teremos grandes e interessantes novidades na política nacional em 1955.

— Algumas personalidades destacadas correrão perigo de vida?

— Sim (informa o prof. Ramayana). Tome nota: Tenório Cavalcânti, Carlos Lacerda, Mendes de Morais, Juarez Távora, Etelvino Lins, Alzira Vargas...

Fêz uma breve pausa e acrescentou, brincalhão:

— Quem não corre perigo nesta época maluca que atravessamos?

Quisemos saber, em seguida, se alguma figura de destaque se suicidará neste ano.

— Não me parece (respondeu o entrevistado). No entanto, pessoas de grande destaque na política e nas fôrças armadas desaparecerão. A fim de evitar aborrecimentos, prefiro não revelar nomes. O tempo esclarecerá tudo, identificando-os.

— Que é que acontecerá de mais importante, no setor internacional, professor?

— Òbviamente, coisas fora do comum não sucederão. Os discos voadores continuarão fazendo muita gente olhar para o céu, lunáticos garantirão que conversaram com marcianos e viajaram na estranha aeronave, mas nada de positivo será esclarecido. Os discos voadores são um fenômeno observado e discutido há séculos... Não será nesse mísero 55 que êles se darão a conhecer. No Oriente, guerras e revoluções vermelhas estourarão. E tome nota de um detalhe muito importante: a Rússia assumirá atitudes inesperadas perante as outras nações.

— Quais as figuras mais importantes do mundo que desaparecerão em 55?

— Vibrações nefastas estarão convergidas sôbre a Europa e seus líderes de maior prestígio. As notícias sôbre mortos ilustres virão notadamente da Inglaterra e da Itália, com dois nomes de destaque internacional que tiveram parte preponderante na última guerra.

Estava encerrada a entrevista. Mas, antes de nos despedirmos, perguntamos ao prof. William Ramayana se tinha mais alguma revelação importante a fazer. Êle pensou durante algum tempo, fêz uma série de consultas a uns dados que estavam em seu poder e terminou:

— Tenho, sim, apenas para reafirmar o que já todos pressentem: 1955 será um ano de lutas e decepções. No meio do período, junho e julho, justamente por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional, o Rio de Janeiro principalmente será assolado por uma epidemia de roubo e ganância. A vida nesta santa cidade de São Sebastião atingirá proporções jamais alcançadas. O carioca perderá a paciência e muitas coisas desagradáveis acontecerão. Greves brancas e armadas, depredações, agressões, atentados à moral, etc., marcarão êsse período.

Aí estão, portanto, as previsões de um estudioso do astral para os 365 dias que começamos a viver. Se o leitor quiser compará-las com os acontecimentos que nos esperam, será de bom alvitre guardar estas páginas com as revelações do prof. William Ramayana para consultas futuras.

A CUDIRÃO O BRASIL EM 1955



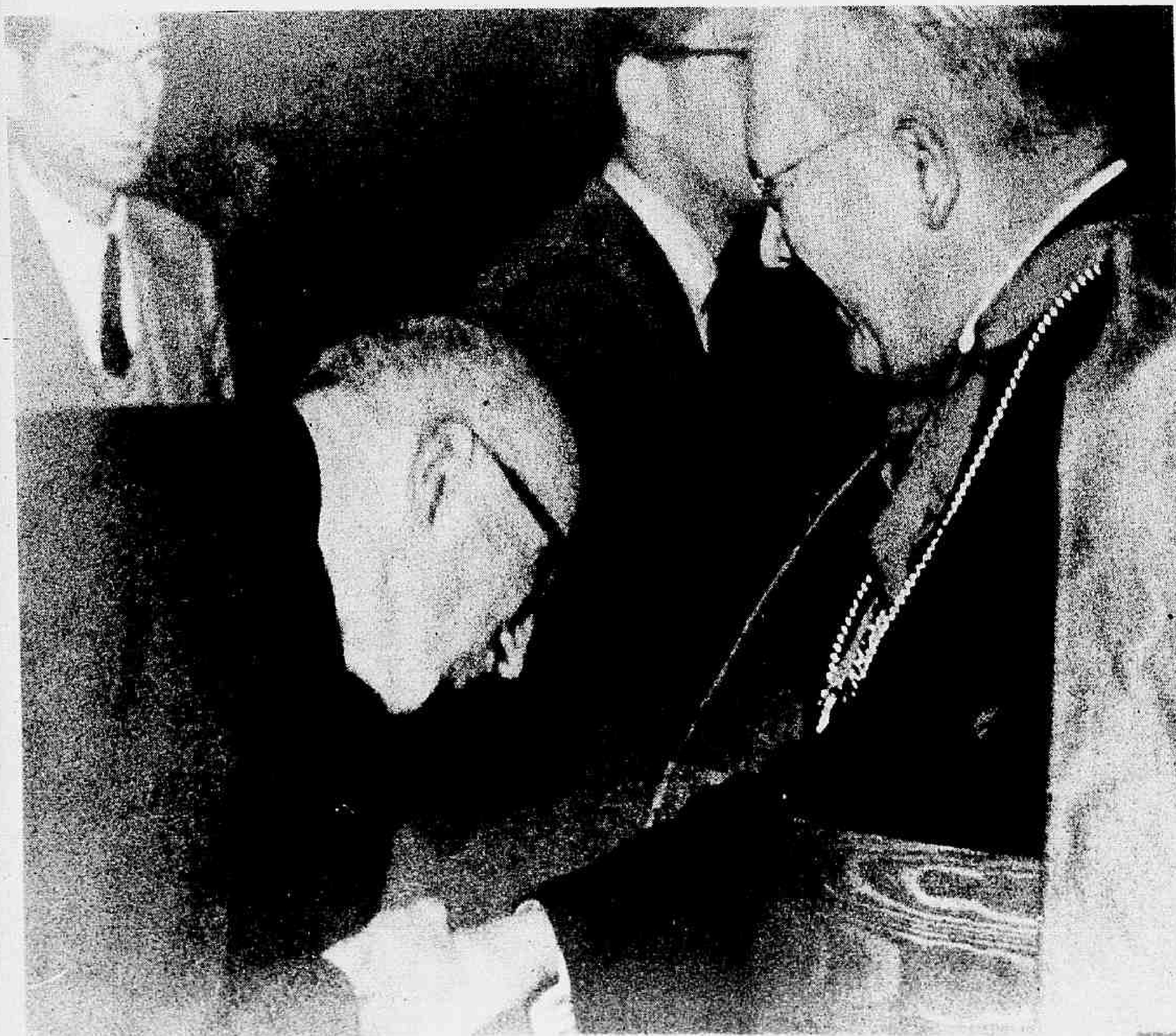
SUCESSO

A moça sorridente é Danielle Darrieux, abraçada pela sua melhor amiga, Micheline Presle, pelo sucesso de seu último filme: «O vermelho e o negro»



DECEPÇÃO

Fisionomia um tanto carregada do presidente Eisenhower, quando soube da derrota do Partido Republicano. Êle contava com outras cartas...



Por êsse Mundo de Deus

O BEIJO

Os intelectuais católicos, reunidos em Paris, realizaram uma vasta «enquête» em tôrno do «papel do intelectual», discutindo temas que tocam à fé cristã e ao mundo de hoje. Depois, Mauriac, o conhecido romancista, beijou a mão do cardeal Folkin, inclinando-se reverentemente.







MARLON BRANDO

O grande intérprete de Marco Antônio no cinema, procura em Roma, a estátua do primeiro dos Césares: ei-lo diante do imperador Nerva.

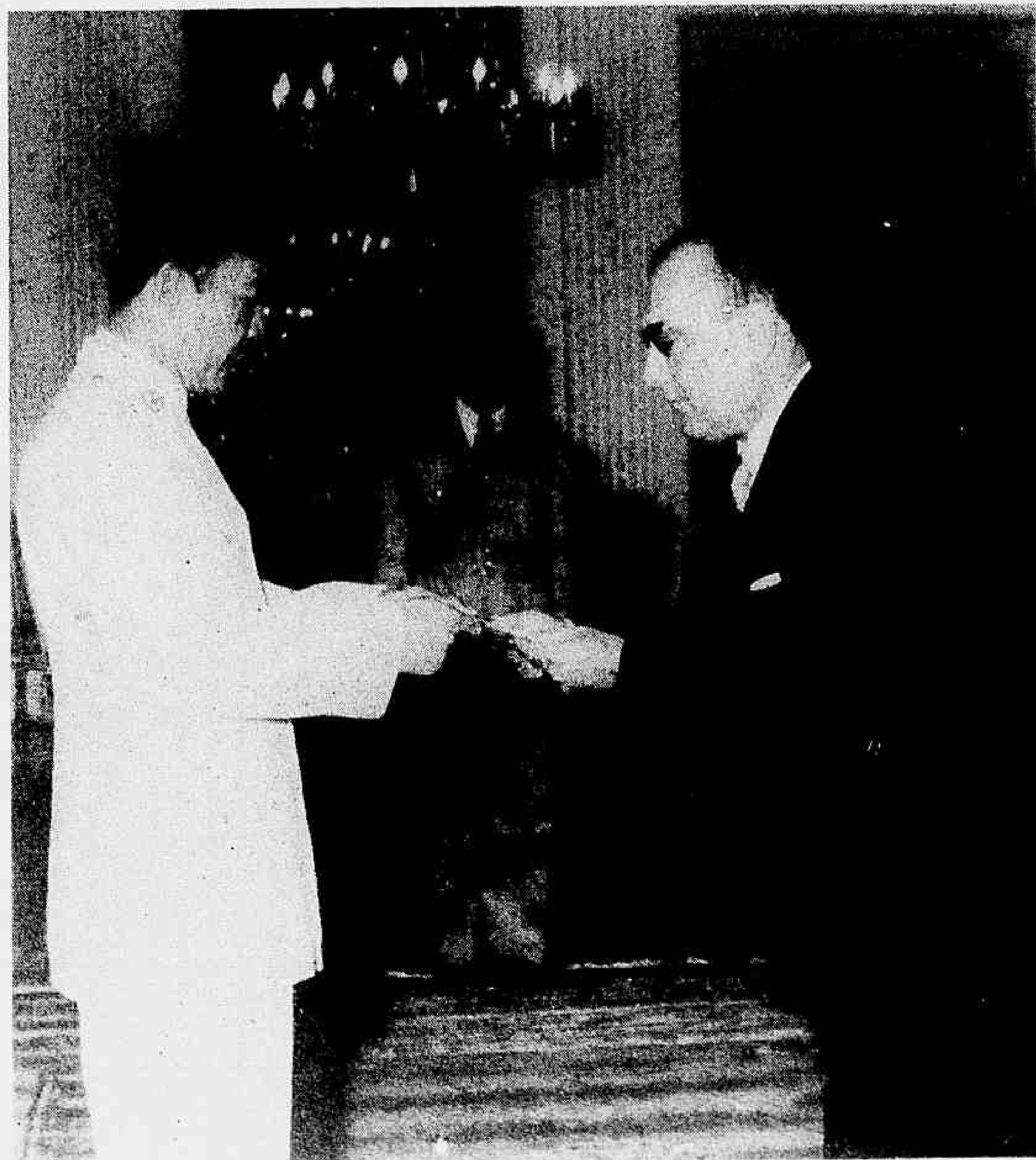
VLADY, A BELA

Eis Marina Vlady, espécie de tio existencialista que o cinema europeu acaba de consagrar. Vlady é uma bela garôta de origem eslava.

SUCESSOR

Todos apontam Montini como o provável sucessor de Pio XII. O apartamento de Montini é ligado ao do atual chefe católico





DIPLOMACIA

O primeiro embaixador do Brasil na Indonésia, dr. Oswaldo Trigueiro, apresentou credenciais a 17 de novembro do ano p.f.. Vê-se acima um aspecto da chegada do Chefe da Missão Brasileira quando recebeu as continências de estilo, no Palácio do Govêrno em Djakarta e durante a entrega da carta credencial ao Presidente Sukarno, da república amiga.

O "FLOR DO OCEANO"

Conto de MARIA DO CARMO DE GÓES CAVALCÂNTI

Desenho de DAREL

A sede do clube ficava pegada à «balança» grande (tinha sido construída para o depósito dos peixes de primeira) e por isso cheirava mais a peixe do que todos os mocambos do Rio Tapado. Dava frente para o mar, a praia, o areal imenso, onde roupas, jangadas e rêdes de pesca secavam ao sol e ao vento. Coberta de palha, sustentava-se sôbre estacas fincadas na terra. As enxurradas gostavam de descambá-las para os lados, quando não as derrubavam de uma rajada. Então era preciso arrumar-se tudo novamente.

Mas o povo de Rio Tapado não ligava para isso. Carnaval estava ali, na bica, o mocambo ruim ou bom, caindo ou não, bem que servia para reunir a negrada, vestida em grande gala, com muito cetim e muito dourado espantando a miséria. Era o «Flor do Oceano» que a postos estava, estandarte em punho, bordado a ouro, pesado de tradição e de medalhas, esperando o sinal de partida.

Só faltava Zé Cornélio, o maioral. Lá vem vindo êle, saído dos cajueiros, quase correndo pela areia da praia, afobado, o suor desbotando-lhe o casaco de veludo, as pedrarias faiscando, as calças ajustadas no meio das pernas. Trazia na cabeça um chapelão de plumas que o vento agitava, e todo o seu corpo graúdo gingava, no andar difícil, os pés compridos pelos sapatos de fivelas prateadas.

Alguém gritou, entusiasmado com a aparição:

— Viva seu Maurício de Nassau!

Foi um sucesso. Palmas espoucaram e os pistons entoaram os primeiros acordes do Zé Pereira. As mulatas em vestimentas antigas rebolavam as ancas, «tomadas» de prazer, sob a magia da música louca. Os homens enfileiraram-se no cordão que se encompridava de gente parecida com Henrique Dias, Calabar, Maurício de Nassau. Ambrósio, o porta-bandeira, ensaiou uns passos, rodando no ar o estandarte famoso. Doze letras brilhavam no alto, as mesmas letras que havia anos vinham cortando ruas e pontes da cidade, provocando exclamações e correrias:

— Abram alas, pessoal! E' o «Flor do Oceano» que vem vindo acolá!

E o «Flor do Oceano» atravessava os tempos, de sua fama orgulhoso, acumulando prêmios, despertando invejas, criando disputas.

Pena que Ambrósio, o porta-bandeira, fôsse tão intempestivo! Negraço alto e rijo que nem coqueiro era êle, sujeito «sem reza» para quem a cadeia parecia festança. Homem de poucas palavras, tempo não perdia em discutir, que não era do seu feitio bater bôca com ninguém. A peixeira que no cós da calça trazia escondida era mais eloqüente e falava uma linguagem **mais certeira...** Sentia prazer em exibir o rosto marcado por duas navalhadas horrendas. Explicava com orgulho, apontando as cicatrizes:

— Home qui é home investe pra matá ou morrê. Por isso elas tão aí...



Já estivera várias vêzes no xilindró, por causa de brigas ocorridas nos carnavais anteriores, quando o «Flor do Oceano» se encontrava **amistosamente** com outros clubes rivais. A gana era velha, vinha de muitas razões. Uma delas era aquela taça de prata, bonita como ela só, que até punha água na bôca de vontade de ganhar. Do Palanque armado na Praça da Independência a comissão julgadora assistia ao desfile. O coração se apertava, mêdo de perder. A outra razão — aí, a outra razão! — era Bia, a baliza. Bia a mulata sestrosa, que naquele dia mais parecia princesa, de anquinhas por baixo da saia rodada, o busto teso espetando a blusa de cetim lustroso, a cabeleira de cachos, o sinal postiço colado no canto do ôlho. Estavam os dois lado a lado, na frente de todos, cada um carregando a sua glória. Bia saracoteava, remexendo quartos, revirando olhos, bem alto levantando a bola dourada de onde pendia um grande laço encarnado.

Zé Cornélio deu ordem de partida.

Ambrósio apertou com rudeza o braço de Bia. Estava apreensivo com a mulata e com o que pudesse advir de sua faceirice. Não sabia se era traído, também não confiava demais. Fôrça fazia para conservar o que era seu, e o azar é que podia contar de cabeça os que tinham ôlho nela. Temia o encontro com Gabriel, do «Turunas», que todo ano lhe atormentava a vida, na hora em que os dois clubes se encontravam frente a frente. Sabia da sêde que o outro tinha em Bia e ela se não topava direitinho — sabe lá Deus o que havia! — bem que se embandeirava pro lado dêle, a serigaita de uma figa! Três anos já fazia que êle, Ambrósio, o homem que não tinha mêdo de nada, vivia nessa angústia, por ela enrabichado até mais não poder, uma coisa lhe dizendo que aquilo ainda acabava mal.

— Olha, Bia, se tu não te comportá dereito, eu já te mostro cum quantos pau se faz uma canoa! Toma tento!

Ela respondeu com um sorriso rasgado, dengosa, encostando-se nêle, roçando-lhe a pele que só por isso se arrepiou tôda.

Tomaram a direção do Farol, onde os bondes faziam a circular. Era preciso andar depressa que pessoal havia para lotar um bonde inteirinho. De todo canto corria gente para vê-los, vozes gritavam comovidas, corpos se deixavam sacudir inconscientemente, ao compasso do frevo agitado:

— Êta, marchinha danada de gostosa!

E assim, debaixo de exclamações de entusiasmo, fizeram mais uma vez a sua entrada triunfal na cidade do Recife. Ruas do Hospício e Imperatriz, Ponte da Boa Vista. A multidão se comprimia nas calçadas abrindo caminho, enquanto êles passavam, rodopiando, improvisando passistas, açambarcando gente no seu rastro contagiante. Pareciam possuídos por algum mal coletivo. Dos sobrados cheios de gente, confetes e serpentinas varavam os ares, em arabescos improvisados.

Já iam enfiando pela Rua Nova, quando de outro frevo os sons estridentes se fizeram ouvir a distância. Vinham da Praça da Independência. A melodia era familiar, a harmonia da orquestra não deixava dúvida.

Zé Cornélio avisou, encarando Ambrósio de frente:

— E' o Turunas. Vem de volta do palanque.

Ambrósio entendeu. Era uma recomendação, uma advertência, quase um apêlo que lhe faziam. De sua parte faria o possível. Na verdade, não pagava a pena meter-se em apuros e por causa de mulher arruinar a vida. Que o valesse na prova o padrinho S. Pedro, dos pescadores padroeiro.

Já agora se tornava impossível reconhecer a marcha de Zé Cornélio. Os dois frevos se misturavam, cada qual mais barulhento, trazendo confusão aos ouvidos. De longe podia-se distinguir a cabeleira revôlta de Gabriel, que empunhava em rodeios ritmados o estandarte do grande «Turunas». Era o encontro temido; agora mais do que nunca, com Gabriel e Ambrósio se digladiando pelo amor de Bia.

As orquestras emudeceram e o povo ficou suspenso à espera do resultado. Não se ouvia o menor ruído. Os dois porta-bandeiras se adiantam e se cumprimentam, como é do ritual. Estão face a face. Os instrumentos afinados tornam a jogar para o ar novos sucessos. Ambrósio e Gabriel dançam, fazem reviravoltas, agarrados aos estandartes que quase se tocam. O povo prorrompe em palmas. Tudo ia bem e já um abria caminho para o outro passar quando aconteceu aquilo. Na confusão, Ambrósio só viu uma mão de homem agarrada à cintura de Bia. Nem atinou no primeiro momento, que era Gabriel. O sangue subiu à cabeça, embotando-lhe a mente. Seus olhos pularam da mão para Bia e não fôsse aquêle jeito que tinha ela de olhar pros outros homens, aquêle sorriso de bôca polpuda que não era só dêle, talvez nada tivesse acontecido.

Como uma praga pulou em cima do rival que nem teve tempo de livrar o corpo. Um golpe profundo atingiu em cheio a nuca de Gabriel. Êle tombou, desfalecido. O sangue escorregou pela rua, enchendo de manchas o estandarte do «Turunas» atirado ao chão.

Ambrósio viu o corpo do outro estatelado e só então compreendeu o que fizera. Não pretendera matar ninguém. Agira por desespêro. E agora por culpa sua a briga se estendera, degenerara, tomara conta do povo inteiro.

Ouviam-se gritos, choros e ataques do mulherio frenético. Fecharam-se mais que depressa as capotas dos carros que faziam corso, suspenderam-se temporàriamente os folguedos e os pés-de-escadas se apinharam de pierrôs, folias, bailarinas, cossacos e mascarados de tôda espécie, que se acotovelavam, colados uns aos outros, os corpos molhados de suor — esperando que a onda serenasse.



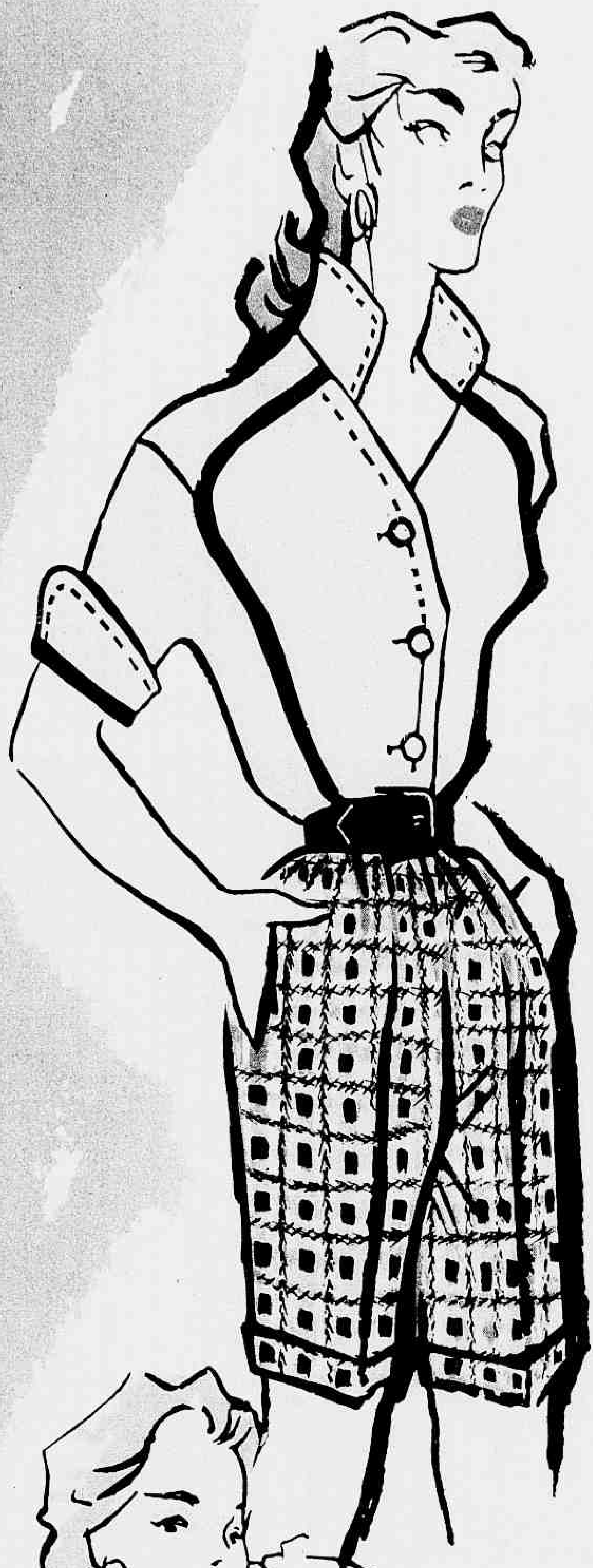
Chegou a policia, avançando o carro pelo povaréu a dentro. Homens fortes e mal encarados vinham em pé no estribo, armados de revólver. A maioria dispersou, correndo por onde pudesse.

Foi preciso muita fôrça para arrastarem Ambrósio. Batiam-lhe de todo jeito. Seu corpo ficou que mais parecia uma posta de carne ensangüentada. Tinha as roupas encharcadas. Ainda lançou pela turba um olhar ansioso, a ver se descobria a mulata. Bia perdera-se na balbúrdia.

Levaram o corpo de Gabriel coberto com o estandarte do «Turunas», enquanto pés agitados faziam desaparecer das calçadas vestígios delatores do conflito. Mas o carnaval estava no sangue do povo. O cheiro do lança-perfume tornou a encher o ar, mexendo com tôdas as fibras do corpo. As serpentinas cruzaram-se novamente pelo espaço, a loucura recomeçou com maior impetuosidade e as manchas de sangue se apagavam nas reviravoltas das «tesouras» e «parafusos» ou nos movimentos compassados dos «chãs de barriguinha». E meia hora depois do «incidente» não se via mais do que uma colossal massa humana que saltava, rodo-

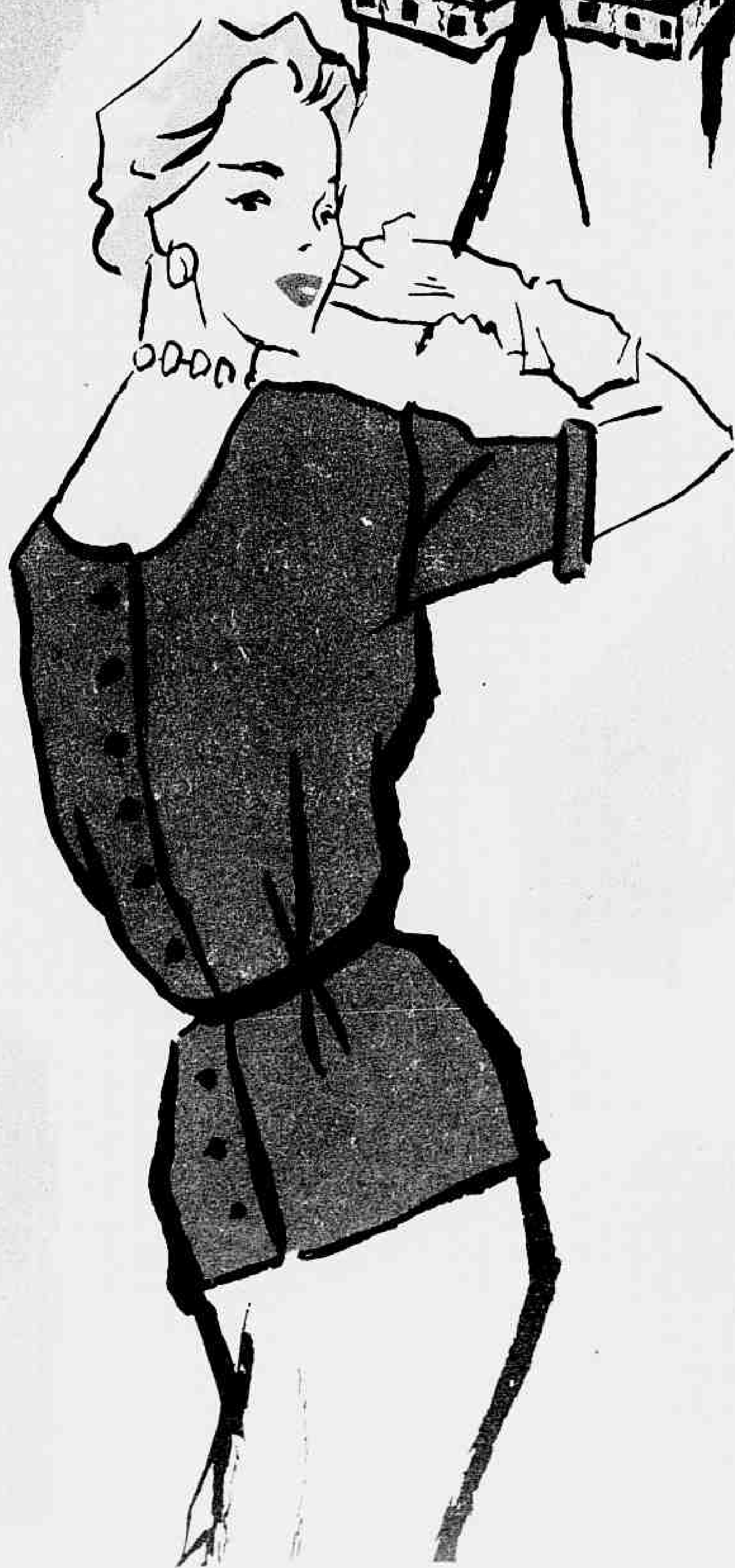
(Continua na pág. 36)

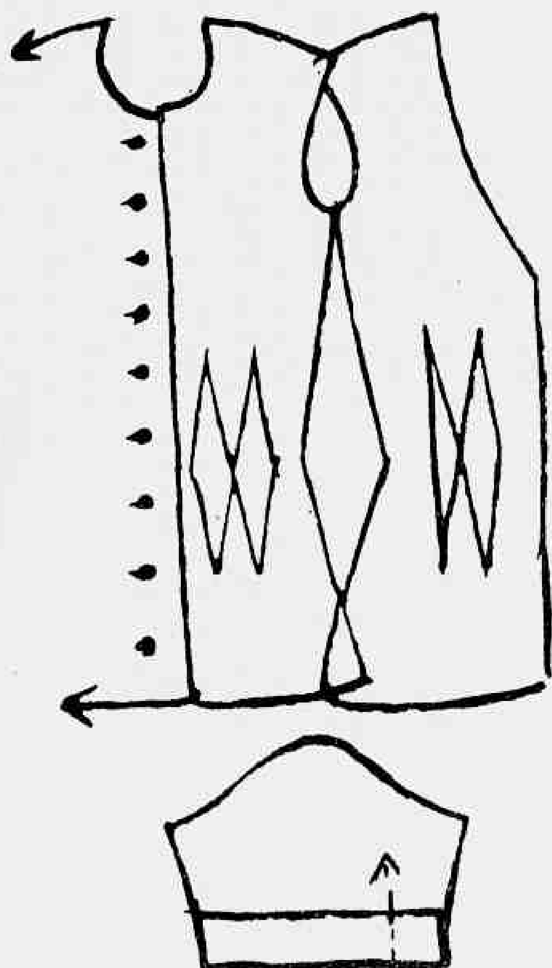
de Campos apresenta MARIUS





"Shorts" de linho, com blusa de "shantung" debruada de prêto, ideal para esportes e "weekend".







Nesta blusa cintada e abotoada nas costas, a manga em meia lua empresta grande graça ao conjunto.

DURANTE uma de minhas visitas ao atelier de Marius, folheando uma pasta de desenhos, encontrei suas primeiras criações timidamente esboçadas. Na época em que foram feitas, Marius Lauritzen Bern, (que já era um pintor laureado, e diretor artístico de famosa emprêsa de publicidade), nem pensava em um dia vir a radicar-se entre nós.

TENHO a certeza de que as leitoras da "revista", darão a melhor acolhida a estas criações, que ressaltam as características da silhueta moderna, (ombros largos, busto acentuado e cintura mais alta) e que são fruto não só de um bom gôsto apurado, mas também de uma experiência de anos com figurinos e modas. B. de Campos



"Shaker" de "shantung", com mangas abertas, abotoado por passadeira larga com bolsos diagonais

DE MARTE (ou de outro planêta?)

EXÉRCITOS DE DISCOS VOADORES ESTÃO VIGIANDO A TERRA!

A princípio, ninguém o levava a sério e aquêle que afirmava ter visto um dêles, no espaço, corria o risco de ser considerado lunático. Houve os visionários e os oportunistas, uns procurando evidência a custa do pobre disco-voador, outros explorando sensivelmente o assunto que ficou em moda. Só mais tarde, êsse assunto passou a encarar-se no campo das coisas possíveis: depois que veteranos pilotos aéreos (equipes inteiras) deram seu testemunho afirmativo e insuspeito, e quando as autoridades de vários países, inclusive do nosso, viram-se na contingência de divulgar comunicados, deixando em suspenso o problema ou desmentindo a existência do disco-voador, que tantos afirmam ter visto.

E assim chegamos a 1955, com as populações da Terra, de nariz espetado no ar, à espera do desconhecido. Já se admitiu a paz completa entre os homens de boa e os de má vontade, em nosso planêta, desde que um perigo maior, vindo de outro astro, nos ameaça. Isso quer dizer que o homem está pronto a cerrar fileiras com todos os seus adversários, também homens da Terra, para, juntos, enfrentarem os exércitos que dizem estar prestes a vir de Marte, ou da Lua, ou até mesmo do Sol, de acôrdo com a teoria exposta e defendida pelo sr. Antônio Sérgio Leiria, em nossa edição anterior...

E enquanto o disco-voador continua a fornecer assunto — mais uma vez ventilado em outras páginas deste número — aqui está reconstituída uma visita (ou um ataque?) de um pequeno exército dêsses velozes aparelhos, procedentes do planêta desconhecido, envolvendo, em um anel de vigilância e policiamento (quem sabe?) o nosso desamparado e ignorante globo terrestre, tal como imaginou a cêna, o nosso ilustrador Ramón. (Desenho de Ramón).

MARIA

Romance de JORGE ISAACS

Desenho de RAMÓN

— Ah, quem sabe!
— Você deve acreditar que êle aceite, Maria.
— Não, não. Porque se me enganasse nisto, tenho certeza de que êste engano me faria muito mal. Porém, faça como digo. Assim, pode ser que tudo saia bem.

XXXVI

Havíamos chegado. Estranhei ver fechadas as janelas do aposento de minha mãe. Havia ajudado a ela apear-se e estava fazendo o mesmo com Maria, quando Eloísa chegou para nos receber, insinuando-nos por meio de sinais que não fizéssemos barulho.

— Papai voltou a descansar, disse, porque está doente.

Sòmente Maria e eu podíamos supor a causa, e nossos olhares se encontraram para dizê-lo. Naquele instante ela e minha mãe entraram a fim de ver meu pai. Eu acompanhei-as. Como êle percebeu que havíamos nos preocupado, disse-nos com voz balbuciada:

— Não é nada, acho que me levantei sem cuidado e apanhei êste resfriado.

Apresentava sinais de febre.

Meia hora depois Maria e minha mãe achavam-se já em trajes caseiros. Serviu-se o almôço, porém elas não o assistiram. Ao levantar-me da mesa, chegou Ema para me dizer que meu pai me chamava.

A febre havia aumentado. Maria se achava de pé e encostada a uma das colunas da cama — Ema ao seu lado e minha mãe à cabeceira.

— Apaguem algumas dessas luzes, dizia meu pai no momento em que eu entrava.

Só uma havia, e estava sôbre a mesa que lhe ocultava a cortina.

— Aqui está Efraim, disse minha mãe.

Pareceu-nos que não havia escutado. Passados uns instantes, disse como para si mesmo:

— Isto não tem senão um remédio. Porque não vem Efraim para despachar tudo de uma vez?

Fiz notar a êle que me achava presente.

— Bom, continuou, traz as cartas para assinar.

Minha mãe apoiava a fronte numa das mãos. Maria e Ema procuravam saber, olhando-me, se realmente existiam tais cartas.

— Assim que você esteja mais repousado, despachará tudo melhor.

— Que homem! Que homem! — murmurou. E em seguida permaneceu em letargo.

Chamou-me minha mãe ao salão e disse:

— Parece-me que devemos chamar o doutor — que acha?

— Creio que realmente deve ser chamado. Ainda que a febre passe, não se perde nada em fazê-lo vir. E se. . .

— Não, não interrompeu ela: sempre que alguma enfermidade começa assim, é grave.

Logo que despachei um criado à procura do médico, voltei para o lado de meu pai, que me chamava outra vez.

— A que horas voltaram? — perguntou-me.
— Há mais de uma hora.
— Onde está sua mãe?
— Vou chamá-la.
— Que não saiba nada.
— Sim, senhor, esteja tranquilo.
— Colocou esta data na carta?
— Sim, senhor.
— Tirou do armário aquela correspondência e os recibos?

Dominava-o, seguramente, a idéia de remediar a perda que havia sofrido. Minha mãe havia escutado êste último diálogo, e como êle parecesse dormir, perguntou-me:

— Teve seu pai alguma doença nesses últimos dias? Recebeu alguma notícia má? Que é que não quer que eu saiba?

— Nada sucedeu, nada que estejamos ocultando à senhora, respondi, fingindo a maior naturalidade possível.

— Então, que significa êsse delírio? Quem é o homem de que parece queixar-se? De que cartas fala tanto?

— Não posso adivinhá-lo, senhora.

Ela não ficou satisfeita com minhas respostas, porém eu não devia dar-lhe outras.

Às quatro da tarde chegou o médico. A febre não havia cedido, e o enfêrmo continuava delirando de vez em quando, em letargo outros. Todos os remédios caseiros que haviam aplicado para o suposto resfriado, haviam até então sido ineficazes.

Tendo o doutor disposto que se preparasse um banho de tina e o necessário para aplicar ao meu pai umas ventosas, dirigimo-nos ao meu quarto. Enquanto confeccionava uma poção, procurei saber seu conceito sôbre a enfermidade.

— Provàvelmente é uma febre cerebral, disse-me.

— E essa dor de que se queixa na região do fígado?

— Nada tem a ver com as outras coisas, mas não é desprezível.

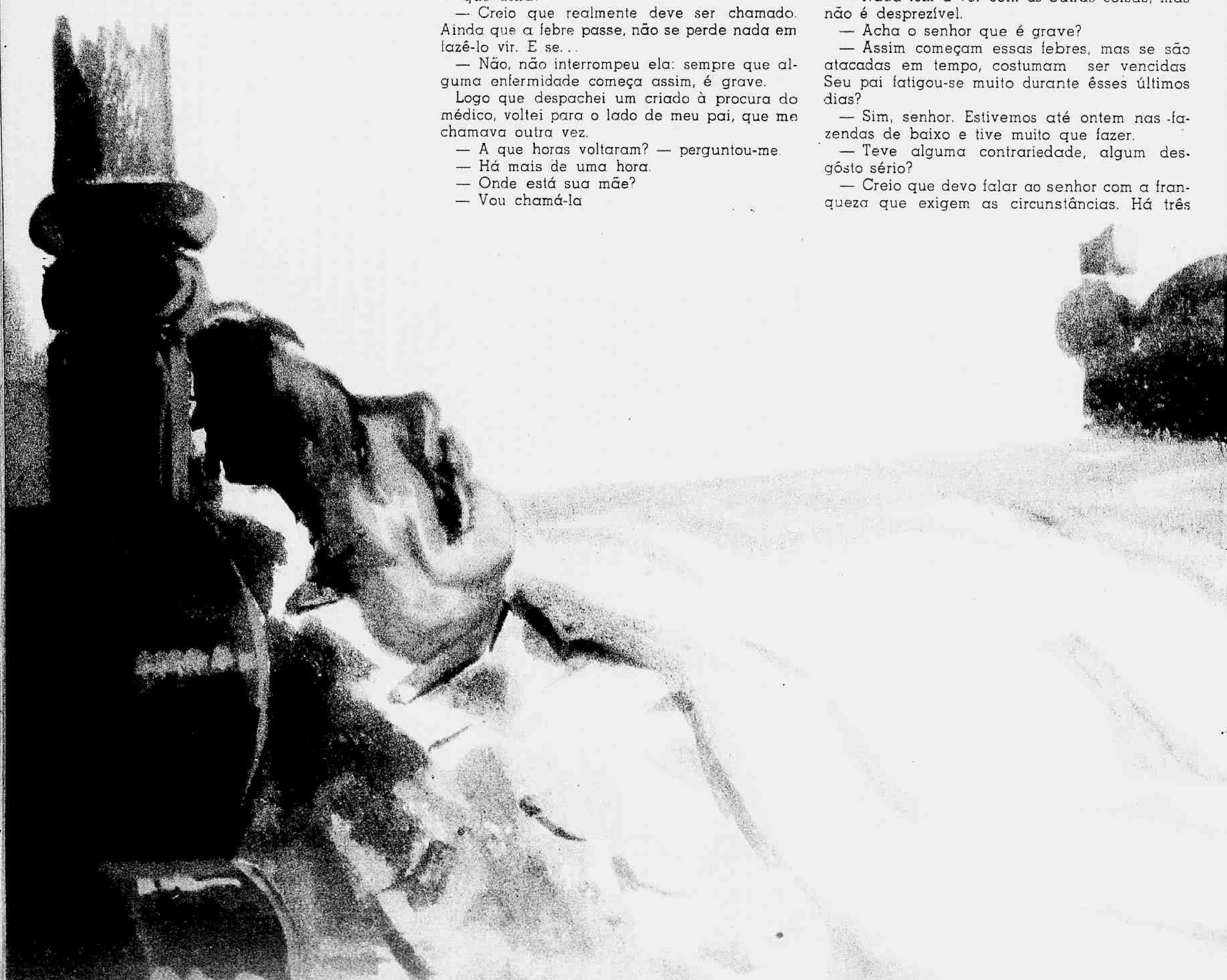
— Acha o senhor que é grave?

— Assim começam essas febres, mas se são atacadas em tempo, costumam ser vencidas. Seu pai fatigou-se muito durante êsses últimos dias?

— Sim, senhor. Estivemos até ontem nas fazendas de baixo e tive muito que fazer.

— Teve alguma contrariedade, algum desgôsto sério?

— Creio que devo falar ao senhor com a franqueza que exigem as circunstâncias. Há três



dias recebeu a notícia de que um negócio com cujo bom êxito necessitava contar, havia se perdido.

— E isto causou-lhe muita impressão? Desculpe-me se falo desta maneira, creio indispensável fazê-lo. Ocasiões terá você em seus estudos, e mais freqüentemente na prática que existem enfermidades que provindo de sofrimentos da alma, disfarçam-se com sintomas de outros, ou complicam-se com algumas mais conhecidas da ciência.

— Pode estar você quase seguro de que essa desgraça de que falei foi a principal causa da enfermidade. E' tão indispensável advertir que minha mãe ignora o ocorrido, porque meu pai assim quis, a fim de evitar-lhe aborrecimentos.

— Está bem. E' justo falar-me dêste modo. Esteja certo de que saberei aproveitar-me prudentemente do segrêdo. Como sinto tudo isto! Agora iremos por caminho mais conhecido. Vamos, acrescentou pondo-se de pé, e tomando as drogas que havia reunido no copo. Creio que isto lhe fará algum efeito.

Já eram duas da manhã. A febre não havia cedido um grau.

O doutor, depois de velar até aquela hora, retirou-se suplicando que o chamássemos se apresentasse algum sintoma alarmante.

A estância, escassamente iluminada, achava-se mergulhada em profundo silêncio.

Permanecia minha mãe numa cadeira junto à cabeceira: pelo movimento de seus lábios e pela direção de seus olhares, fixos num Ecce-Homo, pendurado à porta que dava entrada do salão para o aposento, podia-se conhecer-se que orava. Já por palavras que havia surpreendido durante o delírio de meu pai, já se achava a par de tudo o que acorrera. Aos pés da cama, ajoelhada sôbre um sofá, e meio oculta pelas cortinas, procurava Maria fazer voltar o calor aos pés do enfêrmo, que de novo havia se queixado de frio. Aproximei-me dela para dizer-lhe.

— Retire-se para descansar um pouco.

— Porque? — respondeu-me levantando a cabeça, que tinha apoiada num dos braços, cabeça tão bela em seu desalinho de agora, como quando se achava primorosamente adornada para o passeio da manhã anterior.

— Não lhe fará bem passar tôda a noite em claro.

(Continua no próximo número)



RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● Efraim, ainda criança, fôra mandado pelos pais a um internato educacional, em Bogotá, capital de seu país. Além dos filhos, criava o casal uma menina de nome Maria, filha de um irmão do pai de Efraim. Efraim e Maria, criados como irmãos, embora não ignorassem a verdade. Quando Efraim voltou à casa paterna, surpreendeu-se com a beleza da irmã de criação e o mais intenso amor manifestou-se entre ambos. Nesse ínterim, o médico que estava tratando de Maria declarou que a moça sofria de ataques epilépticos, e que a vertigem que tivera fôra causada por tal doença. Efraim parte para caçar, matando um tigre. Após descansar, regressa, encontrando Carlos em sua casa, pretendendo a mão da moça. Debulhada em lágrimas, Maria é informada da pretensão. Recusa, no entanto, alegando que é doente e jamais pretende se casar. Efraim confessa que é amigo de Carlos e que lhe perdoa tudo. Maria pede-lhe então que jamais desfaçam aquela amizade. Êle concorda e retira-se para trabalhar com o pai. Êste, recebendo uma má notícia, sente-se mal, adoecendo. Durante tôda a noite lutam com a enfermidade. O doente delira e resolvem mandar chamar o médico.

CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA

NOTÍCIAS CURIOSAS

★ NEM OUVEM! — Quando a dona de casa recebe, costuma ouvir amável porém distraìdamente, aquilo que dizem os convidados ao chegar, pois tem a cabeça cheia de preocupações compreensíveis nesses momentos. Tão distraída como ouve, também responde frazes convencionais. Querendo provar a verdade disso, o autor inglês Noel Coward disse à anfitriã, a fim de desculpar-se pelo atraso:

— Desculpe-me chegar tão tarde, mas levei mais tempo do que esperava para estrangular minha avó.

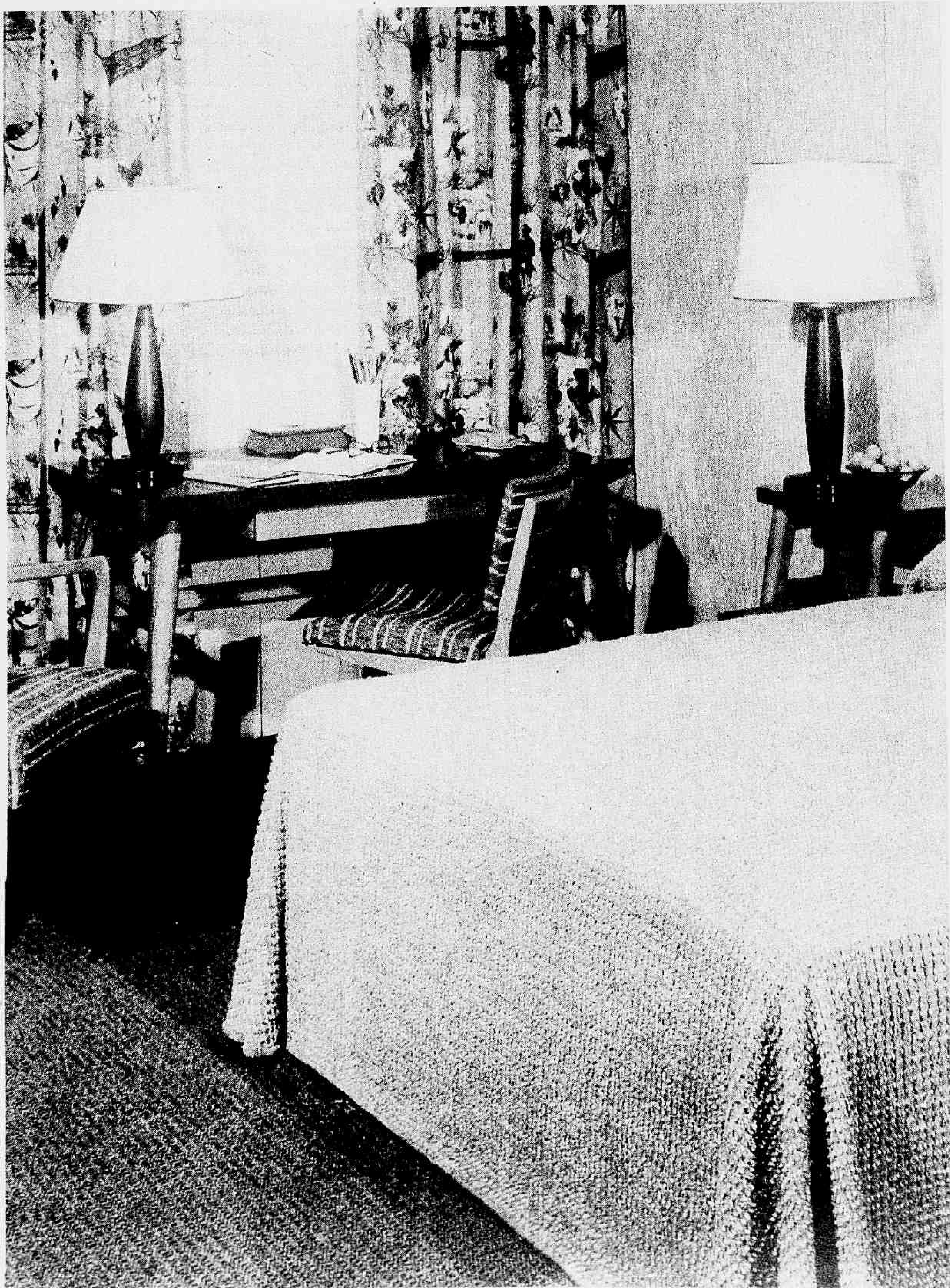
E a dona da casa respondeu sorridente:

— Não tem importância. O principal é que tenha vindo!

★ OFENDEU O GATINHO! — Estranho que tenha acontecido na Itália, onde as mulheres não costumam brigar com os maridos por motivos fúteis. Pode ser, porém, que o gato fôsse de estimação. A senhora Cartacci, da cidade de Aulla, abandonou o lar conjugal e voltou para a casa dos pais, dizendo que o marido «ofendera» o... gato. Diz que só voltará quando êle pedir desculpas «ao bichano».

★ AMOR EM ESPERANTO — São muitos os casos de romances entre correspondentes nas mais diversas línguas, porém, talvez êste seja o primeiro casamento motivado por uma troca de cartas em esperanto. Aconteceu entre a senhorita sueca Astrid Loegren e o senhor português Paulo Carenas. Declararam que o esperanto será a língua oficial de seu lar, e a primeira língua que aprenderão os brotinhos a vir.

★ BISCOITO VERMELHO... MENINA — Foi um médico francês quem inventou êsse sistema para determinar se o rebento será menino ou menina. A futura mãe põe na boca um biscoito confeccionado segundo uma fórmula especial — se sua côr mudar para vermelho, é sinal de que o bebê a nascer será uma menininha. Se não mudar de côr, será um guapo rapagão. A descoberta está despertando extraordinário interêsse entre as futuras mamães de todo o mundo.



SUGESTÃO PARA O LAR

● **DETALHES MODERNOS** — Uma das características mais interessantes da moderna decoração é o requinte dos detalhes simples. Parece um paradoxo, isso dito assim. Mas, observe, por exemplo, êste quarto de dormir: a singeleza da linha dos pés dos «abat-jours» em madeira torneada e polida, a simplicidade dos quebra-luzes em linho granitê. Depois analise a mobília: cadeiras em madeira vergada, tipo sueco; mesa de pernas roliças e tampo liso. A cortina, em estamparia abstrata, e o estofamento das cadeiras, em listrado mescla, dão a nota colorida ao ambiente, quebrando-lhe um pouco a austeridade acentuada pela colcha em tecido rústico, e o tapête de fibra que recobre todo o chão. A fotografia reproduz um quarto de rapaz decorado pelo arquiteto norte-americano Cheney Greeff, que escolheu para a estamparia as côres: vermelho queimado, dourado e castanho escuro, sôbre fundo verde água, e repetiu-as no tapête, colcha e estofamento das cadeiras.

NOTINHAS ÚTEIS

LEITE AGUADO? — Para reconhecer se o leite está misturado com água (em grande quantidade) agite-o e mergulhe no mesmo uma agulha de tricô de metal. Se ela sair limpinha o leite contém água demais, e foi aguado. Se fôr retirada embaçada de branco (gordura do leite) o leite não tem água ou... tem muito pouca.

LINOLEUNS E ENCERADOS — Para que recuperem o brilho de quando novos, passe sôbre a superfície (depois de bem limpa) — um pouco de clara de ôvo batida em neve.

CLARA E GEMA — A maneira mais prática de separar a clara da gema de um ovo é quebrá-lo dentro de um funil de cano estreito. A clara sairá pelo funil e a gema ficará inteirinha. Experimente.

UM POUCO DE BELEZA

Pesos e medidas



Não basta você tomar suas medidas cuidadosamente com a fita métrica e comparar com as de Miss Universo ou de Miss Brasil para chegar à conclusão de que precisa emagrecer. É preciso que considere sua altura, sua constituição e a estrutura de seus ossos. Os corpos com estrutura constituída por ossos mais finos precisam de mais carne para formar o contôrno do corpo. Os tipos com ossos largos pesam um pouco mais, mesmo quando com medidas iguais. Portanto não procure pesar exatamente como indicado no mapa de pesos e medidas que lhe cai nas mãos. Êstes existem para serem usados como guia geral e não em casos individuais. São confeccionados com minúcia e exatidão, porém, no seu caso particular, a estrutura de seu corpo é quem vai determinar o que é melhor para você.

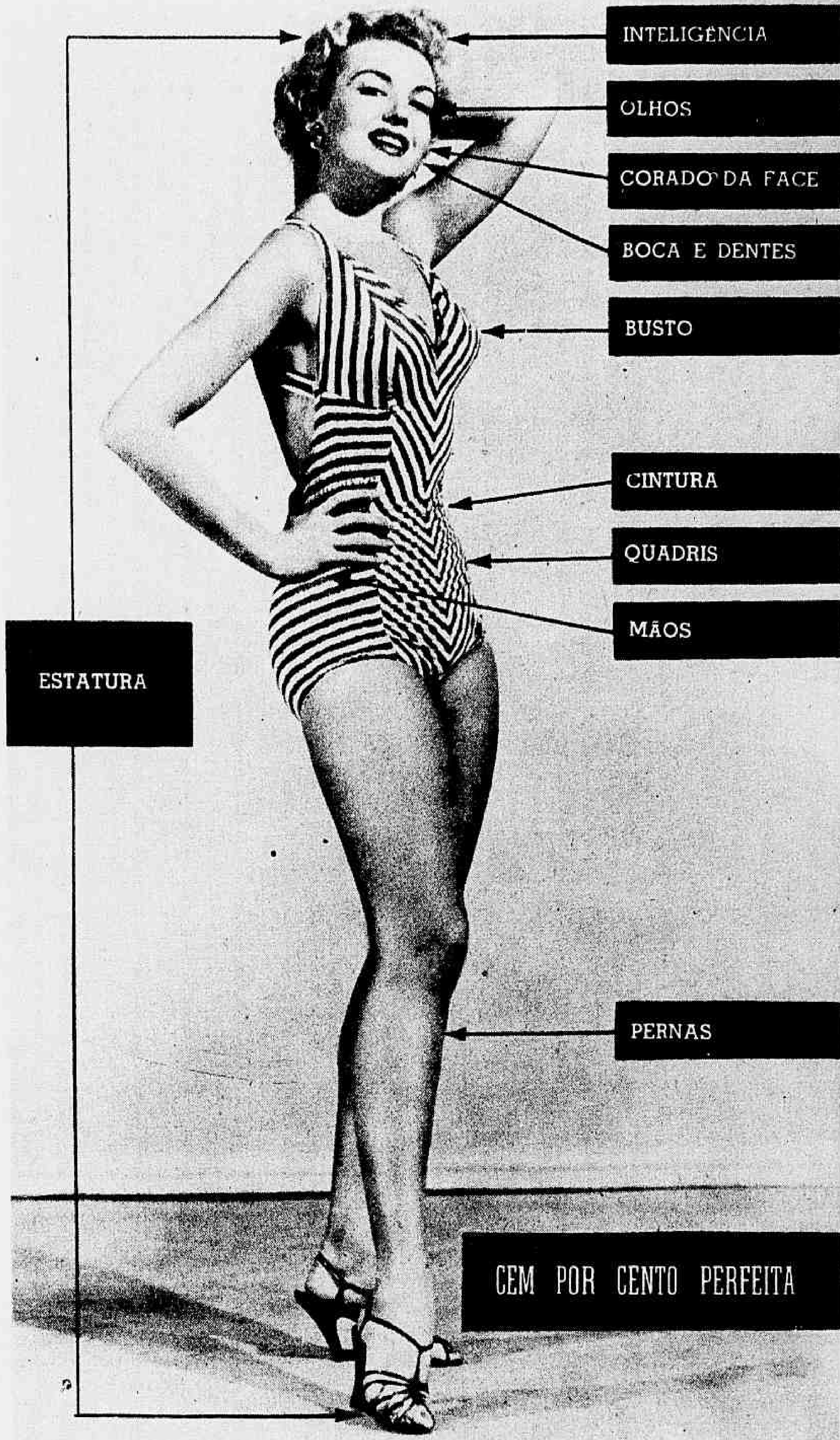
★



Se acha que deve fazer dieta para emagrecer, consulte um médico especialista. Ao iniciar qualquer regime ou série de exercícios para emagrecimento pese-se no primeiro dia, para poder comparar depois. Outra coisa, faça seu regime com discrição, sem comentar muito o fato, nem se lamentar.

★

Se come fora, porque trabalha, não fale no assunto durante o almôço, nem à hora do lanche. Coma o que deve, e se lhe disserem que está comendo menos, responda que anda sem fome ou que tem tomado muito lanche pela manhã. Se é dona de casa, não atormente sua família com sua dieta.



Eis a atriz considerada «perfeita» pela Universal International. Kathleen Hughes, além de ter obtido o ponto máximo pelos seus dotes físicos, também conseguiu o máximo de pontos nos testes intelectuais a que se submeteu. As setas indicam aquilo que foi estudado e anasisado pela atriz.



WEEK-END NA COZINHA



Nestes dias, em que a carne dos açougues está por um preço altíssimo, uma lata de bom salmão já não nos parece tão cara. E quantos pratos saborosos podem ser preparados, com um pouco de imaginação. O salmão combina bem com vegetais, por exemplo, como se pode ver por esta deliciosa receita de hoje.

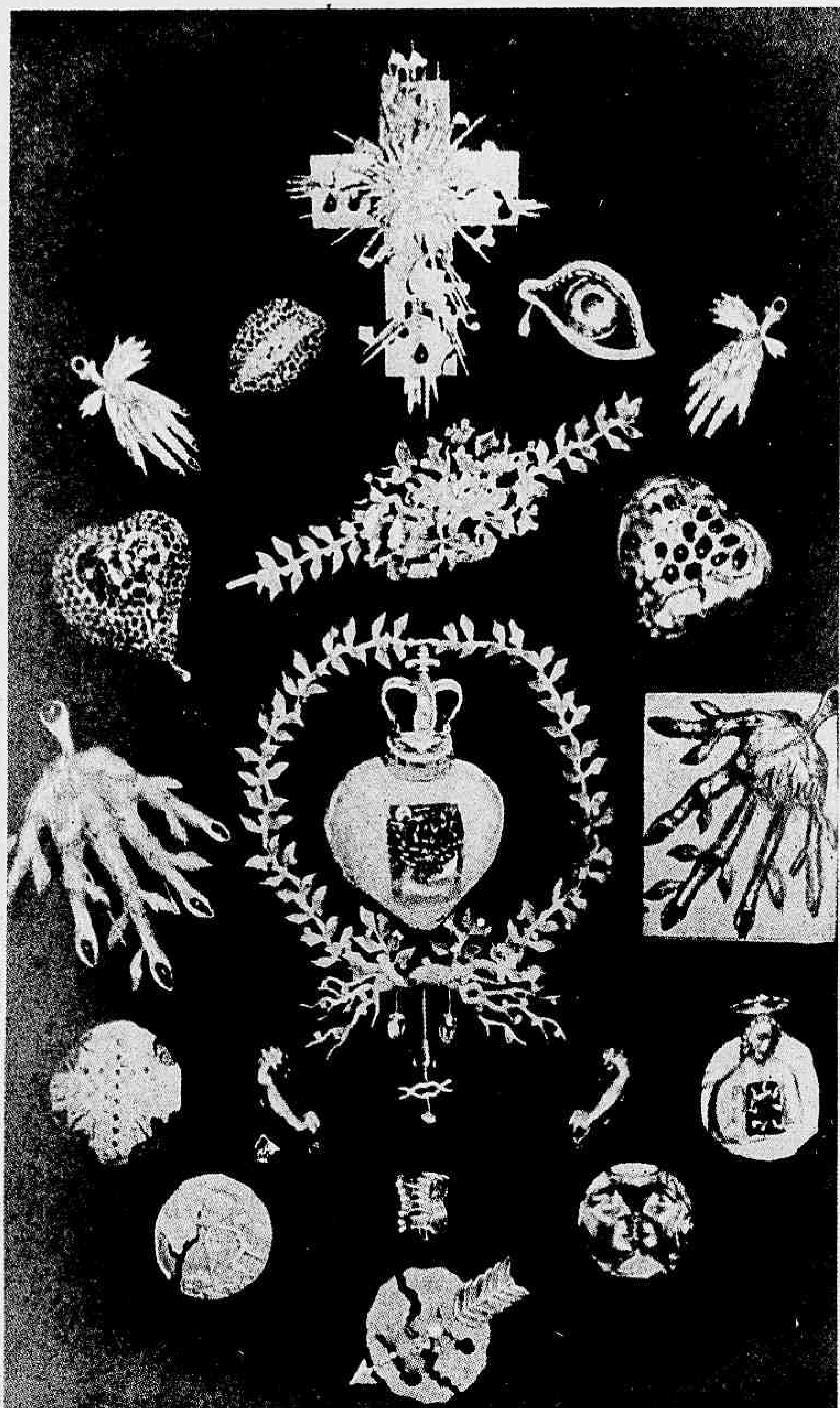
1 — Cozinhe, em água fervendo com sal, 4 xícaras de batatas, descascadas e picadas. Escorra a água.

2 — Enquanto as batatas estiverem cozinhando, derrata numa frigideira um pouco de manteiga ou margarina (3 colheres das de sopa, rasas). Junte 1/4 de xícara de farinha de trigo e misture. Acrescente 2 colheres das de copa de mostarda em pasta, já preparada. Ponha, aos poucos, 2 xícaras de leite. Misture com uma colher de pau, até que o môlho engrosse. Tempere com sal e pimenta. Tire do fogo.

3 — Numa tijela grande, desfie 400 gramas de salmão enlatado. Junte uma xícara de cebola picada e 250 gramas de «petit pois» cozidos, junte as batatas e misture tudo com um garfo.

4 — Arrume essa mistura em 6 fôrminhas de vidro que possam ir ao forno, ou, preferindo, numa fôrma só, maior. Espalhe por cima o môlho de mostarda. Asse em forno moderado, perto de meia hora para as fôrmas pequenas, ou 45 minutos para a fôrma grande. Sirva quente.

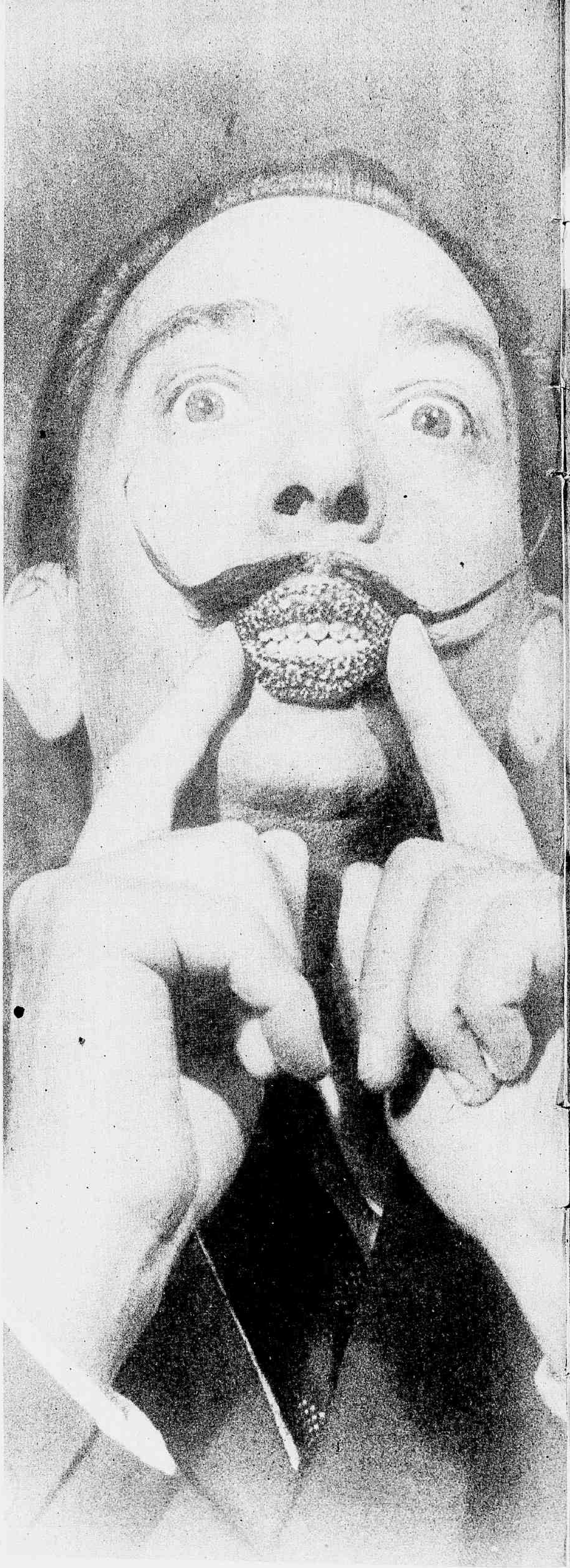
NOTA — Pode usar o atum em lata, em vez de salmão. Querendo economizar, pode preparar o prato com metade da quantidade de salmão ou atum indicados na receita.



AS JÓIAS, TENDO AO CENTRO O FAMOSO «CORAÇÃO REAL».

DALI FAZ VIBRAR UM CORAÇÃO DE PEDRAS

O pintor Salvador Dali foi pessoalmente apresentar a Paris 21 jóias surrealistas que êle desenhou em 1947 e que, evidentemente, nenhuma mulher usará. Estas jóias, expostas na Galeria Bernheim são com efeito destinadas ùnicamente a demonstrar que o trabalho dos artesões americanos tem a qualidade da dos trabalhadores da velha Europa. Foram necessários três meses à equipe dos "atelliers" da joalheiria Alemany e Ertman, para executá-las. Foram vendidas no ano passado por 250.000 dólares (87 milhões e meio de francos) à Fundação Catherwood. Os fundadores, Sr. e Sra. Catherwood estão dispostos a dar a volta ao mundo com as jóias de Dali. Não foi senão depois da Itália, da França e da Espanha, que os Estados Unidos puderam ver essas estranhas obras de arte, das quais Dali disse: "Quis desmaterializar a pedra, transformando-a em luz". Ao lado, o tesouro, cuja peça mais fantástica, o "coração real", ocupa o centro. É um coração em pepita de ouro, coroado com um emblema real, tendo ao centro um outro coração de rubis, que palpita na cadência de 72 pulsações por minuto, simbolizando o de um chefe de Estado batendo por seus vassalos.



UM BRACELETE EM FORMA DE LÁBIOS, COM DENTES DE PÉROLAS.



A CRUZ DE CRISTO, EM OURO E CRAVEJADA DE PEDRAS VARIADAS.

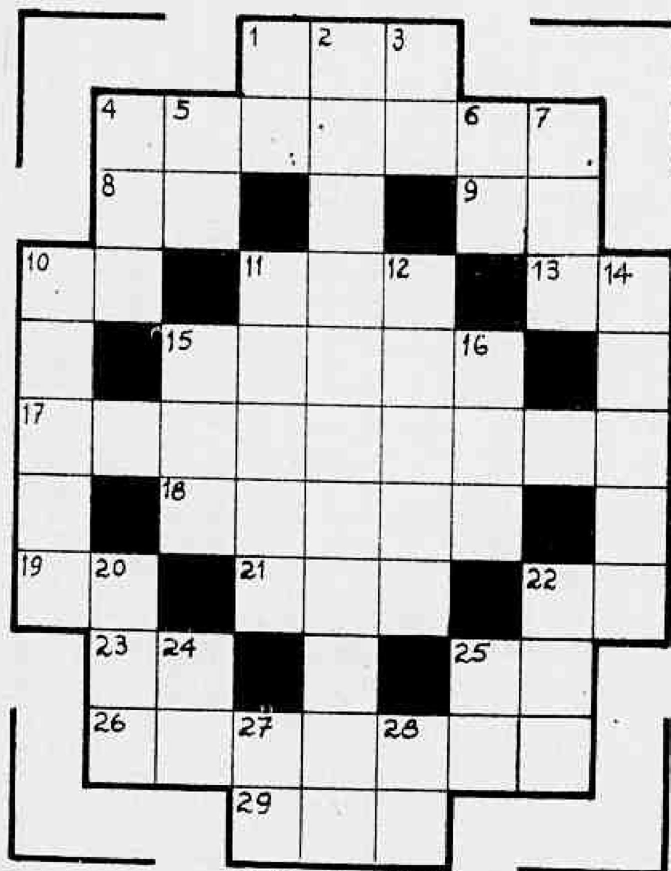


DALI EXIBE UM OUTRO CORAÇÃO... QUE NÃO É O DÊLE:

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 48

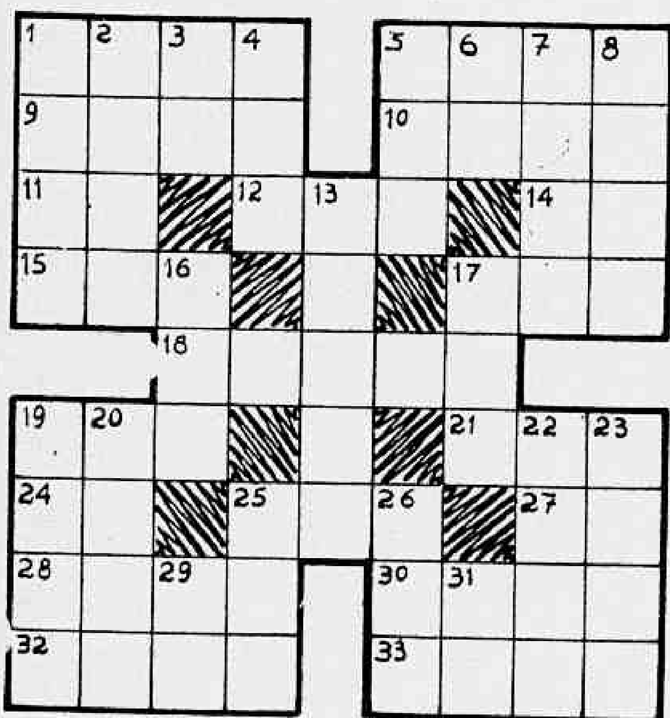
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Deusa da abundância e fertilidade, protetora da agricultura — 4. Profanara — 8. Interjeição de chamamento — 9. Correr — 10. Anfíbio — 11. Antiga região da França, na Bretanha — 13. Prefixo que traz a idéia de tendência, direção — 15. Pequeno — 17. Nativo — 18. Óleo extraído do arilo da noz-moscada — 19. Desinência verbal — 21. Medite — 22. Interjeição de espanto — 23. 6ª letra do alfabeto russo — 25. Só — 26. Ausência congênita da bôca — 29. Rei de Judá (944-904 A.C.).

VERTICAIS: — 1. Sufixo designativo de uso, naturalidade — 2. Que têm lindos cabelos — 3. Nota musical — 4. Na antiga Grécia, hino em honra de Apolo — 5. Interjeição de espanto — 6. Medida japonêsa de extensão — 7. Constelação austral — 10. Diz-se do cavalo de côr clara e crinas amarelas — 11. Refrescar-se — 12. Deusa grega da saúde — 14. Luto — 15. Cerveja forte que se fabrica na Alemanha — 16. Lua — 20. Braço de rio navegável — 22. Única — 24. Mi-bemol, na notação alemã — 25. Grito de dor, espanto — 27. 3ª letra do alfabeto árabe — 28. Cânhamo da Índia.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Mamífero roedor — 5. Do verbo rimar — 9. Nome de homem — 10. Rio da Rússia — 11. Perversa — 12. Mau cheiro — 14. Aqui — 15. Nome de homem — 17. Rio da Suíça — 18. Assassinar — 19. Curso de água natural — 21. Vazio — 24. Seguir — 25. Época — 27. Antes de Cristo — 28. Irmão e assassino de Abel — 30. Impele com os remos — 32. Margem, borda — 33. Lavrar.

VERTICAIS: — 1. Capital da Itália — 2. Gostar — 3. Basta! — 4. Reza — 5. Caminho orlado de casas — 6. Andar — 7. Padiola — 8. Içar, levantar — 13. Procurar — 16. Íntimo — 17. Argola — 19. Opulento — 20. Irritar — 22. Leito — 23. Esvaziar — 25. Avestruz — 26. Pedra do altar — 29. Símbolo do ilínio — 31. Desinência verbal da 2ª conjugação.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 47

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — farsa — cal — Ilo — par — ura — aproximar — orcei — um — Na — bauna — acessório — III — itu — Ari — caa — ordem.

VERTICAIS: — farrombeiro — Al — si — aluminaria — Cap — ora — Pau — excluso — aro — or — ie — dai — as — No — vou — cia — itã — ir — ce!

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — cal — til — irara — Roma — orar — iam — mar — Aar — rir — arai — irar — tarar — aca — ali.

VERTICAIS: — côr — Lima — tara — lar — ramaria — romaria — oirar — arara — aatá — irra — ama — rei.

Boas Festas

AGRADECEMOS e retribuímos as mensagens de Natal e Feliz Ano Novo recebidas de: Cia. T. Janér, Comércio e Indústria — Comp. Importadora Sueca Ltda. — Fita Celulose Scotch — Metro Goldwyn Mayer — França Filmes do Brasil S.A. — Ruy Londres — Clube de Regatas Vasco da Gama — Sra. Aurora Lisboa — União Brasileira de Compositores — Srta. Marietta de Avellar — Automóvel Clube do Brasil — Sra. Georgette Santos — Biblioteca Pública, Antero Corrêa de Barros, diretor (Sta. Maria, Rio Grande do Sul) — Olivinha Carvalho — Sara Almada (Cataguazes, Minas) — Linotypo do Brasil S.A. — Casa Comissária Loureiro Ltda. — Centro de Informações das Nações Unidas, do Rio de Janeiro — Cia. Burroughs do Brasil, Inc. — L.J. Costa & Cia. Ltda. — Diretório Acadêmico da Faculdade Nacional de Arquitetura — Banco Holandês Unido — Hotel Glória — Carlos Salleiro, Fábrica de Estopas Vasco da Gama — Gilda Nery — M. Gérard De La Villesbrunne, Secretário de Imprensa da Embaixada de França — Pro-Matre — Laboratórios Leite de Rosas Ltda. — Danilo Bastos e Dercy Gonçalves — General Motors do Brasil — Esso Standard do Brasil, Dep. de Relações Públicas — Eugênio Lyra Filho — Pietro T. Saporiti (Time-Life International) — 20th Century Fox — Pascoal Longo — Gustav Fuechsel — Cia. Moacyr Pereira de Souza de Papéis — Agência Johnson Ltda. — Murray, Simonsen S.A. — Escola Modêlo de Taquigrafia (S. Paulo) — Os Idealistas — British Broadcasting Corporation — Mr. A. Tate (De Londres) — Octavio Sargentin (Pôrto Alegre) — Banco Português do Brasil S.A. — Productos Mineraes Ltda. — Tintas Supercor Ltda. — Remington Rand do Brasil S.A. (Casa Pratt) — Películas Americanas do Brasil, S.A. (Pelmex) — Srta. Maria Zorilda — Sindicato dos Atores Teatrais, Cenógrafos e Cenotécnicos do Rio de Janeiro (Casa dos Artistas) — Atlantic Refining Company of Brazil — Expresso Estrêla de Prata Ltda. — Cia. Tietê de Papéis e Grepaco Indústria Manufatora de Papéis — Albino Mesquita & Cia. — Arnaldo Gerai, Agência Keystone — Comp. Importadora Sueca Ltda. — Antônio Pereira Marques, presidente da Casa dos Poveiros — Casal Maria da Luz Souza de Bettencourt — Gastão de Bettencourt — Casal Elza-Henrique Campos — Olivinha de Carvalho — Bernard C. Campos — Pelmex — Republic — Comp. Siderúrgica Nacional (Volta Redonda) — Pan American World Airways — S.A. Magalhães Comércio e Indústria — Livraria Agir Editôra — Perfumes Selectos S.A. (Myrurgia S.A.) — Antônio Faria, Agência Modêlo (Cachoeira de Itapemirim, Espírito Santo) — Banco Aliança do Rio de Janeiro S.A. — Universal Filmes S.A. — Emprêsa Socopan — Casa Bruno Mandarino, Papéis e Artes Gráficas Ltda. — Charlotte Bucaille (Agence Parisienne de Presse) — Spinosa Rothier Duarte, Serviço de Informação Sanitária da Secretaria de Saúde e Assistência do P.D.F. — Casa Wolff — Soc. Imp. Exp. Nemaza Ltda. (Organização Jacoberg) — Eno - Scott & Bowne, Inc. of Brazil — Carl Abraham (Robinson-Hannagan Associates) — Cograf — Chrysolette Regadas (Grant Advertising Publicidade S.A.) — Cia. Importadora Gráfica Artur Sievers (S. Paulo) — Javier M. de Padilla, Encarregado de Imprensa da Embaixada de Espanha — Siemens do Brasil, Comp. de Eletricidade — Stozembach & Co. (sucessores de Leclerc & Cia.) — J. Maia — Walda A. Calvet — Jorge Alves (Lisboa, Portugal) — Antônio Cabral — Chefe do Serviço de Imprensa da Panair do Brasil — Osvaldo Rocha, Paramount Filmes (S.A.) Inc. — Flamínio Antônio Pires — Francisco Moraes Alves e família — Hugo Ramos Filho — Tijuca Tênis Clube — Oscar Flues & Cia. Ltda. — Geyer-Molas Ltda. — Comp. Nacional Cine-Filmes — Fruhwald & Jager — S.A. Mercantil Anglo-Brasileira — McCann — Erickson Publicidade S.A. — Nemaza Ltda. — Soc. Importadora e Exportadora — Shell Brazil Ltd. — Air France.

O «FLOR DO OCEANO»

(Cont. da página 25)

piava, inflamada por um espontâneo desejo de prazer, delirante de vida. Era a magia do frevo endemoninhado.

Ia já distante o carro da polícia, mas Ambrósio ainda pôde reconhecer aquêles sons melodiosos que lhe chegavam aos ouvidos. Tinha certeza que Bia retomara seu pôsto, na frente de todos, ao lado de outro porta-bandeira, remexendo ancas, revirando olhos, insuflando homens. A sua voz estaria ali, no meio daquele côro que cantava a plenos pulmões:

Carnaval só tem três dias,
Valha-me S. Salvadô!
Carnaval nasceu no céu
Foi os Anjos qu'inventô...

Tapou os ouvidos com mêdo de enlouquecer

★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★



RENÉ MARA, da Cia. Renata Fronzi-César Ladeira, grande sucesso na peça «Brasil 3.000», ora em cartaz no Serrador.



MARY — Também veio de Buenos Aires e possivelmente ficará nos nossos espetáculos noturnos. O verão está aí.



DÉLIA — Moça argentina que contribui para o embelezamento de «Eu Quero é (que pena) Me Badalar», no Recreio.

COMO ERRAR FAZENDO "SHOW"

PAULO SOLEDADE

● Naturalmente é muito mais fácil errar do que acertar, fazendo um «show». E é tão fácil que raramente se acerta. Mas existe uma maneira que é quase infalível, embora se possa errar por diferentes modos.

Um dos jeitos é considerar-se que esta modalidade de espetáculo compreende uma parte musicada, talvez a mais importante por acompanhar as partes dançada, cantada e, muitas vêzes, falada. Assim, nessa parte, encontramos como meio mais accessível ao êrro, a absoluta ignorância de sua importância, o que vem acontecendo com as melhores famílias. Ignorância esta que se faz sentir quando, espetáculos de mais de uma hora de duração, não oferecem um instante sequer de comunicação com o público, ávido de alguma emoção.

Pode-se errar, também, na parte dançada de muitos modos. Um dêles, selecionando mal os intérpretes. Outro, aproveitando-os mal.

Na parte falada, erra-se buscando texto sem efeito, e raros há que justifiquem sua inclusão num «show». Erra-se também oferecendo ao público um gênero de humorismo muito aquém do gôsto e da moral dêste. Pensando-se que piadas pornográficas substituem um texto construído ou para funcionar na ligação do espetáculo ou para resultar em momentos de hilariedade sadia. Ainda se pode errar na parte cantada usando falsos cantores, ou que pelo menos não ofereçam, por suas condições vocais ou interpretativas, características de «show». É claro que a inclusão inoportuna de um cantor, embora com possibilidades de êxito, pode acarretar um êrro invejável. Mas o mais comum mesmo é observar-se erros na luz, no ritmo e outros complementos que requerem conhecimento de técnica teatral. Êsses, quando apontados irrita mais do que os erros comuns porque as pessoas que vêm se atrevendo a dirigir nossos espetáculos musicados já adquiriram auto-convencimento de sua genialidade e não admitem interferência nestes setores. Poderíamos, se quiséssemos desdobrar, apontar em cada uma dessas partes as possibilidades de êrro que ela oferece escrevendo algumas páginas sôbre o assunto, porém, paramos nestas considerações superficiais para encarar o problema que se nos apresenta como o mais sério nestas realizações. Não temos sido suficientemente tolerantes em nossas críticas e comentários, concordamos, mas razão não nos falta para assim proceder. Considerando-se que um «show» deve ser resultado da utilização de várias artes, ainda que com um sentido popular, e que é impossível fugir-se ao mecanismo da concepção que deve anteceder à realização, é nesta concepção que está o grande êrro. Concepção inicial do todo. Uma boa idéia deve compreender as possibilidades dos artistas e do local. Os recursos com que se conta para uma realização aproximada do que se concebeu, já que não se pode realizá-lo integralmente. A diferença que existe entre um artista, no caso o criador, e o público em geral, é que o criador nasceu com esta propriedade. Todo mundo é capaz de sentir, mas raros o são de transmitir. Sente-se uma música, um baile, um cantor. O criador porém tem de transmitir por êles na criação, e êstes, cada um por si, na interpretação. Se a concepção do criador é falsa ou não existe, não há quem dê jeito. E o que se vem vendo além das outras falhas é a falta de fôrça criadora dos que estão concebendo espetáculos para as nossas noites. Idéias primárias, cópias repetidas e falta de sentido de «show» pròpriamente dito. No livro «Que Es El Arte Abstracto» de Jorge Romero Brest, há uma explicação com relação ao processo da criação artística que recomendaríamos aos que estão com a responsabilidade de apresentar ao público um trabalho honesto, mas tenho receio que isto vá complicar ainda mais as suas cabecinhas.

Observando-se a luta em que vivem empenhados artistas e produtores do nosso teatro de revista, não podemos deixar de exaltar o espírito de sacrifício dêstes elementos que com o risco da própria instabilidade dedicam-se ao inglório propósito de manter êste gênero de espetáculo em evidência. Desde os áureos tempos de Jardel Jercolis que levou ao estrangeiro companhias escritas e dirigidas por gente nossa, até Válter Pinto, de cuja herança partiu para o ponto mais alto de nosso teatro musicado ampliando e renovando constantemente seu repertório, hoje à altura dos maiores da Europa, muitos têm sido os elementos que de um modo ou de outro vêm se empenhando para movimentar êsse setor de nossa arte popular. E impressionante é a tenacidade com que enfrentam os diferentes problemas que se lhes apresentam, sem recursos quase, geralmente em tentativas mal sucedidas. Mas o homem de teatro, pròpriamente dito não desiste. Agora mesmo podemos observar Siwa Tzen organizando uma companhia para o República onde Freire Júnior e Luiz Peixoto foram mal sucedidos com «E' Sopa no Mel». Esta empresária teve até o seu teatro incendiado em Pôrto Alegre, mas nem por isso parou. Geysa Boscoli, irmão de Jardel Jercolis, por conseguinte com sangue de teatro nas veias, depois de economizar seu pequeno lucro do teatrinho Jardel de Copaçabana, atirou-se à aventura da Praça Tiradentes com Joana D'Arc, num espetáculo que trouxe da Argentina a primeira bailarina do Teatro Colon, Adela Adamova. Perdeu também o que não tinha. Mas já está novamente em Copacabana, fazendo pequenos lucros para voltar à Praça Tiradentes no futuro. Virgínia Lane brigou com Válter Pinto, saiu para o Follies, brigou também, sumiu uns tempos e já está de novo no cartaz anunciando sua próxima estréia. Zilco Ribeiro, aviador formado durante a guerra nos Estados Unidos, largou a profissão para se meter em teatro. Tentou com Heber de Boscolli o Carlos Gomes, perderam muito, Zilco começou uma questão por causa do Teatrinho Follies, ganhou. Fêz bastante sucesso ali e já vai sair para outra, pois não quer renovar seu contrato. Joana D'Arc brigou com Geysa Boscoli, foi para o Teatro João Caetano, levou a ótima bailarina Berta Rosanova, mas não se aguentou, perdeu também. Carlos Machado, depois de muito sucesso em buates, tentou a Praça Tiradentes Também. Talvez volte de novo. Como se pode verificar, poucos são os que vêem compensados os seus esforços. Válter Pinto, pode-se dizer é o único empresário de teatro de revista que todos os anos obtém resultado comercial de suas iniciativas. Deve ter alguma fórmula que os outros desconhecem além de um atrevimento muito maior, embora pudesse caprichar um pouco mais, sem se comprometer com o grande público. Mesmo assim, deverá receber muito justamente a medalha de o melhor produtor de teatro musicado do ano.

★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★

A propósito dos Discos Voadores:

O HOMEM (JÁ DONO DO SEU PLANÊTA) DESPREGOU OS OLHOS DA TERRA E OS FIXOU NO ESPAÇO

AFIRMA A ASTRONÁUTICA A POSSIBILIDADE DE TRAVESSIAS INTERSIDERAIS ★ OS GRANDES ABISMOS CÓSMICOS SUPERAM OS LIMITES DA IMAGINAÇÃO HUMANA ★ SEJAMOS MODESTOS, E PERMANEÇAMOS NOS DOMÍNIOS DO SISTEMA SOLAR ★ OS PLANÊTAS COMO ÊLES SÃO ★ A LUA, QUERIDA DOS POETAS E DOS ASTRONAUTAS

O mundo em que vivemos — astronômicamente tão insignificante, se o comparamos a outros corpos celestes — durante séculos e séculos desafiou a curiosidade do homem, e seus mistérios pareciam inexpugnáveis às mais audaciosas indagações. O mar tenebroso, povoado de monstros lendários e de perigos de tôda ordem, quebrava com seus punhos as frágeis embarcações que por êle se aventurassem, e o terror do desconhecido empalidecia a face dos marinheiros mais afoitos.

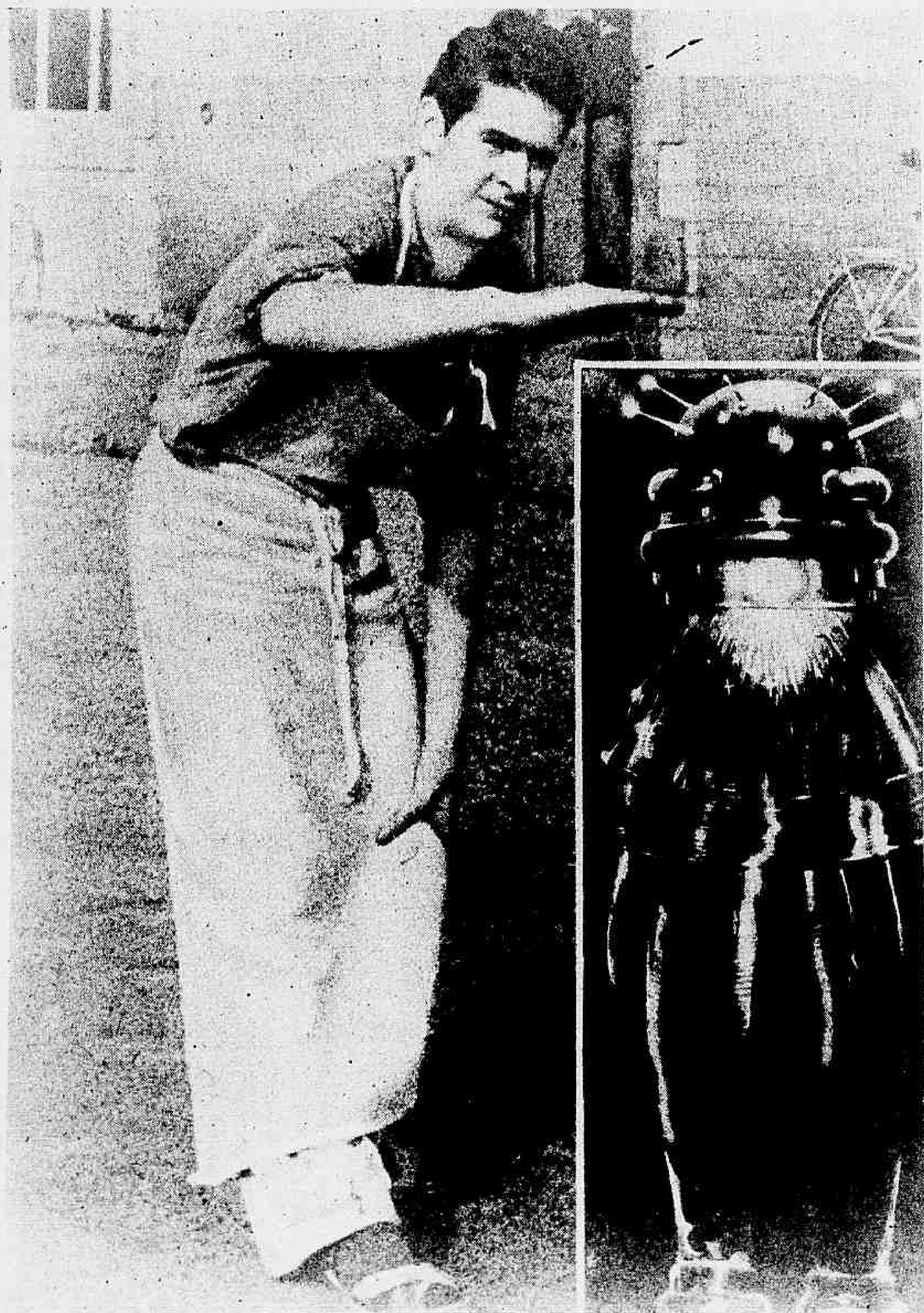
O homem, entretanto, teimoso e obstinado, jamais arrefeceu sua fome de espaço. Adentrou-se mais e mais pelos oceanos ignotos, aperfeiçoou os meios de transporte, moldou as fôrças da natureza de maneira a que elas servissem aos seus desígnios.

Hoje, o mundo é pequeno. Transatlânticos de luxo, aviões a jato, trens velocíssimos cruzam sua superfície em tôdas as direções. Nenhuma parte existe do globo que não tenha sido assinalada e estudada. Mas o homem, dono do seu planêta, despregou os olhos da terra e os fixou no espaço. E um novo capítulo se abre, prodigioso e deslumbrante, na história da eterna inquietação humana.

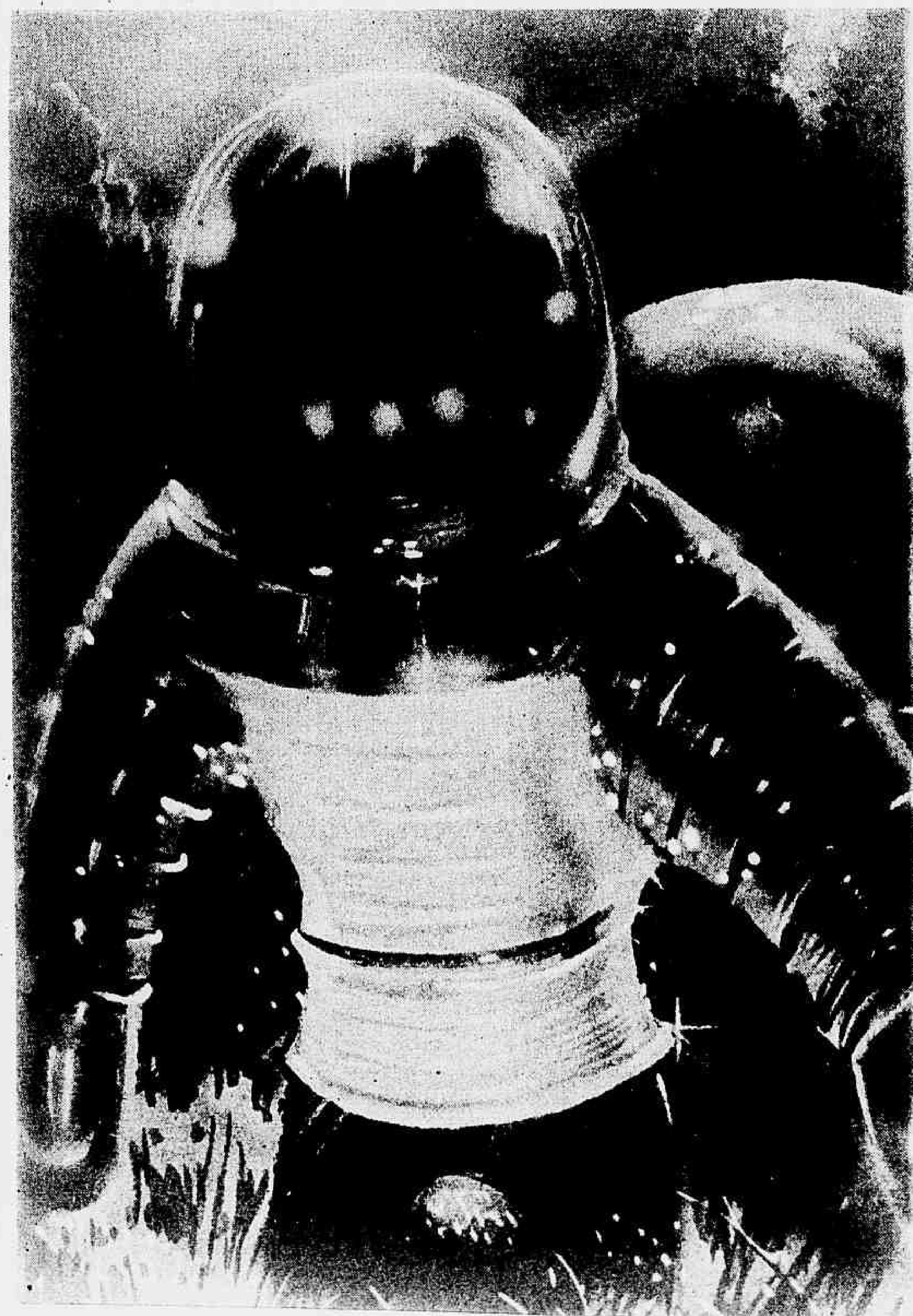
OS GRANDES ESPAÇOS SIDERAIS

A astronáutica, ciência jovem, ponto de convergência das mais modernas e audaciosas aquisições do conhecimento, tem a seu cargo o estudo da possibilidade de travessias interastrais. Deixar a terra, varando os imensos espaços gelados, inquietando pela primeira vez os profundos silêncios siderais — tal é o grande sonho do homem de hoje. E êste sonho, aos poucos, se transforma em realidade.

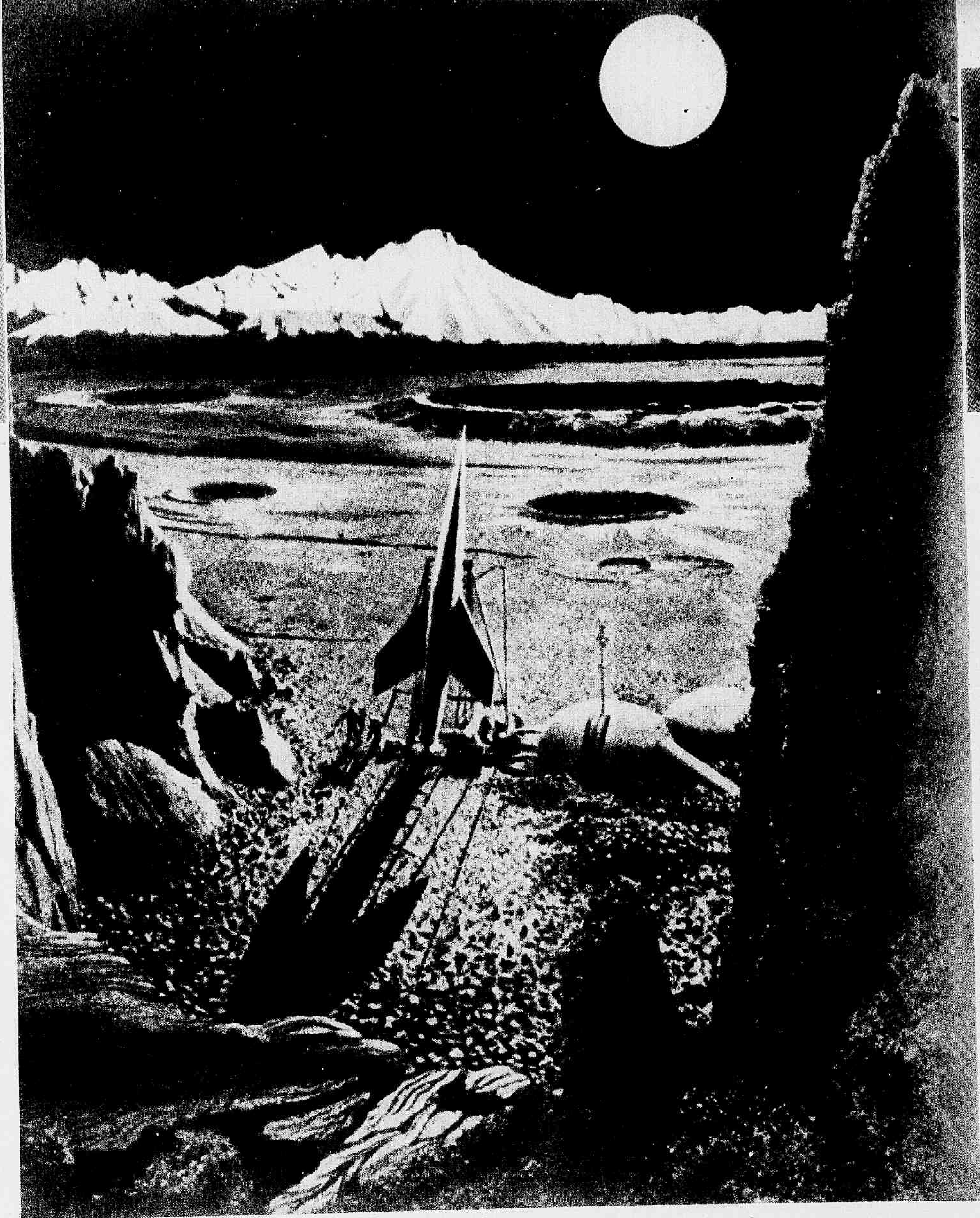
A princípio, como tarefa mais modesta, a astronáutica se propõe à conquista da Lua. Nosso satélite dista da Terra apenas 400.000 kms., em média, e esta distância, em têrmos astronômicos, é pouco mais que uma miséria. À razão de dez kms. por segundo — velocidade astronômicamente também muito modesta —



Muita gente já viu habitantes de Marte, e aqui está um rapaz, descrevendo minuciosamente a imagem que concorda com o desenho.



Eis o homem de Marte segundo uma concepção moderna. Parece um escafandrista, mas é todo de aço e despede relâmpagos mortíferos.



Como todo mundo sonha, aqui apresentamos o que seria o aspecto de um foguete voador em direção à lua. Imensos desertos cercariam a partida, enquanto o velho e romântico astro luziria calmo por cima de nós. Chegará o dia em que veremos êste sonho concretisado?

o cruzeiro se realizaria em dez horas, tempo normal de uma viagem em estrada de ferro. Após a Lua, os planêtas do sistema solar seriam o próximo objetivo a atingir. E depois — a imaginação não conhece limites! — depois as estrêlas, as castas estrêlas de que fala o romancista, fantàsticamente defendidas pelos milhões de milhões de quilômetros que delas nos separam!

É preciso, entretanto, não confundir os vôos da imaginação com as reais possibilidades da astronáutica. Sejamos sóbrios, em nossos objetivos celestes. Contentemo-nos com a pálida Lua ou, no máximo, com o belicoso planêta Marte. Pois os verdadeiros abismos siderais — os astrônomos nos falam de galaxias semelhantes à nossa, a uma distância de um bilhão de anos luz! — nunca poderão ser transpostos pelo homem. A luz caminha a uma velocidade de 300.000 kms. por segundo. Um raio de luz, vindo destas galaxias, demora um bilhão de anos para chegar até nós. E se por acaso uma catástrofe sideral ocasionasse o desaparecimento de tais galaxias, os astrônomos terrestres viriam a constatar o fenômeno daqui a um bilhão de anos! Limitemo-nos diante dêsses dados, a exclamar com Pascal: «os espaços infinitos me estarrecem!»

NOS DOMÍNIOS DO SISTEMA SOLAR

Permaneçamos, portanto, nos domínios do viável — os recursos atuais da ciência nos asseguram a possibilidade teórica de uma travessia interastral — e vejamos as distâncias que nos separam de outros satélites do sistema solar. Aqui lidamos com cifras bem mais modestas, questão de minutos-luz ou, no máximo, de algumas horas-luz. Dos grandes planêtas, o que mais se aproxima da Terra é Vênus, separado de nós pela «bagatela» de 40.000.000 de kms. Depois vem Marte — de onde se supõe possam vir os famosos discos voadores — cuja distância de nosso globo nunca é menor do que 55.000.000 de quilômetros. A partir de Marte, os vazios interastrais começam a tornar-se assustadores. Júpiter, por exemplo, descreve sua órbita a 550.000.000 de kms. da Terra. Saturno, sob cujo signo nascem os poetas malditos, dista de nós para além de um bilhão de quilômetros, Netuno e Plutão trafegam a mais de 4 bilhões de quilômetros A extensão do sistema solar é, pois, incluindo os seus satélites mais remotos, de alguns bilhões de quilômetros.

Como se vê, as distâncias que nos separam de nossos mais próximos vizinhos — Vênus e Marte — ainda assim são rigorosamente respeitáveis. A razão de mil quilômetros por hora, um avião deveria voar cêrca de 40.000 horas, ou pouco mais de quatro anos, para chegar até Vênus, e pouco mais de seis, para atingir Marte. Os astronautas, no entanto, pretendem alcançar uma velocidade de dez a vinte quilômetros por segundo, para os seus bólidos, de maneira a que essas travessias possam realizar-se em alguns meses.

OS PLANÊTAS COMO ÊLES SAO

Suponhamos que uma astronave, vencendo tôda a espécie de obstáculos, con-

A SEMANA EM REVISTA

PAULO ANDRADE LIMA

● **RIXA — Café Filho e Antônio Balbino já não se falam. Mas amigos comuns estão procurando fazer as pazes entre os dois. O líder dessa corrente «pacificadora» é o sr. Raul de Góis, presidente do Instituto Nacional do Sal.**

● FELIZES — Nesta passagem de ano houve, de certo, muitas pessoas felizes. Mas o recôrde da felicidade, entre os homens, deve estar com o sr. Drault Ernany, pela inauguração da Refinaria de Manguinhos e, entre as mulheres, com a senhora Niomar Muniz Sodré pelo lançamento da pedra fundamental do Museu de Arte Moderna.

● **MEDIADOR — O general Nelson de Melo está desenvolvendo grandes esforços e atividades no sentido de melhorar a cotação do sr. Juscelino Kubitschek junto às Fôrças Armadas.**

● CONVITE — O governador Lucas Nogueira Garcez, de São Paulo, foi convidado, logo deixe o govêrno, a assumir a presidência de uma importante companhia de seguros paulista. Parece, contudo, que o governador não está inclinado a aceitar o convite.

● **RÊDE — Ainda S. Paulo: o conde Matarazzo estaria disposto a encampar o acervo do recém-falido Banco do sr. Roxo Loureiro. E' plano o do conde, afirma-se, estabelecer em São Paulo uma rêde de casas bancárias que operariam, principalmente, com o pessoal, operários e funcionários, das IRFM.**

● CANSADO — O sr. Monteiro de Castro, Chefe da Casa Civil da Presidência da República, queixa-se amargamente do cargo que má hora aceitou. Não tem mais tempo para nada, dorme e come mal. Está decididamente disposto a renunciar à pesada tarefa, que lhe está consumindo tranqüilidade e saúde.

● **CANDIDATOS — Ante a iminência de uma completa reforma na estrutura e no pessoal dos escritórios comerciais, os candidatos ao novo «statu quo» estão surgindo farta e afanosamente. À mesa do ministro Napoleão Alencastro Guimarães, titular do Trabalho, já chegaram pedidos para mais de vinte pretendentes aos esplêndidos lugares.**

COMO APRENDER A DANÇAR

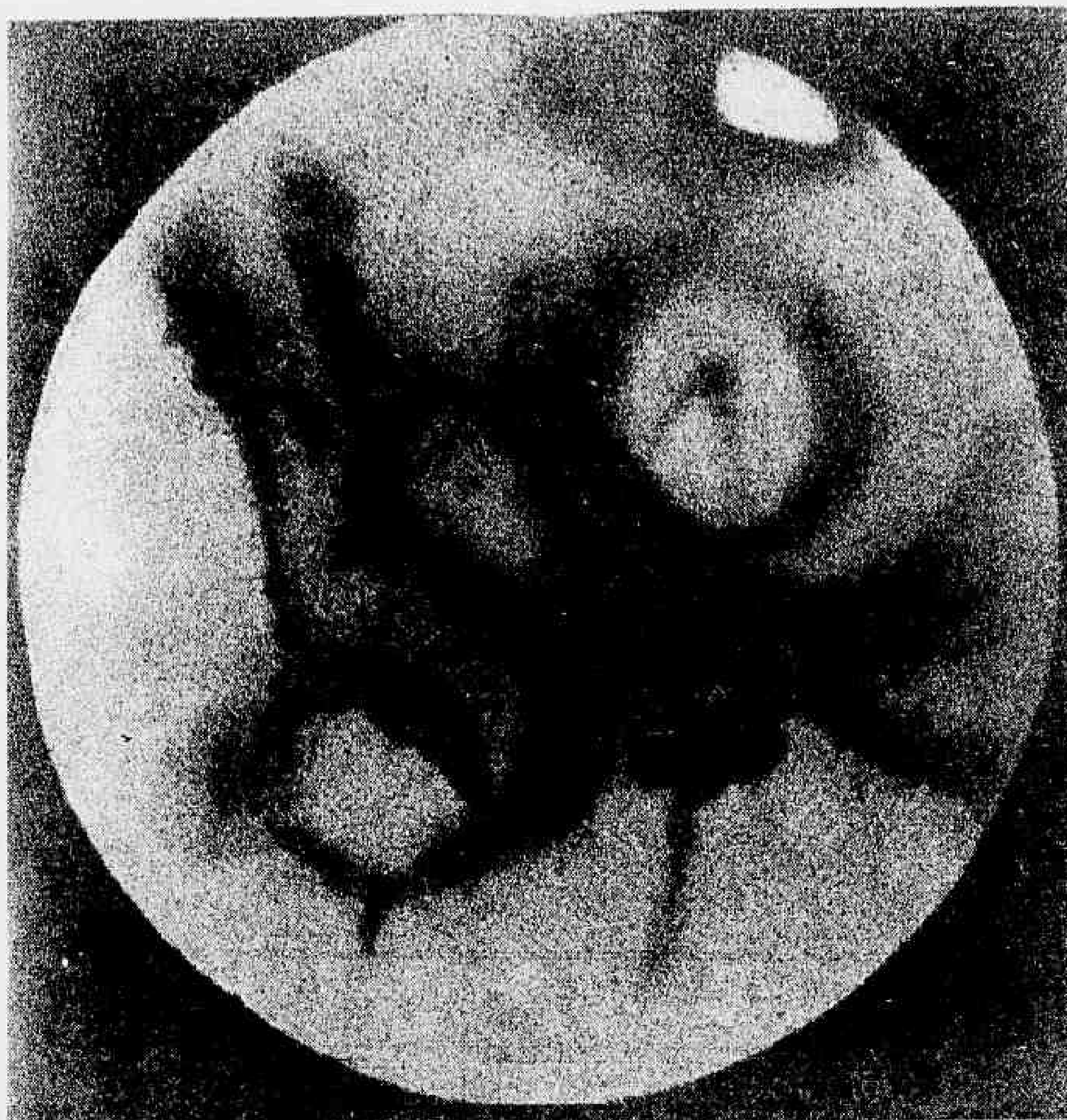
5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

A propósito dos discos voadores



Marte, desamparado na solidão do espaço, é a grande incógnita que atormenta a imaginação do homem. Sendo o planêta que conta maiores possibilidades de ser habitado, conserva-se no entanto em silêncio, no infinito espaço, apesar de tudo o que se diz e tudo o que se pensa.

seguisse chegar até os planêtas do sistema solar. Que tipo de paisagem e de atmosfera encontrariam os seus tripulantes?

A análise espectral demonstra que em Vênus, por exemplo, não existe o menor vestígio de água. As nuvens que nesse planêta se observam são constituídas por fina poeira flutuante, destituída de qualquer umidade. A atmosfera dêsse astro não contém o mais mínimo traço de oxigênio, sendo composta quase que integralmente de gás carbônico. Segundo opinião dominante entre os astrônomos, Vênus apresenta sempre ao Sol a mesma face, à semelhança do que ocorre à Lua, com respeito à Terra. A temperatura, na superfície iluminada, seria de 50 graus centígrados. A fôrça de gravidade representaria 9/10 da existente em nosso planêta.

Em Marte, a atmosfera é extremamente rarefeita (alguns centímetros de mercúrio), e composta em sua maior parte de azoto (80%), com traços de gás carbônico, de argon e, possìvelmente, de vapor de água. A temperatura é muito baixa, próxima aos 20 graus abaixo de zero. O pêso, em sua superfície, corresponde a um têrço do pêso terrestre.

Êsses dados são suficientes para demonstrar que, em Vênus como em Marte, é impossível qualquer espécie de vida biològicamente diferenciada, tal como a conhecemos. A existência de sêres humanos semelhantes a nós é absolutamente inviável, em virtude da inadequação do meio físico. Quanto aos outros planêtas, as condições do ambiente são ainda desfavoráveis às manifestações de vida. Em Mercúrio, por exemplo, a temperatura média é de 300 graus centígrados. Nos planêtas mais distantes, como Júpiter e Saturno, ela é, ao contrário, extremamente baixa (100 graus abaixo de zero). As atmosferas dêsses astros são compostas sobretudo de amoníaco e metana, e isto, sem dúvida, representa uma perspectiva bem pouco encantadora para o ser humano que lá viesse a desembarcar.

RESTA-NOS A LUA

Por fim, a Lua, eleita dos espíritos românticos, objetivo de escolha dos astronautas, que a ela se apegam por outros motivos que não os poéticos. De todos os corpos celestes, a Lua é o que de nós mais se aproxima. Um avião, à velocidade de 1.000 quilômetros por hora, chegaria às plagas lunares em 350 horas. A luz, para percorrer a distância que nos separa do pálido astro, leva apenas um segundo — o tempo de um curto suspiro. O homem, através do radar, já estabeleceu contato com a Lua. As ondas radioelétricas, emitidas contra a superfície lunar, foram captadas em seu retôrno, embora nada relatassem de sua extraordinária viagem.

Um bólido, impelido da Terra a uma velocidade de 11 quilômetros por segundo, conseguiria varar a resistência atmosférica e vencer a fôrça de gravidade, chegando à Lua sem grande dificuldade. Sua tripulação, se lá aportasse, conheceria o próprio reino da morte — nenhum som, nenhuma vida aparente, animal ou vegetal; nenhuma água, nenhuma atmosfera. Apenas um silêncio espectral, além de todos os gritos, pairando sôbre uma paisagem calcinada, feita de alcantis abruptos, de montanhas e abismos intransponíveis, tórridos durante o dia, gélidos durante a noite.

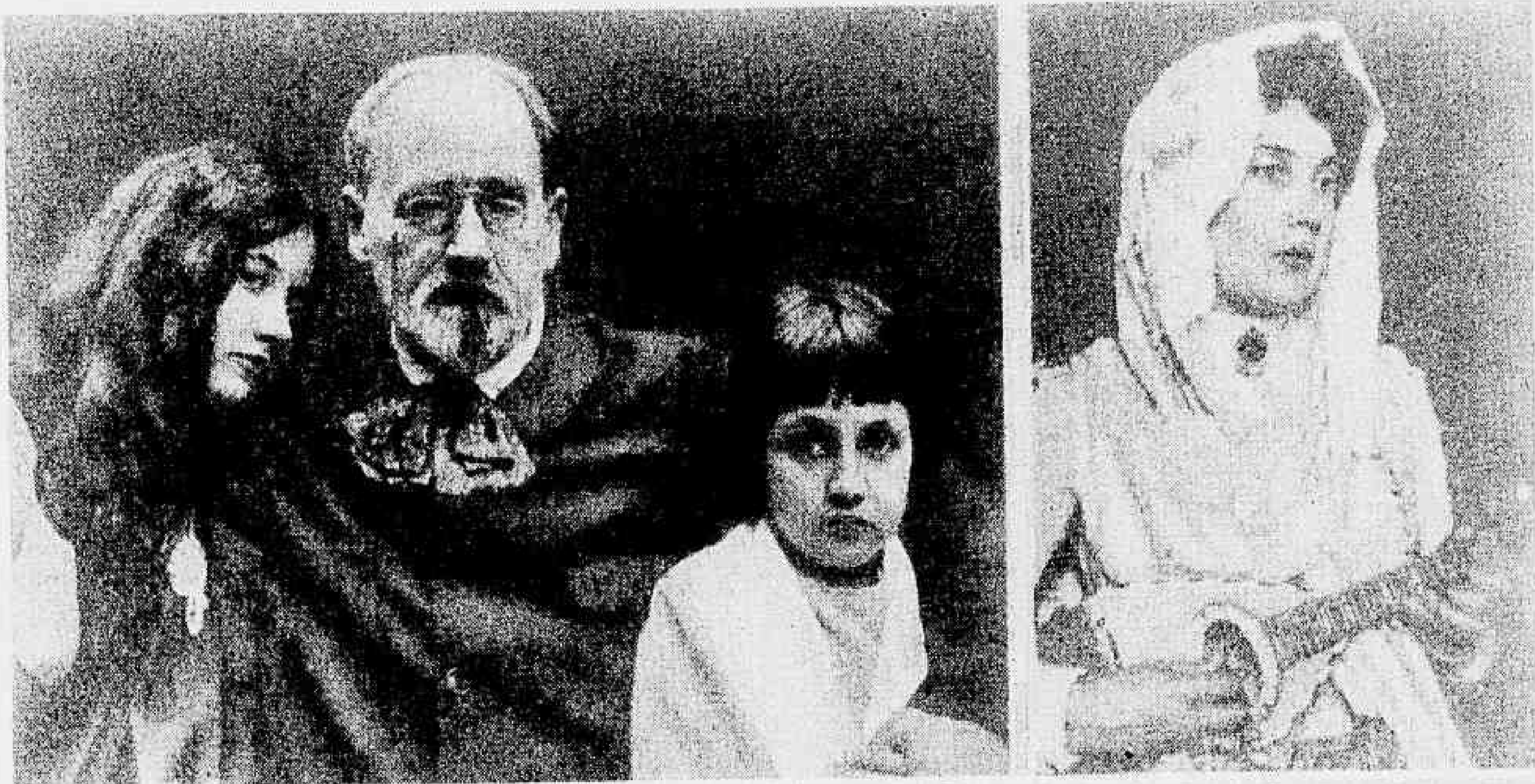
Para a ambição do homem, no entanto, essa desolação se afigura como a imagem mesma do paraíso. Pois o homem nasceu para vencer — e sua bandeira de triunfo, plantada em território lunar, significaria o primeiro passo na aventura que atualmente o deslumbra — a conquista dos grandes espaços siderais.

CRÔNICA

LITERATURA DISSIPADA

● Com o aparecimento de «Literatura Dissipada» Attilio Milano, nome de larga repercussão entre os melhores poetas brasileiros contemporâneos, faz a sua primeira incursão no terreno do ensaio. Poeta de vastos recursos, conhecedor profundo das grandes obras e autores da literatura universal, o autor de «Literatura Dissipada» preferiu entretanto, nas páginas de seu livro, valer-se da crônica ou do poema em prosa para a transmissão dos seus juízos estéticos, deixando de lado o ar grave, doutoral e pesado dos eruditos carregados de citações. E com isso, aliás, o poeta se alonga no ensaista, penetra-o e se faz ouvir com intensidade na recordação de um homem, Camões, Shakespeare, Molière ou Baudelaire, revelando-nos sempre a beleza e a harmonia onde quer que se encontrem. Daí também o extremo personalismo dos seus juízos estéticos, em que o autor se confessa e pinta ao pintar êle mesmo a um Cervantes ou Chateaubriand. Eis porque, aparentemente um livro de mil faces, «Literatura Dissipada», apresenta diferentes reações do autor, sendo na verdade um só tema e vinte e oito variações de sensibilidade, bom gôsto e inteligência, escalonadas ao longo dos seus vinte e oito excelentes capítulos.

ANTÃO PEDROSO



RETRATO — Durante muito tempo manteve-se em silêncio o romance de amor de Emile Zola. Agora, desvenda-se o mistério na Europa, publica-se o retrato de Jeanne Rozerot, a amada do autor dos «Rougon Macquart» que aparece ao lado, numa foto do próprio Zola. A outra nos mostra o escritor, ao lado de seus filhos Denise e Jacques, ambos filhos de Jeanne, hoje tida como a «inspiradora» de Zola.

NOTICIÁRIO

Em dois grossos volumes, acabam de surgir os novos poemas de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade — reunidos aos velhos, é claro. O de Bandeira chama-se "Poesias" e o de Drummond "O fazendeiro do ar".

Surgiu também, finalmente, "A menina morta", romance de Cornélio Penna.

Augusto de Almeida Filho acaba de ver editado seu novo livro de poesias — que equivale por uma estréia. Título "Rondó da Perdição". Ilustrações de Celeida, capa de Santa Rosa.

"A véspera de Deus" é um romance de Alceu Marinho Rêgo, que vem fechar o ano editorial de 1954.

O sr. José Américo de Almeida resolveu reunir em volume suas últimas entrevistas sôbre acontecimentos políticos. Título: "Ocasos de sangue".

Um novo trabalho de Francisco de Assis Barbosa: "Retratos de família".

Mário Donato, o autor que tanto sucesso obteve com "Presença de Anita", acaba de publicar uma nova obra: "Madrugada sem Deus".

Osman Lins obtém o "Prêmio Fábio Prado" com um livro que dizem acompanhar a melhor linha introspectiva do romance brasileiro, "O visitante". O autor anuncia que escreverá para o teatro.

O QUE ÊLES DIZEM

● NO BRASIL

Definição de Natal por Francisco Pereira da Silva: «E' Natal e Natal é Teatro, participação, sentido religioso, poesia.» Gostaram?

★

Visão pessoal do sr. Augusto Frederico Schmidt sôbre José de Arimatéia: «Vejo o santo homem rico, como uma espécie de presidente da Associação Comercial de seu tempo».

★

Amando Fontes: «Cada vez me convenço mais de que, nós, intelectuais, nada temos com a política».

★

De José Lins do Rêgo: «...os dois maiores poetas do Brasil... aqui presentes... Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira...» Noticiou-se que Schmidt se achava presente, mas ninguém notificou a presença calada de Emílio Moura.

★

Lêdo Ivo e João Cabral de Melo Neto numa livraria. Lêdo Ivo tomando um livro de Rafael Alberti:
— O' João, é bom êste livro?
E João Cabral:
— E' ótimo, é uma grande peça.
Lêdo Ivo verificou o preço do volume e abandonou-o.
— Não é tão bom assim — disse.

● NO ESTRANGEIRO

Poulenc, que é um grande compositor moderno, afirma que as opiniões de um melomano e de um compositor são verdadeiramente diferentes. Por exemplo, para o melomano, o maior «condutor», vivo é Toscanini, para o compositor é Hans Rosbaud. Para Strawinsky, o maior compositor moderno é Henri Sauguet, para Florent Schmitt é Raymond Loucheur... e nós, melomanos, não conhecemos nenhum dos dois.

★

Thieery Maulnier, que acaba de terminar sua adaptação de «A condição humana» de Maulraux para o teatro, submeteu a êste o manuscrito. André Mauraux declarou sêcamente que achava-o «excessivamente comunista».

★

Juliete Greco, depois de uma representação de gala, recebe em seu camarim um general coberto de condecorações. «Como é bonito, exclama ela, o senhor parece uma árvore de Natal!»

★

Marlene Dietric acaba de enviar duas fotografias suas a Jean Marais. Dedicatória da primeira, onde a vedete aparece coberta de jóias. «Também sei cozinhar». Dedicatória da segunda, que é um primeiro plano: «Não é triste que você não se tenha casado comigo? — Revelado por Jean Cocteau.

★

Sartre, sôbre Ernests Junger: «Não me fale dêste homem, não porque êle seja alemão, mas porque é um aristocrata.»
E por hoje é só.

CORNÉLIO PROCÓPIO:

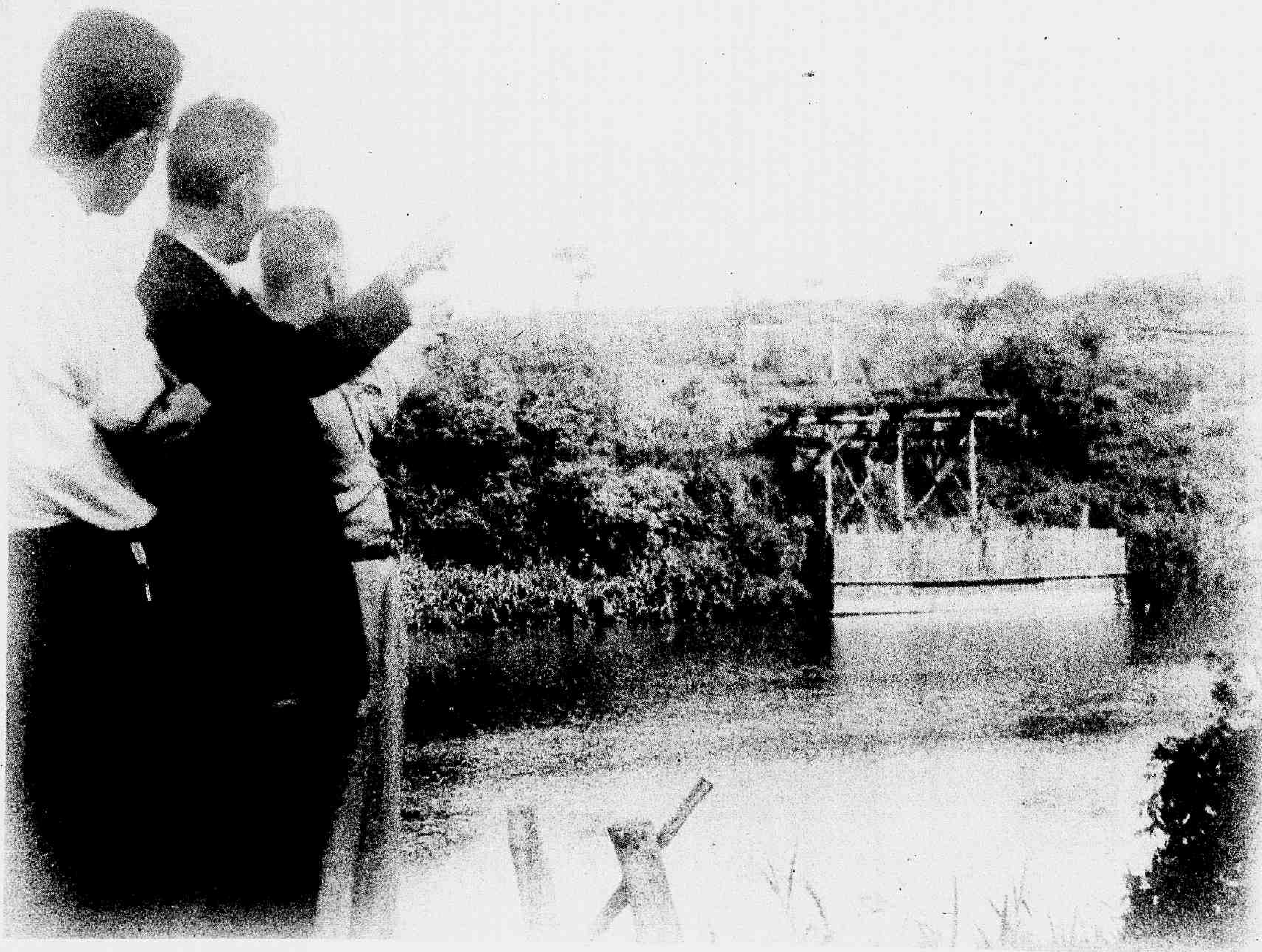
SINAL FECHADO PARA O CAFÉ

A HISTÓRIA (VERDADEIRA) DOS CAFEICULTORES DO NORTE DO PARANÁ ★ OS EFEITOS DA GEADA ★ UMA PONTE INTERMINÁVEL ★ ENERGIA E TRANSPORTES NA ESTACA ZERO, (E AINDA SE FALA EM AUMENTO DE IMPOSTOS) ★ QUANDO MAIS VALE VENDER GELADEIRAS NO POLO NORTE QUE VIVER DE CAFÉ NO BRASIL

Texto de **HÉLIO ABREU**

CORNÉLIO PROCÓPIO poderia ser hoje uma espécie de Shangri-Lá do norte do Paraná. Entretanto não o é, e culpa não lhe cabe por isso. Muitos são os fatôres a impedir o seu rápido progresso e uma melhor recuperação dos danos sofridos na geada de 1953, a saber: 1º) Ausência absoluta de estradas razoáveis; 2º) Energia elétrica paupérrima e 3º) O completo desconhecimento do govêrno federal aos máximos problemas da região.

● **DEPOIS DA GEADA... A DESILUSÃO** — Duramente atingida pela geada de 1953, Cornélio Procópio viu-se de uma hora para outra de braços tolhidos, enfrentando a mais séria crise da história do Paraná. A produção de café do município fôra, em 1952, de cêrca de 600 mil sacas, isto é, antes da geada. Depois, ou seja, em 53, esta mesma produção caía vertiginosamente para a casa das 45 mil, levando de roldão o trabalho de anos de gente para quem a terra é uma espécie de amante idolatrada. Apelou-se para os poderes públicos, comissões foram «inventa-



O ESQUELETO DA PONTE contempla a passagem das águas. Da margem, Arthur Hoffig, Pedro Baggio e Olinto Tadei Júnior mostram ao repórter a «obra-tartaruga». Por mais um pouco a ferrugem e o cupim vão demolir o que já está concluído.

das» e todo mundo dizia-se salvador do café paranaense. Mocinhos bonitos mexiam-se, nervosos, nos gabinetes de luxo a fazer planos, planóides e panos pras-mangas. E tudo deu em nada, ou quase nada, lamentàvelmente. O sistema de crédito adotado não atendeu as necessidades da região e as circunstâncias absolutamente excepcionais do drama formado pela geada. É que essa rapaziada gozada, que nunca sentiu nas narinas o pó vermelho das estradas e o cheiro bom da chuva molhando a terra, não poderia viver os problemas daquela gente que faz o progresso da cidade e, conseqüentemente, da região a custa do próprio sangue. Um ano depois (da confusão nasceu uma lei caduca que só falta hipotecar o sorriso do cafeicultor) e tudo ainda se acha no mesmíssimo lugar. As estradas são ótimas para tratores, a energia elétrica é invisível e os créditos continuam cretinos. E viva a confusão!

● **REAGE A ASSOCIAÇÃO RURAL** — Ao repórter foi dado assistir a uma reunião da Associação Rural de Cornélio Procópio, na qual foi debatido um pretenso aumento do imposto territorial. A mesa, sob a presidência do sr. Arthur Hoffig (que também é presidente do Rotary local) fêz longa esplanação do assunto através da palavra de seu secretário, sr. Wilson Baggio, um atualizadíssimo e culto fazendeiro da região. Não se fizeram sentir debates ardorosos, uma vez que todos estavam de pleno acôrdo contra o aludido aumento.

● **UMA PONTE DE MULETAS** — Fato digno de nota foi observado pelo repórter que, em companhia dos srs. Arthur Hoffig, Pedro Baggio e Olinto Tadei Júnior, visitou o «esqueleto» daquilo que há muito deveria ser uma ponte, na estrada que liga o norte do Paraná ao vizinho Estado de São Paulo. Na falta de outro meio de transporte para cruzar o rio, são obrigados os que desejam atravessá-lo a pagar pedágio ao proprietário de uma outra ponte, montada sôbre balsas, e que fica precisamente a menos de 20 metros daquela que o govêrno ainda não concluiu. O assunto é tão importante que comporta a seguinte pergunta: Por que não se fazer a encampação da referida ponte de balsas a fim de evitar-se o pagamento de um duplo tributo, como vem acontecendo, uma vez que o povo já paga diretamente ao Estado impostos que lhe fornecem meios de abrir estradas, erguer pontes e conservá-las? Outro fato entristecedor é o que diz respeito a Santa Casa local, para a qual foi erguida uma imponente construção e que não há meios de entrar em funcionamento.

● **A CIDADE NÃO PERDERÁ A BATALHA** — O repórter teve oportunidade de auscultar pessoas do maior destaque da vida econômica e social de Cornélio Procópio e, tôdas, são unânimes em afirmar que a cidade vencerá a crise por que está passando. Nós estamos de acôrdo. Vimos e sentimos o alto espírito de trabalho existente na



NA PONTE DE BALSAS O PEDÁGIO É CERTO. por esta ponte, montada sôbre balsas, passam os caminhões para São Paulo.



O CHAUFFEUR PAGA E NÃO BUFA. Cr$ 15,00 ali no duro. Eis o pedágio cobrado na ponte (particular) de balsas.



NA FOTO, aparece o pôsto «Chevrolet», de Cornélio Procópio, de propriedade de Atayde, Miyamoto e Companhia.



FALA ARTHUR HOFFIG, tendo a seu lado o sr. Wilson Baggio, secretário da Associação Rural de Cornélio Procópio.

SINAL FECHADO PARA...

cidade. Homens como Hoffig, os Baggio, Minoro Miyamoto, Ebio Ferraz de Carvalho, Márcio Tavares de Menezes, Olinto Tadei, Wandir de Almeida, José Tavares Paiva, Arlindo Benez, Floriano Landgraft etc. não cruzarão os braços à espera que o milagre caia do céu.

● **ENERGIA, ESTRADAS E A SOLUÇÃO** — Ouvimos, sôbre os problemas magnos da localidade, o sr. Wilson Baggio, secretário da Associação Rural de Cornélio Procópio.

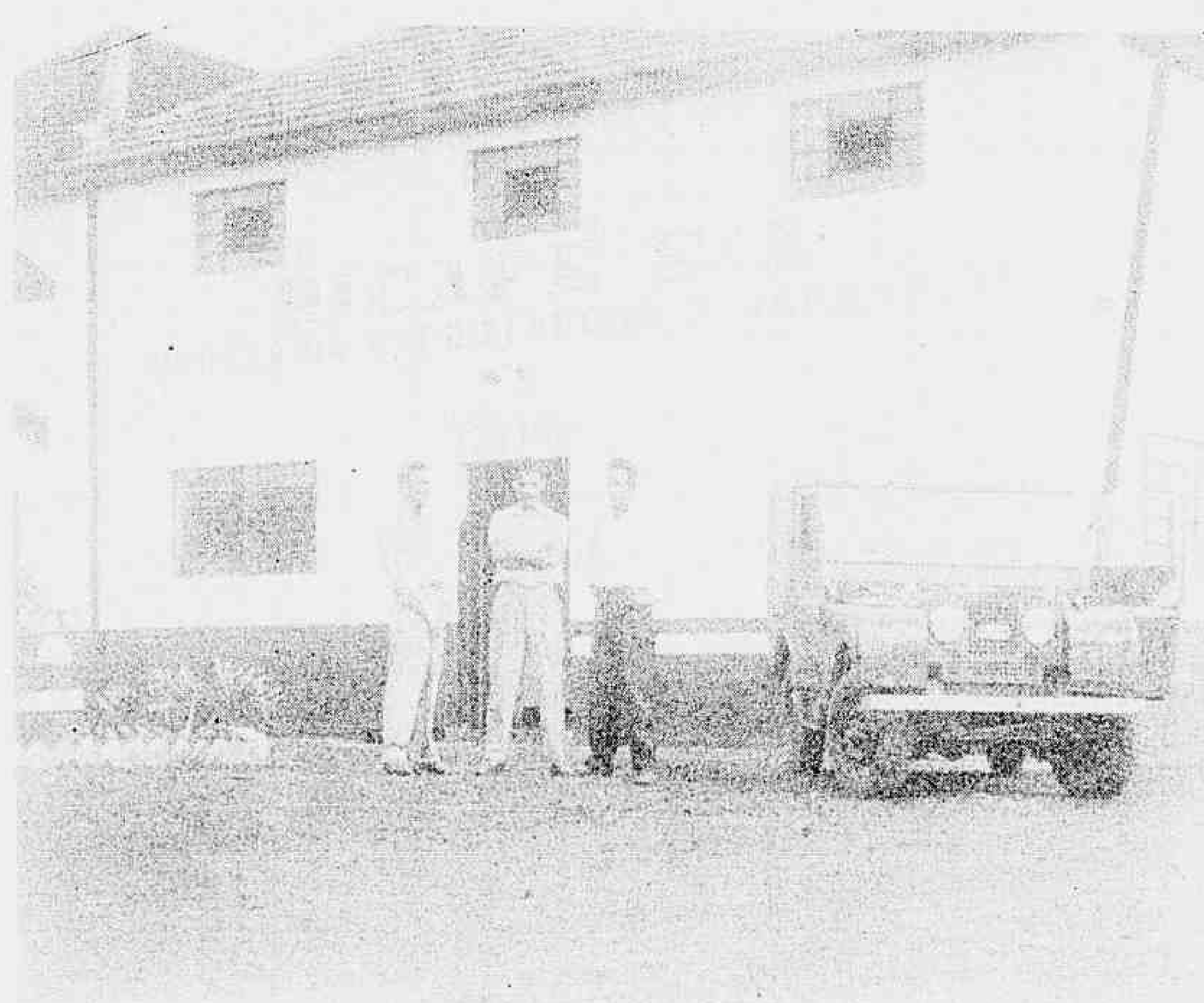
Discorreu o nosso entrevistado sôbre as medidas que, a seu ver, viriam solucionar o impasse criado pelos fatôres aludidos no início desta reportagem. Com relação ao transporte ferroviário, é o sr. Wilson Baggio inteiramente favorável a absorção da Rêde de Viação Paraná-Santa Catarina pela Estrada de Ferro Sorocabana. No setor de energia elétrica, disse o nosso entrevistado que a totalidade da indústria local possui geradores diesel, pagando assim energia a preço muito superior ao comum. Contudo, afirma o sr. Wilson Baggio que a produção cafeeira da região ultrapassará a casa das 100 mil sacas, se a natureza não influir para pior. Dissertando sôbre a política adotada pelo govêrno federal, que obriga a hipoteca da propriedade e não pura e simplesmente da colheita, declarou ter a mesma restringido os créditos e acarretado pesados ônus que influem no preço do produto e entravam a lavoura.

● **A CIDADE** — Não vão os leitores pensar ser Cornélio Procópio um fim de mundo. Isto é que não. Dispõe a cidade do único aeroporto asfaltado do norte do Paraná e suas ruas estão em grande parte livres do barro e da poeira, graças ao asfalto. Seu povo é bom e progressista. Ali residem gentes de tôdas as partes do Brasil, sendo que os mineiros predominam em número. Tem ainda um excelente serviço de trânsito sob o comando do sr. Michel Dib, um cidadão que dirige o seu departamento com a cabeça e o coração. Dona de excelente aero-clube, Cornélio Procópio tem uma boa grei de pilotos, entre êles destacando-se o sr. Arthur Hoffig (4 mil horas

DA ESQUERDA para a direita, Tadei Júnior, Márcio Tavares de Menezes e Wandir de Almeida, na RICAFÉ S.A.



O PROGRESSO ESTÁ PRESENTE em Cornélio Procópio. Na fotografia aparece uma das muitas ruas da cidade. Note-se o número de veículos.



RICAFÉ S.A., uma das mais importantes firmas de beneficiamento do produto de Cornélio Procópio. Na foto, Márcio Tavares, W. Almeida e Tadei Jr.

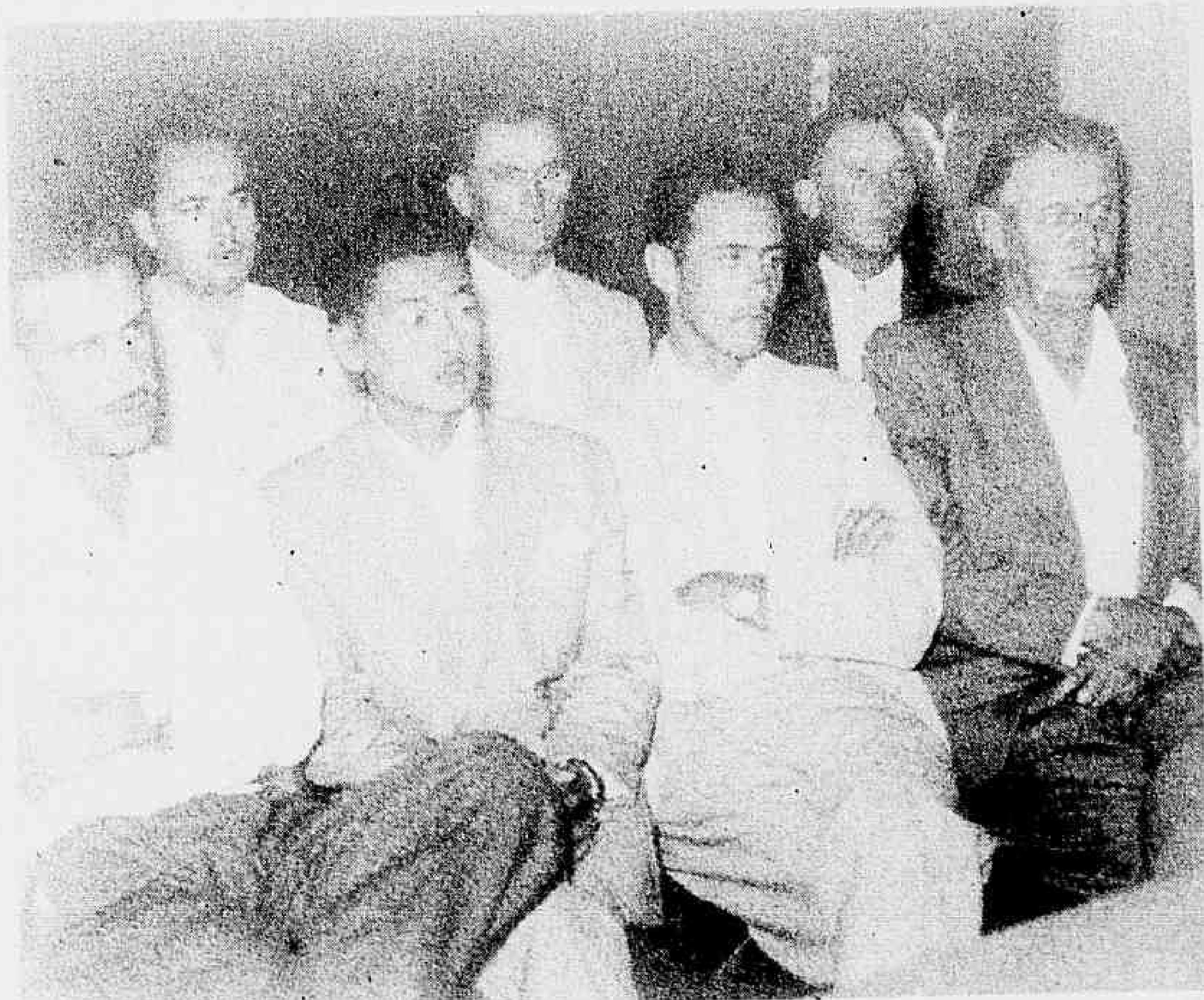


ARTHUR HOFFIG E WILSON BAGGIO. Dois pontos altos das finanças e da economia da cidade. O primeiro é presidente e o segundo é secretário da Associação Rural de Cornélio Procópio. Ambos confiam no futuro do norte do Paraná.

de vôo) que, segundo nos disseram, é um dos melhores pilotos do país. Vimos também máquinas de beneficiar café, isso graças a gentileza do sr. Márcio Tavares de Menezes, um dos diretores da **Ricafé S/A.**, que nos mostrou, detalhadamente, o funcionamento das mesmas. Mas, Cornélio Procópio merece mais que uma reportagem. É preciso muito espaço para que se possa retratá-la fielmente. E isso faremos, pois desejamos rever os bons amigos que ali fizemos e pretendemos visitar a **Fazenda do Pau d'Alho** de propriedade de nosso amigo Minoro Miyamoto, bem como ir buscar uns livros, presente do distinto capitão Rocha Loures. Aos «jornalistas» Márcio, Tadei Júnior, Wandir e Carlos os agradecimentos do repórter pela ajuda que prestaram no desempenho de nossa missão.

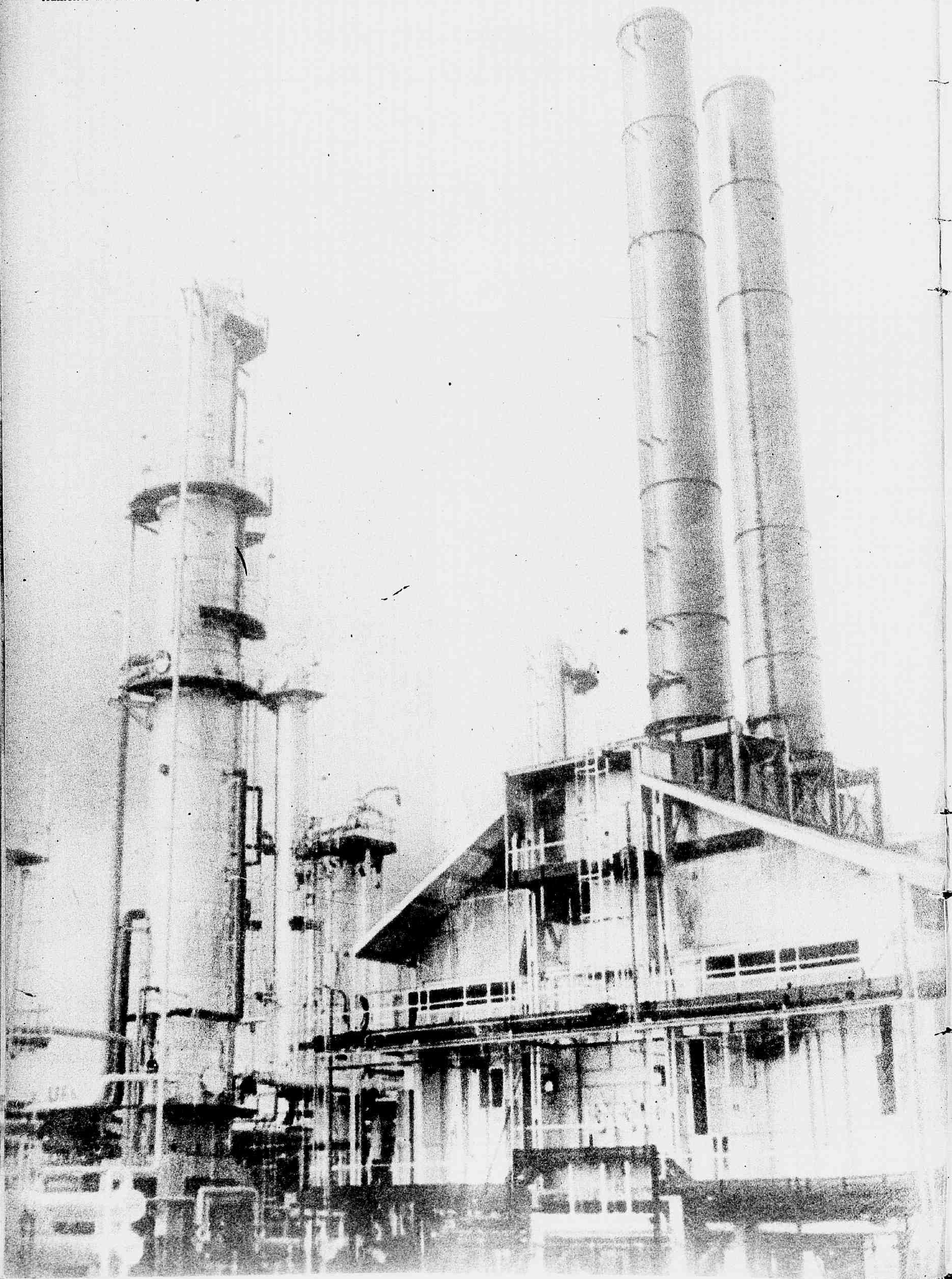


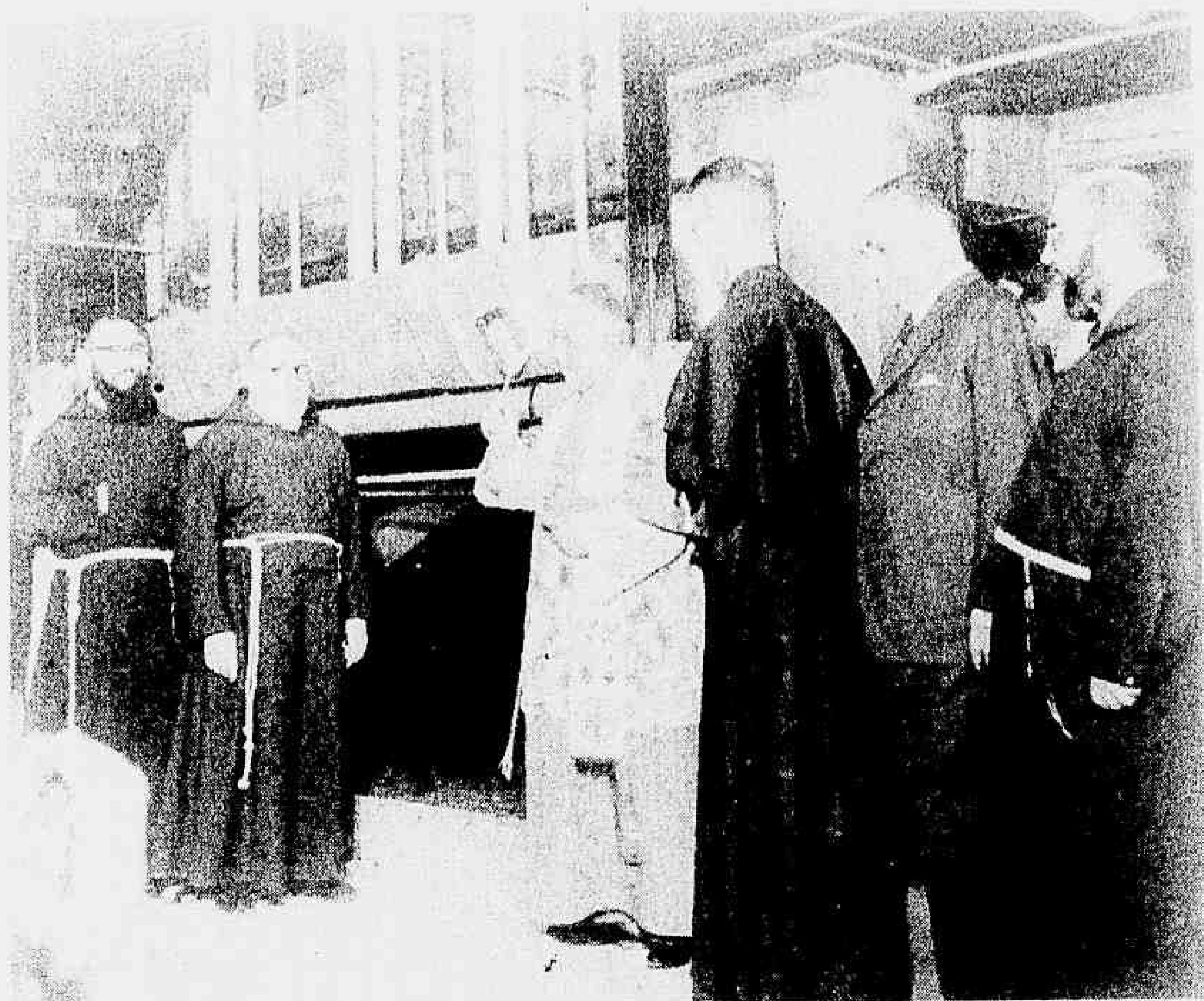
OS CAFEICULTORES ATENTOS, ouvem a uma esplanação do sr. Ebio de Carvalho, durante a reunião da Associação Rural. É alto o espírito associativo da cidade.



OS RURALISTAS ASSISTEM A WILSON BAGGIO falar sôbre o aumento do imposto territorial, nova tentativa do govêrno contra o norte do Paraná.

Tôrres de distilação da Refinaria de Manguinhos, que fabricam diàriamente 1.090.000 litros de gasolina.





D. Jaime Câmara, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, ao lado do sr. Peixoto de Castro, abençoa as instalações da moderna refinaria.



A representante da «REVISTA DA SEMANA» em palestra com o senhor Peixoto de Castro, presidente da grande Refinaria de Manguinhos.

MANGUINHOS JÁ ESTÁ FABRICANDO GASOLINA

BRASILEIROS NATOS MONTARAM E DIRIGEM A DISTILARIA COM CAPACIDADE DIÁRIA PARA 10.000 BARRIS ★ UM MUNDO MODERNO DE MÁQUINAS MONTADO EM TEMPO «RECORD»

Reportagem de JENNY PIMENTEL DE BORBA   Fotos de ARNALDO VIEIRA

COM a inauguração da Refinaria de Manguinhos, 90% da gasolina consumida na Capital Federal são fabricados no Rio, bem como 2.737 barris de óleos combustíveis e 465 barris de gás doméstico, que correspondem, respectivamente a 30% e 100% dos gastos diários da população carioca. A refinaria que está instalada em Manguinhos é de fácil acesso aos petroleiros, pois os navios atracam no cais de São Cristóvão e o oleoduto tem, apenas, a extensão de 2.500 metros, evitando fretes maiores e libertando a Central do Brasil de um transporte perigoso e que exige cuidados especiais. A firma M.W. Kellog Company, autora do projeto e outros fornecedores estrangeiros do material destinado às diversas unidades da destilaria, num total superior a 7.000 toneladas, estimaram o prazo da montagem em 14 meses. Mas os brasileiros realizaram o trabalho em 8 meses e 15 dias, obtendo um «handicap» de 165 dias.

UM MUNDO MODERNO

A destilaria compreende 8 tôrres para destilação e cracking, retortas de 78.000.000 de quilos-calorias por hora, duas caldeiras de vapor para produção de 81.000 libras por hora, oleoduto de 3 quilômetros, 40 quilômetros de tubulação subterrânea ou de superfície, 10 transformadores 3.500 KVA ligados, duas linhas de 25.000 volts, 22 tanques com capacidade para 90 milhões de litros, 64 motores elétricos diversos, alguns com a capacidade de 300 cavalos, tôrre de refrigeração e sistema de clarificação de água do mar, para uma circulação diária de 65.000 metros cúbicos, etc.

Tudo isto foi construído pela iniciativa do capital brasileiro privado, uma afirmação da confiança dos nossos homens de negócios no futuro do Brasil e, em particular, na capacidade realizadora dos operários, engenheiros nacionais. Neste sentido, o dr. Peixoto de Castro, presidente da organização, declarou aos jornalistas:

— «Acentuamos, com ufania, que para a construção da Refinaria de Petróleos de Manguinhos não contribuiu senão capital genuìnamente nacional e privado, sem financiamento estrangeiro e sem empréstimos de quaisquer natureza, diretos ou indiretos, do Banco do Brasil, Caixas Econômicas, Institutos e Autarquias».

Com a refinaria de Manguinhos, em pleno funcionamento, trabalhando com 10.000 barris, por dia, haverá apreciável economia anual de divisas da ordem inicial superior a 5 milhões de dólares, que aliviarão nossa balança de pagamentos. Manguinhos, em mãos de brasileiros natos, é obrigada a concorrer com parte de seus lucros para as pesquisas do petróleo no território nacional, conforme a lei vigente.

Uma moderna aparelhagem móvel e fixa de combate ao fogo completa a segurança da refinaria, cuja inauguração constituiu um acontecimento marcante na vida econômica do país. A solenidade teve o comparecimento do mundo oficial, sendo de destacar a presença do sr. Plínio Cantanhede, presidente do Conselho Nacional do Petróleo, e representante do Presidente da República, Cardeal Dom Jaime Câmara, Ministro Seabra Fagundes, Governadores Antônio Balbino, da Bahia; Arnon de Melo, de Alagoas; Leandro Maciel, de Sergipe; Paulo Sarazate, do Ceará e José Américo, da Paraíba, marechal Eurico Gaspar Dutra; generais Canrobert Pereira da Costa, Juarez Távora, Teixeira Lott, Nelson de Melo, J. Pessoa, Fiuza de Castro; almirantes Leonel Aragão e Joaquim Pinto Oliveira, senadores Rui Carneiro, Juraci Magalhães e Plínio Pompeu; Prefeito Alim Pedro, coronel Menezes Côrtes, Chefe de Polícia; deputados Nereu Ramos, presidente da Câmara Federal; Artur Santos, presidente da U.D.N.; Herbert Moses, presidente da A.B.I.; deputados, jornalistas, escritores, etc.

CONFIANÇA NO BRASIL

Falaram, por ocasião da inauguração da destilaria, os drs. Peixoto e Plínio Cantanhede e Drault Ernanny. Da brilhante oração do dr. Peixoto de Castro, de improviso, destacamos os seguintes trechos:

«Desagrada-me dizer qualquer coisa que possa parecer manifestação de incontida vaidade, mas não posso omitir uma declaração que o meu amor próprio, e o dos meus companheiros de Diretoria exigem, e que constituirá, talvez, um exemplo. A declaração é esta: na Refinaria de Manguinhos não há moeda estrangeira e não há um cruzeiro sequer do Banco do Brasil. E' uma declaração absoluta, sem subterfúgios e sem subentendidos».

«Vim para a luta do petróleo — muitos me acreditarão, eu desejaria que fôssem todos — vim sem qualquer ambição de lucro, mas só e só, sob o pensamento de que aquêles que já conseguiram o seu quinhão de riqueza e uma certa segurança de tranqüilidade econômica estão no dever de trabalhar com afinco e desprendimento para a coletividade».

MANGUINHOS É UM MARCO DE BRASILIDADE

O DISCURSO DO DR. PEIXOTO DE CASTRO FOI UM HINO À CAPACIDADE DO NOSSO HOMEM E DE CONFIANÇA NO FUTURO DO PAÍS

O dr. Peixoto de Castro pronunciou a seguinte oração, segundo as notas colhidas pelos taquígrafos:

«Até hoje pela manhã, foi meu propósito, para não sair do estilo habitual das solenidades da natureza da que ora realizamos, trazer escrito o meu discurso, que seria necessàriamente longo, por mais que resumisse as opiniões que se entrechocam na procura de solução para o problema nacional do petróleo.

Algumas idéias originais exigiriam crítica preliminar de teses conhecidas e obrigariam a demorada penetração em assuntos já amplamente debatidos.

Cedo compreendi que o convite às autoridades e aos nossos amigos não devia ser para o comparecimento a uma sabatina sôbre petróleo; não havia de ser para que viessem ouvir a nossa opinião, e, sim, apenas, para verem o que fizemos. Deixando, pois, de parte a controvérsia que, de quando em quando, se acende na imprensa e no Parlamento, as estatísticas alucinantes, os exemplos sempre invocados de outros países, limito-me a notar sumàriamente que tôdas as tendências se condensam em três sistemas, que procuram, cada qual, com hostilidade aos demais, dar solução heróica e absoluta ao problema do petróleo brasileiro.

O ponto de diferenciação entre êles está na natureza ou origem do capital a empregar-se. Preconiza o primeiro o capital estrangeiro; o segundo, o capital do Estado, e o terceiro, o capital nacional e privado. Em qualquer dêles se encontra, conforme as circunstâncias formulação adequada, para as necessidades técnicas e econômicas do país. E por isso, acredito sinceramente que todos êles podem conduzir aos fins colimados, até porque, já agora, não há pontos de vista, não há divergências de opinião, não há entraves, não há êrros, não há nada que detenha a marcha impetuosa dos anseios nacionais para a era do petróleo no Brasil. (Palmas). São os primeiros raios do sol nascente de nossa grandeza. Não há fôrça que impeça de despontar o dia de nossa redenção econômica. De qualquer modo, a Refinaria de Manguinhos vale pela demonstração inconcussa de que o terceiro sistema, o que recomenda o capital nacional e privado, pode dar ao problema solução rápida e perfeita.

DINHEIRO PARTICULAR

Desagrada-me dizer qualquer coisa que possa parecer manifestação de incontida vaidade, mas não posso omitir uma declaração que o meu amor próprio, e o dos meus companheiros de Diretoria exigem, e que constituirá, talvez, um exemplo.

A declaração é esta: na Refinaria de Manguinhos não há moeda estrangeira e não há um cruzeiro sequer do Banco do Brasil. E' uma declaração absoluta sem subterfúgios e sem subentendidos.

A lei proíbe a participação de capital estrangeiro nas refinarias nacionais, mas permite o financiamento. Pois bem, aqui não há participação nem financiamento estrangeiros. E quanto ao Banco do Brasil, não fêz êsse estabelecimento de crédito qualquer empréstimo à sociedade; como nada lhe devem os diretores da mesma ou as emprêsas dêles dependentes, que supriram inteiramente a descoberto, o necessário, além do capital, para construção e funcionamento da refinaria.

Vim para a luta do petróleo — muitos me acreditarão, eu desejaria que fôssem todos — vim sem qualquer ambição de lucro, mas só e só, sob o pensamento de que aquêles que já conseguiram o seu quinhão de riqueza e uma certa segurança de tranqüilidade econômica estão no dever de trabalhar com afinco e desprendimento para a coletividade.

OLHANDO PARA FRENTE

É por isso que ao prestar homenagem ao primitivo titular da concessão sr. Drault Ernani, quero referir que êle, ao oferecer-me o comando da emprêsa não usou uma vez que fôsse, para vencer minhas resistência iniciais, do argumento dos lucros que o negócio proporcionaria.

Êsse admirável idealista que é Augusto Frederico Schmidt, em sua veemente catequese, no mesmo sentido, não invocou para convencer-me senão o meu dever e a ventura de contribuir para o bem e para a felicidade do Brasil.

Aí está porque hoje me encontro ao lado de grandes brasileiros, como Plínio Catanhede, Artur Levi, em trabalho comum com os dignos diretores da União, Ipiranga, Cubatão e Mataripe, todos empenhados na grande batalha do petróleo, da qual nossa Pátria sairá altaneira e vencedora.

Foram grandes os trabalhos e as inquietações mas não me arrependi, nem me arrependeria, mesmo quando aqui tivesse sofrido pessoalmente um grave desfalque financeiro.

Pareceu-me no comêço que a emprêsa era qualquer coisa como a conquista de um mundo novo e misterioso, inacessível talvez, ao brasileiro, tido geralmente como escasso de recursos técnicos e financeiros; uma quimera que para transformar-se em realidade exigiria milagres de devotamento e pertinácia. Mas, não é tanto assim. Iniciando a peleja, em companhia de devotados companheiros de diretoria e de uma admirável equipe de engenheiros brasileiros, logo verifiquei que não havia obstáculos infranqueáveis no caminho, nem transcendentes questões a deslindar. Por certo que não nos encontramos diante de um empreendimento banal, mas também não nos defrontamos com nenhum Moloch, pronto a calcinar nos braços de fogo quem pretendesse passar adiante.

Uma refinaria de petróleo é custosa, mas custosa como algumas indústrias que já existem no país, e, pois, inteiramente acessível ao capital nacional. Dir-se-á, porém, que a refinaria de petróleo exige mais dólares que qualquer outra indústria. Equívoco. Exige menos, muito menos, por exemplo, que uma siderúrgica, uma indústria de rayon e mesmo uma grande fábrica de tecidos.

No custo da Refinaria de Manguinhos entram, por um têrço, os dólares relativos ao material importado, ao projeto de engenharia e a alguns salários pagos no estrangeiro; e, por 2 têrços, os cruzeiros correspondentes às aquisições e gastos feitos no país. Se tivéssemos de construir uma outra refinaria, essa parcela de dólares seria consideràvelmente diminuída, talvez não excedesse mesmo de 20 por cento, porque muita coisa que importamos, pode ser feita no país, como tanques, tubulações, algumas bombas e mesmo algumas tôrres. Mas, e a pesquisa e extração do petróleo? perguntar-nos-ão. E eu prontamente responderei: estamos mais próximos de sua realização e êxito hoje, do que, há dois anos, estávamos das refinarias que começam agora a funcionar.

PRECES DIFERENTES

As sondagens ao acaso, como faziam os primitivos pesquisadores do Texas, lançando o chapéu ao ar, para perfurar onde êle caísse, ou orientando-se pela vegetação ressequida e pobre, são coisas do passado. É puro terrorismo publicitário, essa história de cem perfurações estéreis para uma frutuosa. É preciso ter-se em mente que as utilidades do petróleo sòmente foram notadas e consideradas, em épocas relativamente recentes. Ainda no século passado, os mineradores de sal no Kentucky dirigiam preces ao céu para que não aparecesse óleo em suas escavações, por que o petróleo destruía todo o seu trabalho e arruinava-os.

Quando a Rússia conquistou os territórios, onde mais tarde se erigiria a famosa Bakou, O Czar Alexandre I nomeou uma comissão de eminentes cientistas, para dar parecer sôbre uma substância estranha que exsudava do solo naquela região. O parecer dos cientistas russos não demorou e concluiu assim: «trata-se de um óleo que cheira muito mal e não serve para coisa alguma».

Quando o petróleo tornou-se realmente uma riqueza no mundo contemporâneo, a ciência da prospeção de poços fêz progressos extraordinários. Mas, mesmo antes dêsses progressos, antes das últimas e notáveis conquistas da geofísica, antes da prospeção elétrica, antes do radar, quando ia em meio a segunda guerra mundial, e era preciso acudir às necessidades, cada vez maiores, de essência dos exércitos aliados, e também compensar as perdas resultantes do afundamento de petroleiros, os americanos voltaram a procurar febrilmente petróleo em seu território já quase todo esquadrinhado. Apesar das prospeções apressadas, como as circunstâncias permitiam, o resultado foi de um poço achado em cada 5 perfurações.

Daí para cá, o número de perfurações malogradas tem diminuído consideràvelmente. O solo virgem do Brasil não decepcionará os seus pesquisadores.

Meus senhores, está inaugurada a Refinaria de Petróleo de Manguinhos. Acendeu a chama inicial o representante do Exmo. Sr. Presidente da República, o que agradeço cordialmente, em nome de todos que aqui trabalham. Ministrou-lhe a benção litúrgica sua Eminência o Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, que se dignará receber nossos humildes agradecimentos. Exoramo-la, porque nada se pode sem a proteção de Deus.

Ficamos, também, profundamente agradecidos a todos que correspondendo ao nosso convite, compareceram a esta solenidade. Estão em trabalho tôdas as unidades da Refinaria, tanto as principais como as acessórias. Nada ficou inerte, está tudo em ação, para funcionar dia e noite, sem interrupção, a não ser, entre longos períodos, para serviços de reparações.

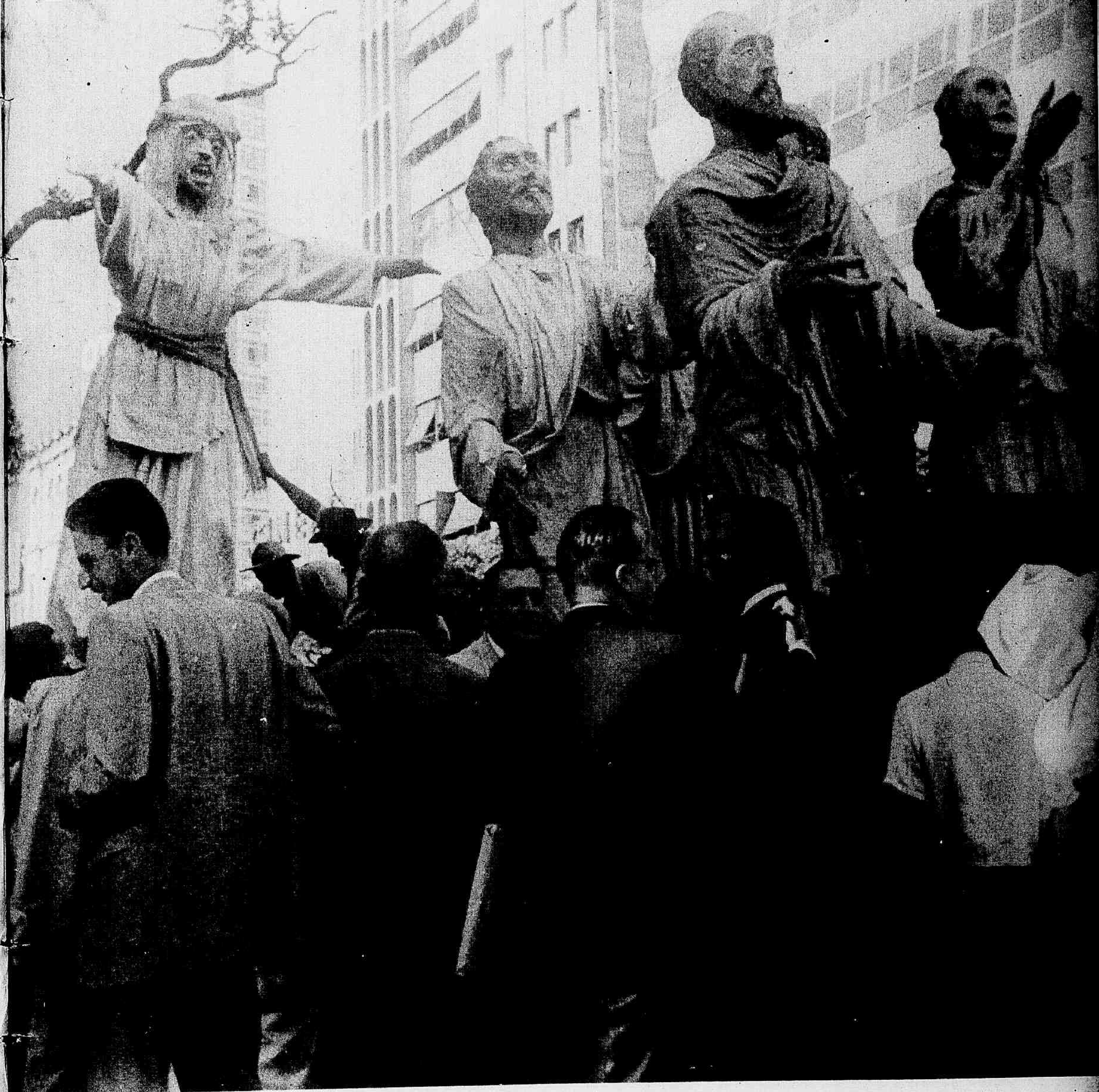
As refinarias de petróleo, mesmo particulares, estão sujeitas a instrução e contrôle do Conselho Nacional do Petróleo.

Para nossa honra e ventura está entre os presentes o eminente engenheiro Plínio Catanhede, presidente dêsse Conselho. Peço a êsse grande chefe que se digne inteirar-se de que lealmente cumprimos as obrigaçõs assumidas, incorporando, como acabamos de incorporar, ao patrimônio econômico da Nação, a Refinaria de Petróleo de Manguinhos, em pleno funcionamento. (Palmas prolongadas).»



O sr. Peixoto de Castro ao microfone, vendo-se o general Juarez Távora, o eng. Plínio Catanhede, representante do presidente João Café Filho, sr. Drault Ernany, governador José Américo, sr. San Thiago Dantas, o governador eleito da Bahia sr. Antônio Balbino, e a escritora Jenny Pimentel de Borba.

Aconteceu no Rio de repente:



A multidão se regozija diante do desfile que é recolhido. Há os que se abraçam, há os que apontam, há os que contemplam embevecidos.

DESFILAM MONSTROS NA AVENIDA

Como o carioca viu a parada — "Paus de arara do Egíto" — "Parada da Fome" — "Fila do Abono" e vários nomes pitorescos — Retirada apressadamente — Treme o trono do sr. Alfredo Pessôa









Os profetas em marcha, de braços abertos, uns suplicantes, outros ameaçadores, todo um mundo estranho e teratológico, por algumas horas.

NÃO sabemos bem que espírito animou o sr. Alfredo Pessoa a imaginar o estranho desfile com que resolveu comemorar os festejos de Natal. Talvez, por uma dessas quentes noites de verão, tenha sonhado com os Profetas do Aleijadinho em desfile rumo ao obelisco... ou qualquer procissão barrôca, que a noite sagrada surpreendesse em transes de movimento. A verdade é que, de um momento para outro, sem aviso prévio, o carioca encontrou aquilo diante dos olhos: um mundo alucinado e gigantesco, de braços abertos, olhos esgazeados, clamando ninguém sabia o que, e caminhando ninguém sabia para onde.

E' claro, o fato causou escândalo e começaram os ajuntamentos. Se o dr. Alfredo Pessoa imaginou obter algum sucesso, assistia ao pleno coroamento de seus planos. Havia sucesso, e mais do que isto profundo estupor. Começaram os comentários e os primeiros jornais trouxeram o «furo». O Departamento de Turismo havia gasto na geringonça mais de trezentos mil cruzeiros. Despertado pelo rumor, o sr. Alim Pedro deve ter ido espiar o que acontecia — e realmente se horrorizou, como aconteceria a qualquer pessoa de senso comum. Os monstros eram tão horríveis que chegavam a ser belos. Um puro Carnaval para crianças, e choveram os apelidos: «Paus de arara do Egito», «parada da fome», «fila do abono» e outros.

No dia seguinte, pela manhã, bem cedo, como



extasiou e divertiu o carioca sem preconteitos...



convém a uma «fuga», os monstros partiram em direção ao mundo de que tinham vindo. Retornavam os marcianos, e a rua limpa, oferecia de novo o aspecto de costume. Resta-nos agora, perguntar: quem será o responsável por esta gafe? Evidentemente o dr. Pessoa. E neste caso, o Prefeito, que é um homem de reconhecido bom gôsto, e para atestar isto, basta o seu gesto de repulsa, mandando recolher os bonecos, que providências tomará para punir os responsáveis?

ÚLTIMO FLASH



QUEM É ELA?

● Não se surpreenda, leitor, o título está certo: Quem é ela? A gravura mostra uma imitadora de Carlito e não «um». Alguém muito relacionado com o público, Rosina Pagã, em Nova York, depois de uma excursão por Londres, Paris, Roma, Nápoles, Florença, Capri, Deauville, Cannes, Berlim, Hamburgo, Düsseldorf, Atenas, Belgrado e Stambul.

Em uma dessas cidades compareceu a um baile à fantasia, imitando Carlito (gravura ao lado). Em cima, Rosina toma um banho de sol e aprecia os telhados de Paris.

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

REVISTA DA SEMANA

ANO 55 — Nº 2 — RIO DE JANEIRO — 8-1-55

Propriedade da
Companhia Editôra Americana

Diretor-Presidente........................Gratuliano Brito
Diretor-Comercial........................Ivan Guimarães
Diretor-Gerente........................Wenceslau Quintais
Redatores e corretores...S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega

ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.



J. T.

— «Se vim da revolução à ordem,
não foi processo de vez:
Hoje sou contra a desordem»
— (É o lema de Juarez).

FORTUNA (depois de Pirandello) **APRESENTA**

Seis personagens (de novela) a

GASTÃO

Másculo, bem soante, eufônico, radiofônico — evidentemente êsse será o nome do galã. Seu aspecto físico ficará estabelecido em frases assim:

— Mas é encantador!
— Que rapaz simpático!
— Um amor!...

O produtor terá o cuidado de fazer com que essas frases sejam ditas exclusivamente por vozes femininas, para evitar interpretações dúbias.



A IDÉIA QUE O OUVINTE FARÁ DE GASTÃO



O RADIATOR QUE VIVERÁ O PAPEL DE GASTÃO

VIRGÍNIA

[illegible], puro, feminino, eufônico, radiofô-nico — [illegible] será o nome da in-[illegible] [illegible] físico ficará [illegible] frases assim:

— [illegible]
— Ah!
— [illegible]
— Oh!

[illegible] — [illegible]



A IDÉIA QUE O OUVINTE FARÁ DE VIRGÍNIA



A RADIATRIZ QUE VIVERÁ O PAPEL DE VIRGÍNIA

DÉBORA

Esdrúxulo, proparoxítono, será o nome da prima invejosa de Virgínia, que ajudada pela tia [illegible] de Virgínia, quer tomar Gastão de Virgínia... Quanto ao seu aspecto físico, não há especificações: Débora é apenas um caráter. Aliás, um mau caráter, como o ouvinte deduzirá desta sua frase:

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Pois enquanto isso, Virgínia estava fazendo: "Oh! Oh! Oh! Oh!"



COMO O PRODUTOR HAVIA IMAGINADO DÉBORA



COMO A RADIATRIZ SE ENCARREGARÁ DE INTERPRETÁ-LA

procura de um patrocinador

DONA MICAELA

Deselegante, vulgar, ridículo, será o nome da tia má de Virgínia. Seu aspecto físico será sugerido por uma voz que tem a idade que aparenta, embora a artista não aparente a idade da voz que tem. E seu péssimo caráter se deduzirá dêste diálogo:

VIRGINIA — Não!
D. MICAELA — Sim!
VIRGINIA — Oh, não!
D. MICAELA — Ah, sim!
VIRGINIA — (chora)
D. MICAELA — (gargalha)

A IDÉIA QUE O OUVINTE FARÁ DE D. MICAELA NO 1º CAPÍTULO



E QUANDO A NOVELA ACABAR, APÓS 5.796 CAPÍTULOS



PADRE ANTÃO

Clássico, respeitável, austero — evidentemente Padre Antão é nome de padre. Seu aspecto físico é o que todos conhecem. Mas o caráter é bondoso, caridoso, despreendido, elevado... E principalmente muito culto, pelo menos na opinião do produtor, que o faz dizer coisas assim:

— Muito faz quem não estorva!
(Almanaque do Pôrto, 1945)

— A preguiça é a mãe de todos os vícios!
(Almanaque da Saúde da Mulher, 1932)

— Os passaritos fagueiros saltitam de galho em galho, compondo hinos de louvor ao Criador.
(Vida Doméstica, 1954)

COMO A OUVINTE ESCUTARÁ O PADRE



COMO O INTÉRPRETE SE SENTIRÁ FAZENDO O PADRE



MÃE CATARINA

Doce, pitoresco, tresandando a senzala e folclore, será o nome da preta velha, que amamentou Gastão e criou Virgínia, prima de Débora e afilhada do Padre Antão, compadre de Micaela, que vem a ser tia de Virgínia em 3.º grau e tia legítima de Débora, irmã de Gastão por travessura paterna — segrêdo que Mãe Catarina guardará zelosamente para não desvendar antes do tempo o fio da novela. Mãe Catarina é preta, mas como a voz é incolor, ela mesma se encarregará de frisar repetidas vêzes que é uma preta velha:

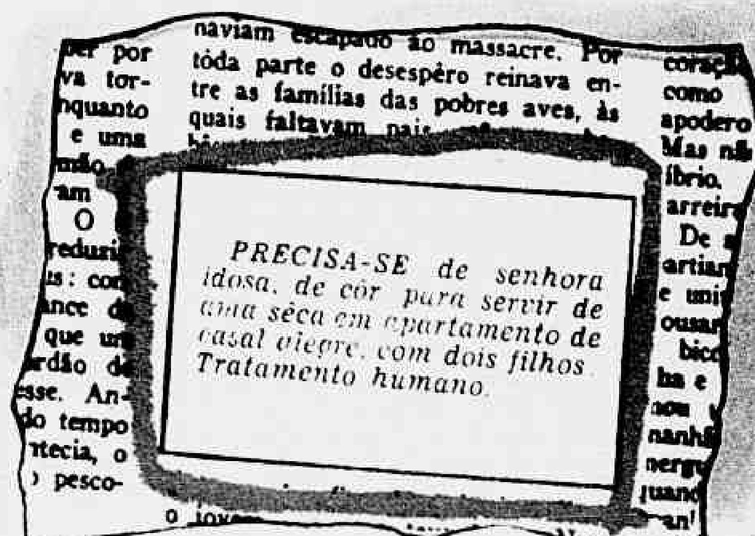
— Ai, sinhô, num bate em Preta Véia!
— Preta Véia tá morrendo de dô!
— Preta Véia num pode morrê! Preta Véia num pode!

Assim ficará esclarecida, digo, escurecida a côr de Mãe Catarina.

A FIGURA DE MÃE CATARINA

NOTA EXPLICATIVA

O leitor certamente terá notado a ausência de Mãe Catarina no quadrinho ao lado. Aconteceu que um ouvinte, condoído de sua sorte, enviou-lhe êste recorte de jornal:



haviam escapado ao massacre. Por tôda parte o desespêro reinava entre as famílias das pobres aves, às quais faltavam pais...

PRECISA-SE de senhora idosa, de côr para servir de ama sêca em apartamento de casal alegre, com dois filhos. Tratamento humano.

E Mãe Catarina se foi da novela

ANUNCIE

no matutino de maior penetração em tôdas as camadas sociais do Distrito Federal

Diario de Noticias

APRESENTA

ULTIMOS ACON... MUNDO

esportes...

...reportagens diversas

...e ampla secção de propaganda comercial

Diario de Noticias

RUA DA CONSTITUIÇÃO, 11 — TEL.: 42-2910

O MATUTINO DE MAIOR TIRAGEM DO DISTRITO FEDERAL